

LÂMINAS PREDESTINADAS



ILONA
ANDREWS



editora
CABANA VERMELHA

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

LÂMINAS PREDESTINADAS



Table of contents

1. [Capítulo 01](#)
2. [Capítulo 02](#)
3. [Capítulo 03](#)
4. [Capítulo 04](#)
5. [Capítulo 05](#)
6. [Capítulo 06](#)
7. [Capítulo 07](#)
8. [Capítulo 08](#)
9. [Capítulo 09](#)
10. [Epílogo](#)
11. [Sobre a autora](#)

Guide

1. [Cover](#)
2. [Beginning](#)
3. [Table of Contents](#)



LÂMINAS PREDESTINADAS

ILONA
ANDREWS

TÍTULO ORIGINAL: FATED BLADES

LÂMINAS PREDESTINADAS

Copyright © Editora Cabana Vermelha 2024

Copyright © Ilona Andrews 2021

Publicação mediante um acordo de licença originário da Amazon Publishing, www.apub.com,
em colaboração com Sandra Bruna Agência Literária.

Diretora Editorial Elaine Cardoso

Assistente Editorial Tiago Toy

Tradução Sara Lima

Preparação de Texto Tiago Toy

Capa Mirella Santana

Diagramação IANDRADE

Sumário

Capítulo 01

Capítulo 02

Capítulo 03

Capítulo 04

Capítulo 05

Capítulo 06

Capítulo 07

Capítulo 08

Capítulo 09

Epílogo

Sobre a autora

Sinopse:

Uma aliança desconfortável entre famílias rivais se aquece nesse romance de outro mundo da autora best-seller Ilona Andrews.

À primeira vista, o planeta Rada parece um paraíso exuberante. Mas as famílias governantes, todas com habilidades geneticamente aprimoradas, estão em constante competição pelo poder – e nenhuma mais do que os Adlers e os Baenas. Durante gerações, as poderosas famílias vêm se confrontando em uma dança pelo domínio.

Até que uma traição catastrófica interna muda tudo.

Agora, os líderes mortais, disciplinados e solitários Ramona Adler e Matias Baena precisam deixar de lado a inimizade e trabalhar juntos em segredo para impedir que forças sinistras explorem uma tecnologia que pode alterar o universo. Esperando sofrer com sua incômoda aliança, Ramona e Matias descobrem que se entendem como ninguém em suas famílias – e que suas habilidades combinadas podem eclipsar os riscos de sua aliança proibida.

Enquanto os dois guerreiros arriscam suas vidas para salvar suas famílias, eles devem decidir se resistem ou abraçam a paixão crescente entre eles. Por enquanto, a dança entre suas famílias continua – mas um único passo em falso pode significar o fim de ambos.

De todas as famílias em Nova Delphi, tome mais cuidado com os secare, meu filho.

Somos kinsmen. Os nossos antepassados melhoraram as nossas linhagens para ajudar a humanidade a se espalhar pelas estrelas. Todos nós treinamos para a arte do combate individual. Somos mais rápidos e mais fortes que um humano comum. Somos duelistas, mas os secare foram criados para massacrar. Eles se destacam com assassinatos em massa. Essa é a única razão pela qual foram criados. A nossa salvação é que as duas famílias secare se odeiam mais do que detestam todos os outros.

Custe o que custar, evite conflitos com os secare. Se surgir uma oportunidade de competir com eles, deixe-a passar. Não se torne seu inimigo e, melhor ainda, não se torne seu amigo, pois não pode haver paz entre os Baena e os Adler. Mais cedo ou mais tarde, entrarão em conflito outra vez, como os antepassados fizeram há gerações, e se você se aliar com um dos dois, vai acabar enfrentando o brilho vermelho-sangue da lâmina seco.

Se alguma vez encontrar dois secare que se movem como um, esqueça o orgulho e fuja, meu filho. Sua vida é mais preciosa para mim do que qualquer tesouro nesta galáxia.

Carta enviada por Henri Davenport para Haider Davenport

Planeta Rada, província Dahlia, cidade de Nova Delphi

Capítulo 1

As rotinas traziam ordem ao caos da vida. A ordem era algo que Matias Baena prezava bastante, e então todas as segundas-feiras, às sete da manhã em ponto, ele entrava no seu escritório no último andar da lâmina torcida que era a Torre Baena e passava as três horas seguintes discutindo os problemas que haviam se acumulado durante o fim de semana. Ele lia tudo, organizando por prioridade e formulando um plano de ação. Às dez da manhã, nem um minuto a mais, a pequena equipe do seu melhor pessoal entrava no escritório para fazer sugestões e receber as suas instruções.

As manhãs de segunda-feira eram sagradas. A porta do escritório ficava fechada, o visor de vídeo bloqueado para o recebimento de chamadas, e os visitantes eram instruídos a esperar, não importava quem fossem. Nada menos que um ataque ao edifício justificaria uma interrupção, então, quando Solei irrompeu pela porta, Matias levantou a cabeça do relatório do progresso de P&D e se preparou.

O chefe de segurança parecia imperturbável. De altura média, com o corpo magro e poderoso de um atleta de combate, pele morena clara e cabelo loiro-claro, Solei era um civil há seis anos, mas sua postura tinha sido alterada pelas centenas de batalhas espaciais. Ele relataria um pequeno vazamento ou uma invasão planetária com a mesma calma controlada.

— Pois não? — perguntou Matias.

— Ramona Adler está aqui.

Ele devia ter ouvido mal.

— Defina *aqui*.

— Ela está esperando na sala de conferências 1A.

— Esperando o quê?

— Ela gostaria de falar com você. Em particular.

Se Solei tivesse anunciado que seu falecido pai havia se levantado da sepultura e aguardava do lado de fora daquela porta, Matias teria ficado menos surpreso.

De todas as famílias kinsmen que Matias não gostava na cidade

de Nova Delphi – e ele detestava a maioria –, os Adler eram os únicos que odiava. Não era um ódio pessoal. Era generalizado, herdado do mesmo jeito que havia herdado o cabelo preto do pai e os olhos cor de avelã da mãe. Tanto os Baena quanto os Adler haviam chegado ao planeta quase ao mesmo tempo, instalando-se na mesma província e inevitavelmente fazendo negócios na mesma cidade, ambos detentores da mesma quantidade de território e recursos. E, mais importante, ambos eram secare.

As duas famílias entraram em conflito várias vezes durante os primeiros cento e cinquenta anos em Rada. A última explosão de violência tinha ocorrido quando o seu avô era jovem e terminou sem qualquer cessar-fogo formal. Os dois lados quase se exterminaram e apenas não podiam continuar lutando. Desde então, os Adler e os Baena haviam se contentado com hostilidade, sempre observando um ao outro, sempre prontos para a rixa explodir em violência furiosa. A animosidade era mútua e profunda. E agora Ramona Adler esperava na sua sala de conferências.

O que seria tão importante? A política de evasão deles tinha funcionado bem até aquele momento. Quando forçados a estar em alguma proximidade em público, ele e Ramona ignoravam meticulosamente a existência um do outro, e a sociedade kinsmen, que tinha uma ótima memória, apoiava com entusiasmo a estratégia deles de evitar uma guerra sangrenta. Eles nunca se sentaram próximos. Nunca foram apresentados de modo formal. Nunca conversaram.

Ramona podia ter ligado. Em vez disso, marchou para a sua toca e exigiu vê-lo. Ela sabia que ele podia reagir com violência.

A princípio, poderia ter chamado isso de imprudente, exceto que Ramona Adler não era nem um pouco imprudente. Ele a estudava desde a adolescência porque ela era uma inimiga em potencial, e Matias a conhecia tão bem quanto conhecia sua própria família. Ramona era como uma das raposas de pelo parecido com fumaça que habitava a floresta profunda no Norte: cuidadosa, calculista e sutil. Só atacava quando tinha total confiança em seu sucesso – e era letal.

Ele precisava saber por que Ramona estava ali, e só havia um jeito de descobrir.

Matias se levantou e saiu pela porta. Solei se virou com uma precisão firme que sobrava de seus dias militares e o seguiu, uma sombra vigilante e silenciosa.

A sala de conferências ficava do outro lado da torre, separada do escritório de Matias por um corredor de cem metros. O edifício Baena pegara emprestado o formato estendido da lâmina seco que

dava o nome aos secare. Começava como uma onda, uma curva baixa de plasteel envolta em painéis de vidro solar escuro, mergulhada, e de repente subia setenta metros, expandindo-se para um plano vertical duro. Um aviso não tão sutil.

O vidro se iluminava ao subir, e ali, no topo do prédio, os painéis eram um vermelho profundo e vívido. A luz colorida inundava os corredores através do teto translúcido. Na maioria das vezes, ele achava reconfortante, mas naquele dia o ar acima do chão preto parecia encharcado de sangue.

A maioria dos kinsmen não sabia de onde vinham suas habilidades únicas. Sua origem havia sido perdida por séculos de expansão galáctica. Os secare eram diferentes. Todos traçaram suas origens até a Segunda Guerra da Orla Externa, quando dois impérios interestelares emergentes se chocaram num aglomerado de planetas com muitos recursos. O conflito brutal durou sessenta e dois anos padrão, e os secare tinham sido geneticamente projetados para aquela guerra.

Enquanto enormes naves espaciais colidiam através dos sistemas estelares, gastando energia e explodindo mísseis, os secare lutavam em locais próximos com armas seco embutidas em seus corpos. Uma ferramenta como nenhuma outra, a tecnologia seco permitia que seus proprietários projetassem campos de força de curto alcance dos braços que poderiam se tornar um escudo ou uma lâmina em um instante. Um escudo seco poderia absorver uma explosão de energia e parar um fluxo de projéteis. Uma lâmina seco podia cortar metal sólido como se fosse manteiga em temperatura ambiente.

Os secare tinham desenvolvido a própria arte marcial, mudando entre ataque e defesa em um piscar de olhos. Eles eram a adaga silenciosa e o martelo cego da armada espacial, e a Geniocracia Sabetera os usara inúmeras vezes para matar seus oponentes.

A guerra havia acabado há muito tempo, e os poucos secare restantes haviam se espalhado pela galáxia. Uma vez companheiros de luta, nos últimos tempos os secare se evitavam a todo custo. Era uma das grandes ironias do universo que depois de fugir até o outro lado da galáxia para se afastar um do outro, tanto os Baena quanto os Adler acabaram no mesmo setor, no mesmo planeta e na mesma província.

A família Baena era protegida por uma segurança ultramoderna. Matias supervisionara todo o processo pessoalmente, contratando apenas os melhores. Todos os seus guardas eram veteranos experientes com implantes de combate e habilidades aperfeiçoadas por treinamento e batalha. Estavam bem armados e

prontos. Se ele quisesse, poderia matar todos no prédio em minutos. Seria um massacre. Saberiam que ele estava a caminho, e toda a experiência e armas não lhes serviriam de nada.

Se ele podia fazer isso, Ramona também podia. Os secare eram máquinas de matar, e as seis gerações que os separavam de uma guerra há muito esquecida nada tinham feito para mudar isso. Se ela perdesse o controle, Matias seria a única barreira entre Ramona e o massacre do povo dele.

Por que ela estava ali?

— Como ela entrou no prédio?

— Ela entrou pela porta — disse o chefe de segurança. — A nossa segurança a interceptou, e ela disse que tinha vindo te ver. Eles me chamaram. Parecia prudente controlar a situação escoltando-a para uma sala segura, longe dos civis.

Ambos sabiam que o controle da situação de Solei era uma ilusão. Ramona poderia sair daquela sala a qualquer momento que quisesse. E o pessoal de Solei sacrificaria a própria vida para manter os outros empregados seguros até ele chegar lá.

— Boa decisão.

— Obrigado.

Eles chegaram a uma porta dupla ornamentada. Ela se abriu quando se aproximaram, e Matias entrou em uma grande sala em forma de meia lua. A parede oposta à entrada era de vidro curvo vermelho, apresentando um panorama distante de Nova Delphi. Entre ele e a parede de vidro havia uma grande mesa oval, esculpida em um único pedaço maciço de opala Gibirus. As inclusões minerais dentro da pedra reagiram à luz, apresentando uma fluorescência com ondulações inconstantes de cores – vermelho-fogo, dourado cintilante e toques de um verde-esmeralda intenso –, fazendo a mesa brilhar por dentro. Ramona estava sentada, de costas para a janela, o rosto iluminado pelo fogo das pedras preciosas.

Ele nunca havia observado Ramona tão de perto.

Vinte e oito anos, altura média, corpo atlético de um artista marcial praticante, cabelos castanhos longos, características que a maioria das pessoas acharia atraentes. Tudo o que ele já sabia de fotos, gravações e olhares superficiais ocasionais durante as poucas vezes em que se encontraram em relativa proximidade nos eventos formais. Nada disso o havia preparado para o impacto dela a essa distância.

A diferença entre as imagens e a realidade era chocante. Como se, em vez de ver uma gravação de um brontotigre tirada com cuidado sob uma iluminação perfeita, você se virasse no meio de uma caminhada e encontrasse um par de olhos dourados te olhando de volta em meio aos arbustos.

O cabelo dela era castanho da cor do chocolate quente. Não havia se dado o trabalho de prendê-lo, por isso ele se espalhava sobre a jaqueta branca até a curva dos seios. A luz vermelha das janelas brincava nos fios escuros, persuadindo os destaques ruivos dos volumosos cachos soltos. Seu rosto possuía um leve formato oval, com uma boca pequena, mas carnuda e maçãs do rosto altas. Seu nariz tinha uma pequena saliência na ponte.

Uma cicatriz branca estreita, com uns dois centímetros, traçava a curva do lábio inferior, esticando-se logo abaixo dele até o canto da boca. Ela havia matado o kinsmen que lhe deu essa marca, cortando-o ao meio numa diagonal, do ombro direito à costela esquerda mais baixa, com um único golpe. A gravação desse momento circulou bastante. Nenhuma outra família ousou atacar os Adler depois disso.

Os olhos de Ramona, um azul brilhante e surpreendente, o encaravam sem medo ou preocupação. Ela sentava-se com uma segurança calma, seu corpo flexível e elegante em um terno branco simples. Sabia que era forte e rápida, e essa confiança se mostrava na inclinação da cabeça, na linha dos ombros, na maneira como se portava. Ela poderia pular na mesa em uma fração de segundo e correr em direção a ele, seus antebraços soltando o seco e moldando-os em lâminas letais. Uma parte dele teria apreciado aquilo. Ele nunca tinha lutado contra outro secare fora do salão de treinamento da família.

Matias queria continuar olhando para ela.

Ele se perguntou o quanto era rápida.

Imaginou se seria mais.

Ramona ergueu ligeiramente as sobrelanceiras.

Ele tinha que dizer ou fazer alguma coisa. Não podia ficar ali parado, olhando para ela como um idiota.

Matias pegou a cadeira mais próxima e acenou com a mão. Os dez guardas posicionados ao longo da parede baixaram as armas e saíram. Solei se demorou no ambiente. Ramona olhou para o chefe de segurança com olhos perturbadores e depois desviou a atenção para Matias. Ele sentiu uma vontade repentina de fazer algo dramático e impressionante.

Ele precisava de se controlar. Ramona estava na sua casa, no prédio que ele possuía. Já tinha toda a atenção dela.

Matias dispensou Solei com um aceno de cabeça. O chefe de segurança se retirou, dando a Ramona um último olhar de advertência. A porta se fechou atrás dele.

Matias a fixou com o olhar.

— A que devo o horror da visita?

— Vim fazer duas perguntas.

Sua voz lhe convinha, um contralto rico e suave.

— Muito bem. Estou à sua disposição.

— Sabe onde está a sua esposa?

Seu cérebro parou por um segundo, depois começou a pensar em alta velocidade. Não era uma ameaça. Se os Adler tivessem sequestrado Cassida, o resgate seria entregue por mensagem. Não havia razão para Ramona se colocar em perigo.

Matias acessou seu implante. Uma interface translúcida sobrepôs a visão no olho esquerdo. Escolheu o nome de Cassida na lista de contatos e esperou.

Um segundo se passou.

Mais outro.

Um terceiro.

Cassida devia ter respondido. O implante dela teria reconhecido sua ligação e se conectado, mesmo que ela estivesse inconsciente. Ou o implante da sua esposa foi removido, o que significava que Cassida estava morta, ou ela bloqueou de propósito as suas ligações.

— Nenhuma resposta? — perguntou Ramona. Seu tom era perfeitamente neutro, mas, de alguma forma, ele se sentiu zombado.

— Tudo bem. Vou entrar no jogo. Onde está a minha esposa?

— Quem me dera saber. — Sem pressa, ela enfiou a mão na jaqueta, tirou um pequeno tablet e colocou na mesa. — Mas acho que ele sabe.

Na tela, Cassida corria para um pequeno estacionamento pavimentado, seu vestido dourado cintilante brilhando ao redor do corpo, o cabelo castanho-avermelhado voando, enquanto ia em direção a um homem loiro que esperava perto de um veículo aéreo de modelo recente. Ele abriu os braços e Cassida saltou nele, envolvendo

as pernas em volta dos quadris do homem.

Uma onda de gelo percorreu Matias e evaporou em um calor intenso e furioso. Sua mão esquerda se fechou num punho debaixo da mesa. A esposa estava lhe traindo.

O casamento deles não era perfeito. Falando a verdade, não era amoroso ou passionai, mas bastante amigável. Ele foi fiel desde a cerimônia há quase três anos. Nunca lhe passou pela cabeça que Cassida não faria o mesmo.

Ramona estava olhando para a tela com uma expressão estranha. Não de dor, mas sim de resignação.

— A alegria desenfreada parece injusta.

— De que adianta me mostrar isso?

— Essa é a pergunta errada. A pergunta certa é: Quem é o homem que ela está escalando?

Ela ampliou a gravação com um movimento dos dedos, e ele viu o rosto – bronzeado, queixo quadrado, radiante de saúde e aquela elegância particular que era sinal de riqueza e muito cuidado. O reconhecimento lhe atingiu como um soco.

— Sua esposa está tendo um caso com o meu marido — disse Ramona.

Por um momento, eles compartilharam um silêncio enquanto Matias tentava enfrentar a gravação de Cassida lambendo o interior da boca de Gabriel Adler.

Ramona falou primeiro.

— Isso me leva à segunda pergunta. Você sofreu alguma violação de segurança ou de dados nas últimas semanas? Vá em frente. Confirme. Eu espero.

Matias se levantou da cadeira de supetão e saiu pela porta. No corredor, os guardas viram seu rosto e se espremeram contra as paredes.

— Ela não sai daqui — rosnou ele. — Solei, venha comigo.



Trinta minutos depois, Matias voltou para a sala de conferências e,

desta vez, não se deu o trabalho de se sentar.

Ramona lhe ofereceu um sorriso amargurado.

— Ela levou tudo?

Ele não respondeu. A humilhação era grande e a raiva, intensa demais.

Nas últimas duas semanas, Cassida tinha usado as credenciais dele para entrar nos arquivos do escritório em casa. Ele não fazia ideia de como ela havia conseguido sua senha, mas com o prazo da proposta se aproximando, havia trabalhado em casa com frequência, acessando o sistema após o expediente. A atividade da esposa não tinha despertado nenhum alarme. Ela copiou toda a pesquisa seco deles.

— Gabriel fez o mesmo — disse Ramona.

Eles estavam compartilhando um barco que afundava bem rápido.

Até três anos atrás, a tecnologia do seco tinha estado perdida. A arma seco era uma maravilha da bioengenharia. Em sua forma inicial, era um fio de cabelo fino e brilhante visível apenas sob forte ampliação. Quando examinado através de imagens em escala nano, o fio se tornava uma fita estreita etérea envolvendo um milhão de nanorrobôs. Flutuava na solução-tampão, ondulando e deslocando, aguardando o seu hospedeiro. Quando chegasse a hora, ele e seus gêmeos seriam implantados nos antebraços de um recém-nascido da linhagem secare.

Se o bebê não herdasse a habilidade secare, a fita se dissolveria inofensivamente dentro de um ano.

Se o bebê nascesse secare, a constelação brilhante de nanorrobôs se ancoraria e cresceria por mais vinte e cinco meses, formando um canal subcutâneo ao longo da frente do braço até que mais cedo ou mais tarde a pele se dividisse, permitindo que uma crista microscópica subisse à superfície. Era invisível a olho nu e pequena demais para ser sentida pelo toque, mas ele sabia exatamente onde estava. Se estendesse os braços, as palmas das mãos para baixo, quase podia ver as cristas correndo dos cotovelos para os pulsos. Quando ele queria uma lâmina, o seco estourava sobre o pulso. Quando queria um escudo, se espalhava por todo o antebraço, projetando-se na forma que precisava.

Os secare começavam a treinar seus filhos assim que davam os primeiros passos. Eles usavam o seco, matavam com ele e o replicavam, mas ninguém entendia como um todo como aqueles fios

funcionava ou por que algumas crianças de linhagens secare podiam usá-los e outras não. Os criadores nunca confiaram nos secare com esse conhecimento.

Então, há três anos, um caça-destroços tinha se deparado com um laboratório da Geniocracia Sabetera num campo de asteroides aleatório. Ele trouxe os bancos de dados que encontrou para Rada, vendeu-os para os Baena, para os Adler e para uma terceira família kinsmen, os Davenport, deixando que todos pensassem que a venda era exclusiva, e saiu do planeta o mais rápido possível.

As informações recuperadas abriram a porta para a criação de campos de força seco para meios industriais. Exigia poder significativo e maquinaria complexa para conseguir isso, mas formava escudos convencionais instalados em navios de guerra modernos fora da água proverbial. Trazer geradores seco para a produção em massa prometia enormes benefícios.

Também exigia uma enorme quantia de dinheiro. Entre o custo de metais raros, as nano culturas personalizadas e a tecnologia de ponta necessária para reequipar o campo para trabalhar sem o componente biológico, o desenvolvimento do protótipo quase drenaria as economias dos Baena. Poderiam perder tudo o que construíram nas últimas sete gerações, mas se conseguissem, a família teria estabilidade e recursos suficientes por vários séculos.

Os secare nasceram para correr riscos.

Nove meses depois do projeto, Matias percebeu que estavam numa corrida a três. O setor espacial ofereceu apenas um parceiro industrial capaz de produzir em massa os geradores seco. Quem lançasse com sucesso a ideia primeiro colheria todos os louros. Todas as três famílias abandonaram os outros projetos e transferiram todos os recursos para a construção de um protótipo de sucesso.

Naquele momento Cassida estava fugindo, e uma cópia de toda a pesquisa dos Baena estava com ela. Assim como Gabriel Adler com todo o trabalho da família Adler.

Matias parou de cerrar os dentes.

— O que você está oferecendo?

Ramona estreitou os olhos.

— Conheço o meu marido. Isso não foi ideia dele.

— Ele saiu com a minha esposa e a sua pesquisa. Agora não é hora para sentimentalismo.

Ramona balançou a cabeça.

— Não me interprete mal. Não quero insinuar que ele é um peão inocente e que a sua mulher o desviou. Mas Gabriel não tem qualquer tipo de ambição. Ele tem pouquíssima autodisciplina, zero interesse em negócios e nenhum conhecimento de política kinsmen. Contanto que seja alimentado, tenha uma grande mesa e bastante liberdade para se tratar bem, está perfeitamente satisfeito. Ele é muito preguiçoso para começar esta aventura por conta própria. Estou admirada com sua esposa. Ela conseguiu motivá-lo de uma maneira que eu nunca consegui, e o universo sabe que eu tentei.

— Cassida é muito boa em motivar.

Ela havia se fixado em um ataque implacável em sua paz de espírito desde o momento em que se casaram. Matias pensou que tinham chegado a um entendimento. Pelo visto, Cassida apenas mudou o foco para um alvo mais receptivo.

— O tempo é um fator importante — disse Ramona.

Ele entendeu o que não foi dito. A pesquisa roubada seria vendida. Essa venda iria levar as famílias de ambos à falência.

— Cassida não teria ido embora sem achar um comprador — explicou ele. — Ela nem sempre é prudente, mas é astuta. Sabia que no momento em que eu descobrisse o roubo, iria atrás dela com tudo o que tenho.

Ramona assentiu.

— Foi o que eu pensei.

Precisavam agir naquele instante. Tinham que recuperar a pesquisa, e fazê-lo sem alarde. Em Rada, a posição de uma família kinsmen era vital. Poderia significar a diferença entre ser alvo de uma disputa e ser convidado para uma mesa de negociação. As ofertas foram oferecidas e aceitas com base no respeito concedido ao nome da família.

Os secare desfrutavam de uma aura de ameaça. Ambas as famílias haviam sido atacadas, e ele e Ramona tinham dado um exemplo sangrento que a cidade não esqueceria tão cedo. A maioria dos rivais considerava um conflito direto com eles algo impensável. Se viesse a público que não apenas sofreram uma violação de dados catastrófica, mas que os cônjuges haviam sido os responsáveis e depois fugiram juntos bem debaixo do nariz deles, a reputação dos dois estaria em frangalhos. Seriam humilhados. Mesmo que recuperassem a tecnologia, não poderiam mais negociar de uma posição de força.

Se a agilidade vinha em primeiro lugar, a discrição tinha que vir em segundo. Envolver as famílias só os atrapalharia. Ele confiava

sua vida aos parentes, mas não os seus segredos.

— Quem mais sabe? — perguntou ele.

— O chefe de segurança cibernética e Karion — respondeu ela.
O irmão mais velho dela. Ele não falaria nada.

— Conheço meu marido, mas não conheço sua esposa.

Ramona encontrou o seu olhar.

— Uma aliança?

Ele ergueu as sobrancelhas, fingindo estar surpreso.

— Uma aliança temporária. Não entre as nossas famílias ou as nossas empresas. Apenas você e eu. Não fazemos alarde, os encontramos, recuperamos nossos bens antes que eles nos destruam e nunca mais tocamos no assunto.

Há dez minutos, quando o departamento de segurança cibernética aceitou as consequências do erro que cometeram na sua frente, seu cérebro já havia percorrido as possibilidades e chegado ao único curso de ação possível. Ele iria propor a mesma coisa, e se ela recusasse, Matias tinha uma lista de argumentos prontos para convencê-la. Ramona lhe poupou o trabalho. Se ao menos seus inimigos fossem sempre tão prestativos.

Ramona esperava sua resposta.

Ele a deixou esperar por mais um segundo e assentiu.

— Concordo.



Matias Baena era excepcional.

Ramona se recostou no assento e lhe ouviu emitir uma enxurrada de ordens ao chefe de segurança e Ladmira, o seu vice-presidente. Ele listou um resumo rápido e sucinto das tarefas corporativas imediatas referidas de uma maneira que não lhe dizia quase nada sobre seu verdadeiro significado e passou para um catálogo de coisas que precisava.

Um veículo aéreo rápido e indetectável com um kit de sobrevivência.

Uma avaliação de ameaça nos Davenport, a terceira família com acesso à tecnologia seco.

Um bloqueio interno em todas as informações associadas à violação de dados.

Uma ordem de sigilo e uma exclusão da visita de Ramona esta manhã, apagando todos os vestígios da sua presença no edifício da vigilância deles.

Uma implementação imediata de um protocolo de monitoramento rastreando Cassida pelos implantes e pela atividade bancária e tanto Cassida quanto Gabriel através de um algoritmo de reconhecimento facial. Se sua esposa gastasse dinheiro, aparecesse ao alcance de qualquer câmera acessível ao público ou tentasse deixar o planeta, Matias saberia.

Ele deve ter construído uma lista completa em sua cabeça, e passava por ela naquele momento de modo metódico, citando os itens um por um sem fazer uma pausa. Nada foi deixado ao acaso. Matias dissecou a situação e abordou todos os aspectos.

Precisão era a qualidade secare mais valorizada.

Ele agia como um secare e parecia um também. Sua família mantinha os arquivos da unidade original, e ela assistiu tantas vezes ao longo dos anos que provavelmente poderia desenhá-las de memória – os soldados magros e fortes em roupas preto-carvão idênticas, endurecidos pela batalha, sem nenhuma suavidade, com olhos que eram advertências. As tripulações espaciais desenvolveram o olhar distanciador, assombrado e distante. Os secare encaravam como um bando de predadores humanos.

Com o corpo poderoso em um gibão preto e o rosto de expressão fechada esculpido, Matias teria se encaixado muito bem, mas era o olhar que mais determinava. O olhar escaldante de um caçador.

Ela sempre tinha pensado que ele era frio, um homem fechado e distante com um olhar severo. Alguém capaz de racionalizar a crueldade. Alguém que não se curvava porque não podia se dar o trabalho, que nunca perdia a compostura. Impenetrável, como um pedaço de obsidiana. Quem diria que havia fogo debaixo de todo aquele vidro vulcânico?

Um pensamento disperso passou por sua mente. *Deve ser tão bom ter alguém como ele protegendo você. Alguém competente, decidido, resolvido. Pena que é um inimigo.*

Naquela manhã, Ramona sentou-se sozinha em seu escritório e

viu as duas gravações de Gabriel, a primeira mostrando o marido roubando os dados e a segunda encontrando-se com Cassida. Ela se lembrou do momento exato em que o cérebro processou o que estava vendo. Sentiu uma dor ofuscante, e depois ficou entorpecida.

Não havia tempo para sentir ou processar nada. Tinha que salvar a família. A emergência era tão grave que expulsou todas as emoções, não deixando espaço para mais nada.

Ramona precisava caçar Gabriel. Ela tinha dois irmãos, seus pais, duas tias, um tio e vários primos, e ainda assim não tinha a quem recorrer. Karion poderia ter se juntado a ela, mas Ramona precisava que ele ficasse com a família durante sua ausência. Santiago, seu irmão caçula, tinha apenas vinte anos e lhe faltava paciência. Ele perderia a cabeça, e essa era a última coisa que ela precisava naquele momento. Nenhum dos outros parentes era secare, exceto os pais aposentados, e ela preferia morrer do que envolvê-los.

Ela estava por conta própria. Naquela hora, apenas aceitou o fato, mas agora, enquanto ouvia Matias, chegou a uma constatação esmagadora – estava sozinha. Completamente sozinha. Nunca deixaria que isso a desconcertasse, mas doía.

O chefe de segurança e o vice-presidente foram embora, Solei lhe atirando um olhar frio antes de sair do ambiente. Matias bateu no canto da mesa e a tela de luz etérea se materializou na parede. Uma mulher mais velha apareceu, sentada num banco de jardim contra o pano de fundo de dalias florescendo, sua pele um marrom profundo tingido de vermelho, seus cabelos prateados espessos trançados com uma elaborada malha dourada.

— Tia Nadira — disse Matias.

Depois que o pai de Matias morreu, a mãe dele se perdeu no luto, abandonando o posto como líder da família. Nadira saltou para aquele assento de piloto antes que os Baena tivessem a chance de desviar do curso e guiou a família por mais oito anos, até que Matias estivesse pronto para assumir.

Ela parecia tão inofensiva naquele momento, apenas uma mulher mais velha em um belo sári verde-esmeralda, cercada por dalias florescendo em todas as cores. Se um intruso invadissem aquele jardim, eles morreriam antes de sentirem a presença dela.

Nadira sorriu.

— E como está o meu sobrinho favorito?

Matias se inclinou para a frente.

— Incrivelmente preocupado e triste com sua doença recente.

Ela ergueu as sobrancelhas.

— Estou doente o suficiente para exigir sua presença imediata?

— Está.

— E estou recusando todos os visitantes, exceto meu precioso sobrinho, porque ele é o único que permitirei que me veja no meu lastimável estado?

Matias assentiu.

— Exato.

— A merda bateu no ventilador, presumo?

Ele moveu os dedos da direita para a esquerda. O sensor na tela de vídeo obedeceu, inclinando-o na direção de Ramona. Ela encontrou o olhar da mulher mais velha.

— Ah — disse Nadira Baena. — *Tão* ruim assim?

Ele inclinou a tela para trás e assentiu.

— Por quanto tempo?

— O tempo que for preciso.

— Muito bem. Vou pedir a Sylus que informe a família. — Nadira inclinou-se para a tela e fixou o sobrinho com um olhar penetrante. — Cuidado. Volte vivo.

— Sempre. — Ele beijou os dedos e os ofereceu a ela.

O visor desapareceu.

— Eu não posso apenas desaparecer — disse Matias.

Era um problema com o qual ela estava bastante familiarizada.

— O problema de liderar um negócio familiar é que a maioria dos funcionários corporativos também são seus parentes, que o veem como o árbitro final de suas disputas.

— Sim. E, no meu caso, eles não fazem distinção entre uma discussão sobre a calibração precisa do agitador de partículas Kelly ou a escolha de uma torneira para uma nova banheira de hidromassagem.

— Também.

Eles compartilharam um olhar. Ainda eram inimigos, mas até mesmo inimigos ganhavam certa liberdade quando se tratava de reclamar da família.

Ele se levantou.

— O veículo aéreo está pronto. Precisa parar em algum lugar?

Ela tinha cuidado dos seus assuntos pela manhã. Se o plano para convencer Matias a cooperar tivesse falhado, teria feito isso sozinha.

— Tudo o que preciso está no meu veículo. Vou dar o código ao seu pessoal. Eles podem subi-lo.

— Perfeito.

Ele se aproximou da porta e esperou abrir. Ela a atravessou na frente, dando a Matias suas costas desprotegidas. Se ele atacasse, seria naquele exato momento.

Matias virou à esquerda.

— Por aqui.

Caminharam pelo corredor para o mesmo elevador privado que ela havia usado pela manhã, exceto que desta vez não haveria seis guardas armados nele. Apenas ela e Matias Baena.

Ela havia enlouquecido, mas tinha tomado a decisão certa. Veio pedir ajuda a este homem que evitara com cuidado toda a sua vida, um homem que não tinha razão para confiar nela, e lhe contou que a esposa o havia traído com seu marido. Havia diversas maneiras que ele poderia ter reagido. Poderia tê-la atacado; poderia ter se recusado a acreditar nela; poderia ter ficado paralisado, entrado em choque ou apenas a expulsado. Em vez disso, eles estavam no elevador, determinados a consertar esse desastre antes que se tornasse uma catástrofe.

Ela já não estava lidando com isso sozinha. Não confiava nele, mas confiava na raiva que vira nos olhos de Matias quando a esposa dele beijou seu marido. Pela primeira vez desde que viu aquela maldita gravação, Ramona conseguiu respirar fundo. Ela fez, e quando exalou, sentiu raiva. Uma raiva inacreditável e esgotante.

Gabriel. Como ele se atreveu a fazer isso? *Como?* Ela lhe deu tudo. Ignorou que o marido era um mulherengo, que não parava de tirar férias, que não conseguia fazer as tarefas mais simples. Ela o deixou livre de todas as responsabilidades. Literalmente, a única coisa que pediu foi lealdade. Não para ela como cônjuge – isso ele estava longe de conseguir –, mas para a família que permitia uma existência despreocupada.

Ela havia trabalhado tanto naquele projeto. Deu tudo de si, todas as horas que passava acordada, as que deixava de dormir e sua

paz de espírito. Fez de tudo por ele nos últimos três anos. Sua vida havia se tornado uma tarefa árdua, uma busca constante por apenas um pouco mais de dinheiro, o suficiente para manter o projeto em andamento enquanto superava os intermináveis contratempos tecnológicos. A pressão implacável de saber que se falhasse ou apenas não fosse rápida o suficiente para superar os outros dois concorrentes, deixando a família diante da ruína financeira, era sua companheira constante. Isso a mantinha acordada à noite e a acordava de manhã.

Os dois, Cassida e Gabriel, pensaram que poderiam simplesmente levar tudo pelo que ela trabalhou. Pensaram que ela desistiria sem nem tentar fazer algo a respeito.

Ramona riu. Parecia uma promessa de assassinato.

— Vamos pegá-los — disse Matias, sua voz fria como o espaço entre as estrelas. — Eu prometo.

Capítulo 2

O veículo aéreo os esperava em uma área de pouso privada no sétimo andar, elegante, prateada com detalhes negros, suas linhas sofisticadas e perfeitas. Era um modelo grande, com uma rampa para o porão de carga, parecido com uma ave de rapina, projetado para precisão e velocidade. Quase chegava ao nível de um navio militar. Ela gostou.

Ramona ergueu as sobrancelhas.

— Chama um pouquinho de atenção, não acha?

— Como você disse, o tempo é um fator importante.

Seus pertences esperavam em uma pilha ao lado da aeronave: uma grande bolsa impermeável e resistente ao fogo com itens necessários e algumas mudas de roupas, um estojo de armas contendo seu rifle de carga favorito e um horrível vestido verde-limão selado a vácuo em um plástico resiliente.

Matias franziu a testa para o vestido.

— Você vai visitar sua tia doente e eu vou ao casamento do meu amigo de infância que não vejo há dez anos — informou ela.

— Mas por que é tão... desprovido de estética?

— É tradição. Quanto mais feio o vestido da dama de honra, melhor a aparência da noiva. Além disso, é uma ótima distração. Todos que testemunharam minha partida vão se lembrar dessa monstruosidade e quase mais nada.

— É bastante memorável. Onde encontrou isso em tão pouco tempo?

Era o vestido que havia usado na primeira vez que encontrou Gabriel, como uma forma de protesto silencioso contra o noivado que não queria.

— Tenho meus recursos.

Ele estendeu a mão para a sua bolsa.

— Posso?

— Fique à vontade.

Matias pegou a bagagem e subiu a rampa para o veículo aéreo.

Ela o seguiu, carregando o rifle e o vestido. Ramona gostava da maneira como ele se movia, equilibrado, relaxado, mas pronto. A técnica de luta do seco era fluida, confiando na velocidade e no movimento constante, e era por isso que as crianças secare começavam o treinamento aprendendo danças em vez de posturas de batalha específicas. Mas havia um grande abismo entre um dançarino e um lutador. Matias se movia como um lutador.

Eles colocaram os pertences ao lado da grande bolsa resistente ao ambiente dele, tão cheia que correria o risco de rasgar se não fosse feita de tecido anticorte, e seguiram para a cabine. Dois assentos de piloto. Numa emergência, qualquer um poderia pilotar. Era uma nave de combate disfarçada de veículo aéreo de luxo, o que significava que a sensibilidade dos controles e a aceleração estavam um passo acima do transporte comercial. Haveria uma grande diferença entre pilotar aquela nave e um veículo civil comum. A maioria dos pilotos corrigiria a direção de maneira brusca e causaria um acidente.

Isso deve ser interessante.

Matias ativou o painel e passou por uma lista de verificação rápida.

— Os Davenport são a escolha óbvia.

Ela havia pensado o mesmo. Como os dois, os Davenport tinham colocado todos os seus recursos na produção de um gerador seco funcional, mas haviam feito o menor progresso.

— E provavelmente a errada — disse ela. — Meu marido teve uma existência bastante confortável. Presumo que a sua esposa teve o mesmo privilégio?

— Dei tudo o que ela queria. Quase tudo.

Sua curiosidade aumentou. Ela realmente queria saber o que se escondia por trás daquele *quase*, mas o tom de Matias já dizia que suas perguntas não seriam respondidas.

— Roubar a pesquisa acarreta muito risco. Não teriam feito isso a menos que o pagamento valesse a pena, e eles esperavam sobreviver. O comprador deve ter prometido dinheiro e proteção.

— E os Davenport também não estão em posição de fornecer nenhum dos dois — terminou Matias por ela.

— Eles estão com grandes dificuldades financeiras. — Ela quase disse “uma situação pior do que a nossa”, e aí se lembrou com quem estava falando. — Mas é claro que estão desesperados o suficiente para mentir para conseguir o que querem.

Matias tocou os controles e o veículo aéreo subiu em uma curva suave. Ela mal sentiu a aceleração. Ele o inclinou com uma facilidade desenvolvida pela prática e se juntou sem esforço ao tráfego aéreo acelerando pelo ar acima de Nova Delphi.

Quando Matias tinha dezoito anos, havia deixado o planeta por cinco anos. A família de Ramona nunca descobriu para onde ele foi ou o que fazia, mas agora ela tinha uma boa ideia. Seja lá o que ele tinha feito envolvia pilotar pequenas naves de combate.

Na época em que ele foi embora, Ramona tinha 15 anos. Invejara Matias pela liberdade.

— Cassida teria investigado — disse ele. — Ela é minuciosa e teve acesso ao nosso banco de dados. O arquivo que temos dos Davenport é extenso. Acredito que o seu também.

Ela assentiu.

— Então, não são os Davenport.

— Não.

— Ainda temos que verificar.

— Temos — concordou ele.

— Não quero machucá-los.

Ele lhe deu um olhar longo e minucioso.

— Compaixão? Em um momento como este?

— Você foi feliz no seu casamento, Matias?

— Felicidade é superestimada.

— Os Davenport estão felizes. Acabaram de ter um bebê. Não quero estragar isso sem um motivo.

— E se eles participaram?

Ela suspirou.

— Então vou cortá-los ao meio. Não é por isso que sou famosa?

— Tudo bem. Seremos gentis como uma brisa de verão até que tenhamos uma razão para não ser — prometeu Matias.

— Obrigada.

Ele tocou o painel e o veículo aéreo desceu e foi para a esquerda, inclinando-se de leve. Adiante, o edifício Davenport erguia-se no meio de um pequeno parque, uma chama ondulada de vidro laranja envolta em faixas pretas de aço callo. As faixas se curvavam ao

redor do edifício, deslizando pelo vidro solar sem tocá-lo, com o maior espaço entre elas de apenas dois metros.

Naquela hora do dia, Damien Davenport estaria em casa, enquanto Haider Davenport estaria em seu escritório no vigésimo terceiro andar, seguro atrás daquele vidro solar à prova de estilhaços e aço callo projetado para manter a enorme estrutura do edifício intacta durante os piores terremotos. A faixa ao redor era resistente a impactos. Seria preciso a explosão de um canhão de energia de meio grau para conseguir arranhá-lo.

Vinte e dois andares de segurança, uns cem guardas privados e várias torres automatizadas. Todos os brinquedinhos de costume de uma família kinsmen bem-sucedida pronta para proteger o território.

Matias guiou o veículo aéreo em direção à torre.

— Já que deseja minimizar as baixas, você tem um plano?

— Quão bom você é como piloto?



A mulher era louca.

Matias inclinou a alavanca de controle com delicadeza, baixando a antena mais sessenta centímetros. Ele havia posicionado a embarcação ligeiramente acima do vigésimo terceiro andar do edifício Davenport, com a parte traseira do veículo aéreo voltada para a construção e inclinada apenas um toque em direção a ele. A lacuna entre as faixas de aço callo se alargavam naquele ponto para aproveitar ao máximo a vista espetacular da cidade, e as câmeras traseiras apresentaram para Matias um ótimo panorama da janela de vidro solar. Haider Davenport estava atrás dela, esparramado na cadeira, com a cabeça loira apoiada no encosto. O homem estava apagado.

— Me dê mais vinte centímetros — murmurou Ramona dos fundos.

Ele aproximou o veículo aéreo a um metro da faixa. Era o mais perto que ousava chegar. Mais dez centímetros e a corrente que circulava o metal causaria um curto-circuito no sistema de controle do transporte.

Aquele era um plano idiota. Primeiro, ela teria que limpar o ar

vazio entre o veículo aéreo e a faixa, depois quinze centímetros de aço callo, depois outra lacuna de cinquenta centímetros até o vidro solar, e então precisaria cortar uma vidraça de três centímetros de espessura – e teria que ser muito rápida, ou despencaria em direção à morte.

A tela no painel mostrava Ramona recuando. Ela se pressionou contra a divisória que separava a cabine do porão de carga. Seus olhos estavam focados e calmos.

Ele podia simplesmente não abrir a porta.

Infelizmente, eles só tinham três opções. Primeira, poderiam solicitar uma reunião. Não havia garantia de que os Davenport concordariam e, conhecendo Haider, ele enrolaria o máximo até que pudesse reunir informações. Eles não podiam perder tempo.

Segunda, ele podia pousar no telhado, evitando o tiro de canhão. Poderiam invadir, matar todos até o escritório de Haider e pegar o que precisavam. Dessa forma, os guardas dos Davenport morreriam defendendo os patrões. Matias tinha decidido há muito tempo que era o tipo de homem que não começava brigas. Ele acabava com elas, e nunca se rebaixava a matar sem motivo. Seus ancestrais eram assassinos implacáveis, mas aquilo fora há seis gerações. Naquele momento, ele e Ramona eram mais kinsmen do que secare, e a maneira como ela queria lidar com os Davenport confirmou o que ele já suspeitava: Ramona executaria seus inimigos sem hesitar, mas, dada uma escolha, preferia evitar matar. A vida era frágil e preciosa.

Assim, restava apenas a terceira opção, intitulada “Abrir a Porta de Carga”. Ele odiava a opção três.

Tinha que haver outra maneira, algum método que não terminasse com Ramona mergulhando no chão duzentos metros abaixo, cada osso em seu corpo quebrado. Ela era uma inimiga, mas era uma maneira horrível de morrer. Se ela caísse enquanto Matias pilotava o veículo aéreo, ninguém acreditaria que ele não era cúmplice da morte da mulher. Mergulharia as famílias numa guerra.

Ela respirou fundo...

Matias acionou a trava da porta de carga com o polegar. O vento entrou na aeronave, mas ele estava preparado para aquilo, e o veículo mal tremeu.

Ela correu, uma mancha branca, e mergulhou, os braços acima da cabeça. Suas lâminas seco romperam dos seus antebraços, projetando-se como dois pedaços de seda vermelha radiante. Por uma fração de segundo ela parecia um anjo de branco, voando em asas

vermelho-sangue brilhantes, e então o campo seco se partiu em lâminas rígidas e ela cortou a janela solar, caindo no buraco.

Choveram pedaços de vidro âmbar.

Ele ativou o piloto automático que havia programado alguns minutos antes, saiu do assento, correu para o compartimento de carga e saltou pela lacuna. O chão esperava por ele muito abaixo, e então Matias pousou no luxuoso piso de pinheiro soleano do escritório de Haider.

Ramona estava de costas para a porta do escritório. Um rasgão fumegava de leve atrás dela – ela tinha cortado os fios de alarme que corriam pela porta, desencadeando o bloqueio do ambiente. Haider avançou, um redemoinho letal com uma espada curta agarrada em cada mão. A família Davenport produziu descendentes com maior velocidade e coordenação, e a onda de ataques de Haider foi tão rápida que Matias mal conseguiu segui-la a olho nu.

Ramona remodelou suas lâminas seco em escudos circulares, de cinquenta centímetros de largura, e deslizou para longe de Haider, evitando seus ataques furiosos em um frenesi controlado. Os escudos aumentavam e mudavam a seu bel prazer, criando uma barreira impenetrável entre Ramona e o agressor.

Matias correu pelo escritório.

Haider se voltou para ele, alertado pelo implante de combate, atacando quando se virou, mas era tarde demais. Matias se esquivou do ataque e o chutou, atingindo suas pernas. Haider pousou bem, flexionando e se levantando para encontrar a lâmina direita de Matias a cinco centímetros de sua garganta.

Ramona arrancou a espada da mão direita de Haider.

— Não se mexa. — A voz dela era calma e reconfortante. — Só queremos conversar.

* * *

Haider jogou a espada restante na mesa, cruzou os braços e se apoiou no tampo. A mesa tremeu e se partiu. A metade direita bateu no chão, cortada na diagonal.

Haider se virou para olhar, o rosto torcido de desgosto.

— Maldição.

Ramona escondeu um sorriso.

Matias olhou de relance para ela.

— Quando é que você cortou isso?

— A caminho da porta. Eu queria atrasá-lo.

Haider olhou para os dois. Um pouco abaixo da altura mediana, tinha o corpo de um ginasta, compacto, forte, com braços poderosos e ombros largos. Ele vinha de uma família antiga, e o planeta tinha colocado o selo nele antes mesmo do homem nascer. Era um clássico loiro Dahlia, com cabelos dourados e pele quase tão bronzada quanto a dela. Não importava como os seus antepassados se pareciam, uma vez que a província Dahlia se tornava seu lar, o lugar lhe impregnava com a luz do sol.

Ele também era rápido de verdade com aquelas lâminas e havia reagido no mesmo instante, acordando e atacando em um piscar de olhos. Ramona precisou de toda a concentração e habilidade para bloqueá-lo.

— Estou vendo coisas? — ponderou Haider, quase como se falasse sozinho. — É óbvio que esse é apenas um pesadelo bem específico, um em que duas pessoas que se odeiam se juntam para invadir meu escritório e destruir meus preciosos móveis.

— Me manda a conta — disse Matias.

Ha!

Haider bateu na metade ainda existente da mesa de madeira.

— É uma antiguidade, seu selvagem. Um móvel de trezentos anos, trazido para este planeta pelo meu tatara tatara, vários *tatara*, avô. É insubstituível.

Ramona sentiu uma leve pontada de culpa.

— É um corte limpo — comentou ela. — Dá para consertar.

Uma tela na parede acendeu. Uma mulher aflita com cabelos escuros e olhos preocupados apareceu. Derra Lee, chefe de segurança dos Davenport.

— Você está...

— Estou bem — retrucou Haider. — Reunião com a nova equipe de redecação.

Derra apertou os olhos para os dois.

— Gostaria que eu enviasse chá para todos?

Um pouco óbvio demais para um código.

— Já disse que estou bem. Mantenha os capangas lá embaixo.

Vou esperar um relatório completo depois disso.

Haider descartou a tela com um movimento dos dedos, suspirou e olhou para os dois.

— Tudo bem. Vocês têm toda a minha atenção. O que era *tão* importante?

Ele não fazia ideia de como era um ótimo ator. Ela precisaria de uma abordagem cuidadosa, escolhendo as palavras certas...

— Você pagou para minha esposa e o marido dela roubarem da gente? — perguntou Matias.

Merda.

O silêncio reivindicou o escritório.

Haider piscou algumas vezes e olhou para ela.

— Ele está falando sério?

Ela deu de ombros.

— Nunca o vi sorrir, pessoalmente ou em fotos.

Mais silêncio.

Haider abriu a boca e riu.

— Isso é um sim ou um não? — rosnou Matias.

Haider tremeu, inclinou-se para a frente e estendeu a mão.

— Talvez ele precise de um segundo — disse Ramona a Matias.
— Acho que não está envolvido.

— Posso ver isso, mas ainda preciso ouvir dele.

Haider se engasgou e continuou rindo.

Não adiantava ficar em pé. Era óbvio que levaria algum tempo. Ramona caminhou até um sofá elegante e se sentou. Matias permaneceu em pé, pairando sobre Haider como uma sombra escura.

Por fim, Haider se endireitou.

— Valeu a pena. Sabe há quanto tempo não ria assim? Era uma mesa feia mesmo.

— Preciso de uma resposta — exigiu Matias. Sua voz era fria o suficiente para congelar a medula nos ossos.

— Não — disse Haider. — Eu não estou envolvido em nenhuma trama com seus cônjuges. Me deixe falar um pouco da minha vida. A empresa está à beira da falência. Preciso me rebaixar e pedir dinheiro

emprestado de parentes distantes que odeio e com quem jurei nunca mais falar. Nosso precioso filho, que agora tem quatro meses, de alguma forma herdou a mutação Tarim, apesar de inúmeras garantias da melhor empresa genética do planeta de que nada disso poderia acontecer. Isso significa que, até completar o primeiro ano, ele pode parar de respirar a qualquer momento. O meu marido é o portador. Ele se culpa, não importa quantas vezes eu explique que isso é um completo absurdo, e observa obsessivamente nosso filho a cada segundo que passa acordado, e quando ele deveria estar dormindo, toma energéticos para se manter acordado e observar o bebê um pouco mais, porque não confia na melhor equipe médica que nosso escasso dinheiro pode contratar. Nos últimos quatro meses, precisei ver Damien, o ser mais calmo e racional que conheço, se transformar num fantasma paranoico e ansioso. Ele não dorme, não come, mal me deixa cuidar dele. Me preocupo com o nosso bebê. Me preocupo com o meu marido. Me preocupo com minha irmã de 5 anos, que adotei depois dos nossos pais morrerem, porque ela continua a nos perguntar a cada cinco minutos se seu sobrinho vai morrer. Me preocupo em manter a comida na nossa mesa e salvar o legado que a minha família construiu. A única vez que tenho paz é no trabalho, aqui no meu escritório, quando o meu cérebro cede, exausto pelos meus esforços frenéticos para aguentar firme, e me desligo num estupor feliz, que vocês dois interromperam de forma bastante rude com suas acrobacias desnecessárias. Esqueceram como se faz uma ligação? Consideraram o método bastante óbvio de fazer seu pessoal entrar em contato com meu pessoal, para que todos nós pudéssemos ajeitar um encontro tranquilo em um belo ambiente neutro? Qual é o problema de vocês?

O escritório ficou em silêncio. Naquele momento, ela viu os sinais de fadiga, os olhos avermelhados, a leve flacidez no rosto e as marcas de expressão profundas. Aquele era um homem à beira do colapso. Considerando isso, a resposta dele ao ataque era ainda mais impressionante.

— A mulher dele está transando com meu marido — disse ela.
— Eles têm toda a nossa pesquisa seco e desapareceram.

Matias se virou para ela.

— Ele merece uma resposta sincera — explicou ela para o secare.

— Bem... — Haider respirou fundo, puxou a cadeira de trás da mesa arruinada e se sentou. — Sinto muito. Não sei nada sobre isso. Eles não vieram até nós, provavelmente porque perceberam que não podemos pagá-los. Não tanto quanto precisariam para fazer valer a pena a ira combinada de vocês dois.

Como ela suspeitava.

— Mesmo que eles se aproximassem de nós, recusaríamos — continuou Haider. — A Incorporação Davenport abandonou sua iniciativa seco.

O quê?

— Desde quando? — perguntou Matias.

— Desde o início do mês. Não conseguimos estabilizar as oscilações de campo. Não posso mais justificar jogar dinheiro fora. Apenas não temos mais condições.

Uau. O choque deve ter aparecido no seu rosto porque Haider deu de ombros.

— É o que é. Vocês conseguiram estabilizar o campo?

— Sim — disseram ao mesmo tempo.

— Odeio vocês.

Ela ainda lutava com a enormidade da perda que a empresa dele sofreria.

— Desistir depois de todo esse tempo...

— Não foi uma completa perda de tempo — disse Haider. — Descobrimos uma maneira significativamente mais eficiente de calibrar o agitador de partículas Kelly para manter um fluxo constante de energia. Tem múltiplas aplicações industriais.

Ele percebeu as expressões em seus rostos e se inclinou para a frente, os olhos de repente brilhantes.

— Vocês dois ainda não descobriram.

Nenhum deles respondeu.

— Ha! Eu tenho algo que vocês não têm! Estão ficando sem dinheiro. Não podem continuar a pesquisar por tempo indeterminado. Os dois vão me pagar por essa tecnologia. Um bom dinheiro. — Ele se recostou na cadeira, abriu os braços e gritou para o teto: — Sou o homem mais inteligente do mundo!

Matias parecia estar considerando cortar a cabeça de Haider por pura irritação.

— Vou colocá-los um contra o outro e fazer vocês darem lances — continuou Haider. — Ou melhor, vou querer uma porcentagem de cada venda. Serei o dono deste planeta.

Matias esfregou a ponte do nariz e olhou para ela.

— Pelo visto ele enlouqueceu com o poder — comentou ela.

Matias não parecia achar divertido. A palavra nem devia estar no seu vocabulário.

— Ele enlouqueceu com *alguma coisa*.

— Me chamem de louco — disse Haider. — Me chamem do que quiserem, desde que me paguem.

Ramona se permitiu um pequeno sorriso. Licenciá-la dos Davenport custaria uma fortuna para sua família, mas de alguma forma a alegria de Haider era contagiante.

— Esse é um bom plano — declarou Matias. — No entanto, a menos que recuperemos nossos arquivos, ninguém vai lhe pagar nada.

Haider se sentou, de repente sério.

— É verdade. Acabei de pensar em algo. Uns dois meses atrás, fomos abordados para uma compra completa. Queriam tudo, cada detalhe dos dados e da pesquisa seca. Todos os protótipos, até mesmo os fracassados, e a oferta veio anexada a uma cláusula draconiana de não concorrência. Não apenas não poderíamos mais trabalhar em aplicações secas, como também não poderíamos utilizar nenhum dos projetos secundários que desenvolvemos como resultado. Era um pagamento para “abandonar o negócio da família, pegar uma quantia fixa e se aposentar”.

Um alarme disparou na cabeça dela.

— Um forasteiro? — perguntou ela.

Haider assentiu.

Famílias kinsmen se espalharam por toda a galáxia. Tinham surgido porque a humanidade precisava de uma vanguarda para a sua expansão. Seus ancestrais lideraram as ondas de colonos, estabelecendo posições em novos mundos perigosos. Cada planeta tinha sua própria cultura, mas para os kinsmen de Rada, a família era tudo. O dinheiro importava menos do que crescer e manter o negócio da família, cultivando-o e passando-o para a próxima geração. O negócio os ancorava à província, fazia os kinsmen criarem raízes e crescerem como uma árvore. A posição, o propósito de vida e o autorrespeito deles, tudo estava envolvido na empresa familiar. Nenhum kinsmen de Rada faria esse tipo de oferta a outro kinsmen. Era um insulto, e saberiam que seria rejeitado na hora.

— Você sabe a identidade do comprador? — perguntou Matias.

— Não — respondeu Haider. — E acredite em mim, eu tentei

descobrir. A proposta veio de uma empresa de navegação privada, mas tenho certeza de que era apenas um disfarce.

— Por quê? — indagou ela.

— Havia muita arrogância. Pareceu menos uma oferta e mais uma ordem e, quando recusamos, a reação não foi positiva. Não teve conversa, não teve negociação, não teve tentativa de melhorar o acordo. Era esperado que aceitássemos a oferta em questão, sem hesitações. Não é assim que empresários experientes fazem negócios.

Os Davenport tinham uma reputação mortal. Eles não buscavam conflito, mas se atacados, retaliariam com determinação e não parariam até que a ameaça fosse neutralizada. A forma como o comprador fez tudo garantia o fracasso. A questão era: tinha sido ignorância ou arrogância? Talvez o comprador quisesse que sua oferta fosse rejeitada, embora ela não pudesse imaginar o motivo.

— Posso dizer que as identidades secretas deles eram infalíveis — continuou Haider. — Ou eles têm um falsificador incrível, ou suas identidades falsas são verdadeiras.

O que significaria que estavam ligados a alguém local com muito poder.

— Você gravou a reunião? — perguntou Matias.

E isso aí era a diferença entre nascer em Rada ou fora do planeta. Claro que Haider tinha gravado a reunião. Todos eles sabiam. O que Matias estava pedindo na verdade era para ver a gravação, mas exigir acesso aos negócios privados de outra família seria o auge da grosseria. Haider encarou o nada por alguns segundos.

— Encaminhei para as caixas de entrada de vocês.

Seu implante tocou, confirmando o recebimento. Eles teriam que encontrar um terminal seguro para visualizá-lo.

— Por mais hilário que pareça, eles exigiram que o apagássemos. — Haider riu. — Vocês têm o que precisam. Avancem, valentes heróis, encontrem os traidores e recuperem seus dados para poderem me pagar. Mas eu não recuperaria os cônjuges. Parece ser uma causa perdida.

Verdade, ela pensou.

Haider gesticulou para eles irem embora.

— Podem descer pelo elevador.

— Não, obrigado — disse Matias. — Vamos no veículo aéreo mesmo.

Ele foi para a janela. Ramona o seguiu, fez uma pausa e enviou uma breve mensagem para a caixa de entrada de Haider do seu implante.

— O que é isso? — perguntou Haider.

— Uma das minhas amigas de infância. Duas crianças, concepção natural em ambas. E elas nasceram com a mutação Tarim. Agora, estão com 5 e 3 anos. Achei que você e o Damien precisavam de alguém com quem conversar, e a Olivia Solis passou pelo mesmo desafio.

Haider sorriu.

— Talvez eu não pegue todo o seu dinheiro. Só um pouco. Boa caçada, loba.

Ela assentiu e saltou no vazio para o porão de carga.

Capítulo 3

Nova Delphi ficava no topo de um planalto imponente, seus arranha-céus resplandecentes e belos edifícios corporativos competindo por espaço com prédios residenciais e casas, suavizados pela vegetação. Do lado do penhasco, quinhentos metros abaixo do nível da cidade, ficavam os Terraços. Sete plataformas, cada uma com cerca de dois quilômetros de comprimento e duzentos metros de largura, curvavam-se da rocha viva uma sob a outra, como cogumelos arredondados de um enorme tronco de árvore.

Os Terraços ofereciam vistas, lojas e restaurantes, todos atendendo aos moradores da cidade, ansiosos por um breve retorno à vida mais simples e lenta nas províncias de sua infância. Ali o serviço era descontraído, a mobília rústica e a comida caseira.

Matias pousou em um pequeno estacionamento privado no Quarto Terraço, ao lado de uma cafeteria pitoresca que se projetava do penhasco. Sua parede frontal oferecia a familiar fachada esculpida de rocha avermelhada tratada com ácido para um tom mais claro singular dos Terraços, onde qualquer novo espaço de construção tinha que ser reivindicado do planalto. Um telhado inclinado de pontas levantadas, coberto com telhas solares de alta tecnologia feitas para se assemelharem a argila azul, protegia o edifício de chuvas torrenciais rápidas que encharcavam Dahlia o ano todo. A cafeteria parecia ter sempre estado lá, mas ele tinha certeza absoluta de que não a havia visto na última vez que visitou o local.

No momento em que havia tirado o veículo aéreo do edifício Davenport, eles tinham concordado que precisavam de um terminal seguro. Haider era um rival astuto. Mesmo que planejasse ganhar dinheiro com o acordo deles, não perderia a chance de dar uma espiada nos servidores e vasculhar os dados. Não tinha como dizer quais surpresas divertidas ele havia colocado no arquivo que enviou para as suas caixas de entrada. Se fossem burros o suficiente para abri-lo sem precauções, mereceriam qualquer coisa que Haider poderia ter implantado.

Eles precisavam de um purificador e um local tranquilo e privado para dar uma olhada no presentinho. Ramona lhe disse que tinha um. Matias também, mas se sua inimiga de longa data quisesse

convidá-lo a ver um dos seus esconderijos dentro da cidade, ele seria um tolo em recusar. Aprender mais sobre os Adler só beneficiava os Baena a longo prazo. Nunca se sabia quando essas coisas viriam a calhar.

A porta de Ramona se abriu e ela saiu do veículo aéreo. Um segundo depois, Matias a seguiu. A luz do sol se derramava do céu claro, aquecendo o piso sob seus pés. A cem metros, o Terraço terminou, guardado por um corrimão de pedra, e além dele um oceano de ar se estendia. Muito abaixo, a planície fértil rolava para a distância nebulosa em direção às montanhas azul-claro no horizonte. O vento atingiu o rosto de Matias, trazendo consigo o aroma de carne cozida, especiarias e pão fresco.

Fazia quanto tempo? Um ano? Não, uns dezoito meses. Tempo suficiente para um novo restaurante ser esculpido na rocha viva e revestido numa fachada de argila Dahlia.

Os últimos meses foram um borrão tenso e focado.

Quando Matias deixou Rada pela primeira vez, um dos trabalhos o tinha levado para um planeta onde os nativos competiam com grandes e rápidos herbívoros. Os animais eram usados para se esquivar dos predadores. Apesar do tamanho, eram nervosos e exigiam pequenas telas nas laterais da cabeça que restringiam a visão ao túnel estreito diante deles, caso contrário se desviariam do curso.

Isso é o que ele era, Matias percebeu. Um carregador Metfost, correndo até ao fim, alheio a todo o resto. Contudo, ele não tinha um controlador. Foi ele próprio que, de bom grado, colocou as telas em si e correu.

Matias notou Ramona parada ao seu lado. Ela havia voltado o rosto para o céu, e a luz do sol banhava a pele de bronze com ouro. O vento lhe balançou o cabelo escuro. Ela o pegou e fez um coque com um movimento experiente da mão. Ela parecia pertencer àquele lugar, àquele terraço repleto de luz e envolvido pelo vento.

Eles ficaram lado a lado, banhados em aromas de comida cozida e sol. Ramona não fez nenhum esforço para apressá-lo. Estavam com pressa, mas ela devia ter percebido que ele precisava de uma pausa.

Tempo era a única coisa que não tinham. Ele se forçou a virar para ela.

— Vamos?

— Por aqui.

Ela se virou para a direita e começou a andar. Eles passaram pelo novo edifício, depois uma loja de cerâmica, e ela o levou a uma cafeteria de dois andares, com as mesmas paredes avermelhadas e varandas cobertas no piso superior sob um telhado de pseudoargila ornamentado. As portas de madeira grossas e marcadas que guardavam a entrada se abriram ao se aproximarem. Um garçom usando um avental os cumprimentou, uma toalha de cozinha pendurada no ombro.

— A Sala Verde, sra. Adler?

Ramona assentiu com um pequeno sorriso.

O garçom os conduziu pelas mesas até uma escada, subindo os degraus e indo para a esquerda. Eles passaram por outra porta para uma salinha quadrada no canto da varanda. À esquerda, vidros cor de fumaça bloqueavam a vista externa. O implante de Matias lhe disse que as paredes à sua direita e atrás delas eram de polímero à prova de som revestido com uma fina camada de gesso verde.

Uma única mesa e quatro cadeiras ficavam perto das janelas. Ramona se sentou. Matias tomou o assento em frente a ela. O garçom pegou duas canecas de limonada do nicho escondido na parede, colocou-as na mesa e partiu. A porta se fechou atrás dele, e barras de metal escondidas deslizaram com um clique familiar. Uma porta à prova de explosão. Ramona havia elevado bastante o nível do “Não Perturbe”.

Ramona deu um tapinha no canto da mesa. Um painel pintado de prata se iluminou na madeira, e ela digitou uma sequência rápida. O vidro escuro à sua esquerda e atrás dela ficou transparente, apresentando-lhe uma vista do Terraço e dos transeuntes que por ali passavam. Eles ainda seriam invisíveis do lado de fora, mas veriam qualquer um se aproximando.

— Legal — reconheceu Matias.

— Obrigada.

Ramona tocou no painel. Uma faixa estreita apareceu na parede oposta, liberando uma tela de vídeo mostrando um redemoinho de faíscas cintilantes. Ela tinha enviado o arquivo de Haider para a tela e agora o purificador estava esmagando-o, retirando códigos maliciosos e armadilhas.

Matias investigou um pouco mais.

— O quanto este lugar é seguro?

— O restaurante pertence à família — disse ela. — No entanto,

apenas meus irmãos e eu usamos a Sala Verde. Mandeí construí-la há alguns anos, e clientes normais não tem permissão de usá-la.

Dos três irmãos Adler, Karion era o mais velho, depois Ramona, e então Santiago. Todos eram secare. Karion e Ramona eram os mais próximos, separados apenas por dois anos, ao passo que Santiago acabara de completar vinte naquele ano. Desde que Karion perdeu o braço direito, ele havia mudado para dar apoio total a irmã. Ramona era o nervo central da família, Karion era seus olhos e ouvidos, e Santiago era o canhão de plasma na mão da família. Quando alguém precisava ser removido, Santiago o fazia com entusiasmo e sem fazer perguntas, porque confiava por completo nos irmãos.

Às vezes, Matias desejava que a irmã não tivesse ido embora para se casar com uma mulher do outro lado do planeta. Simone não nasceu secare. Ele havia perguntado uma vez se ela lamentava, e com um abraço ela lhe disse que a única coisa a lamentar era que a genética dele o havia prendido.

— Com fome? — perguntou Ramona. — Prometo não te envenenar.

Seu implante poderia detectar centenas de toxinas conhecidas. Se ela tentasse, não sairia dali viva.

Mas seria uma grande luta.

Ele reconheceu a oferta com um aceno.

— Nesse caso, por favor, peça para nós dois.

Ela conjurou um cardápio espectral com um toque no painel, fez as seleções e acenou de volta.

— Feito.

Ele bebeu a limonada. Azeda e aromática, era a melhor coisa com exceção de vinho quando se queria ficar sóbrio.

A exibição de vídeo entrou em foco, apresentando uma lista de tudo o que havia retirado do arquivo. *Vejamos, um rastreador de dados, um localizador e... um vírus worm.* Dada a oportunidade, o vírus teria ido para seus servidores domésticos através dos implantes, entocando-se na rede e se dividindo em segmentos, e detonaria como uma bomba cibernética no momento que Haider desejasse, destruindo os dados.

— Haider, seu idiota. — Ramona riu.

— Ele deve pensar que nascemos ontem.

— Você não pode culpá-lo por tentar.

Ela acenou para a tela e os arquivos se fundiram numa imagem estática.

Uma sala de conferências com uma grande mesa de madrepérola montada a partir de cirripédias comuns ao Oceano Ártico do Norte. Três homens à esquerda. Haider, Damien e Derra Lee à direita.

Os três visitantes usavam gibões escuros semelhantes e calças combinando, roupas semiformais que poderiam ter vindo da prateleira de qualquer loja em Nova Delphi. Algo comum para empresários de nível médio e empregados kinsmen. Três nomes brilhavam acima da cabeça de seus respectivos donos: Ronaldo Marner, Weston Lugfort, Varden Plant. Todos os três tinham cortes de cabelo curtos conservadores do mesmo comprimento. Sentados, as linhas de seus corpos não eram rígidas, mas estavam longe de relaxadas.

— Militares — disse Matias.

— Concordo. E novos no planeta. Aposto que tudo o que estão vestindo foi comprado no mesmo dia na mesma loja.

A gravação foi retomada.

— Como já lhe disse, recusamos a sua generosa oferta — disse Haider. Sua expressão era neutra, seu olhar duro e hostil. Um homem diferente daquele que conheceram naquela manhã.

Varden Plant, o mais velho dos três, falou:

— Seria do seu interesse reconsiderar.

Matias se concentrou nele. Alto, em forma, pele clara, cabelo e olhos castanhos. Um rosto masculino. Aparência de meia-idade enganosa. A galáxia oferecia uma infinidade de melhorias e modificações de rejuvenescimento. Ele podia ter cinquenta ou oitenta anos. Poderia ter mais de cem, mas era quase certo que tinha mais de quarenta, porque olhava para os Davenport com leve desprezo e a impaciência de alguém irritado com a percepção da juventude e da estupidez. Tanto Haider quanto Damien tinham trinta e poucos anos.

Damien Davenport se inclinou para a frente. Vários centímetros mais alto que Haider, era magro, com membros compridos e cabelo preto curto, sua pele um ocre avermelhado. Onde Haider era velocidade e força explosiva, Damien projetava determinação e resistência.

— Não estamos interessados — ressaltou Damien, sua voz suave, quase preguiçosa. — Não há necessidade de discutir. Não seremos persuadidos. Você tem a sua resposta.

— O fracasso é um professor severo — disse Varden. — Você está no precipício e a galáxia está observando. Aceitem a nossa oferta e se salvem antes que seus inimigos os destruam.

— Estranhamente grandioso — comentou Ramona.

E familiar. Havia algo reconhecível no tom, nas palavras e no olhar de Varden, como se ele não estivesse falando com seres humanos, mas com insetos adequados para serem esmagados sob sua bota.

Haider deu um suspiro exagerado.

— Você ofereceu três vezes e nós recusamos três vezes. Esta reunião acabou.

Varden se levantou e os outros dois seguiram o exemplo, empurrando as cadeiras. O visitante ergueu o queixo e deu aos Davenport um olhar de desprezo evidente.

— Vou me lembrar disso. No futuro, não me culpe por ser indelicado.

Um alarme mordeu Matias com dentes quentes. O mundo ficou branco por um piscar de olhos enquanto memórias reprimidas inundavam.

A gravação terminou.

— Não há muito o que continuar — murmurou Ramona, então viu o rosto dele. — O quê?

— Me dê o código de acesso — disse ele.

O código da tela de vídeo piscou no seu implante. Ele se conectou à base de dados privada, puxou o ficheiro certo e atirou para a tela. A sala de conferências derreteu, unindo-se em fileiras de soldados parados em armaduras prata de alta tecnologia, ombros retos, colunas rígidas, segurando capacetes na mão esquerda. Mesma altura, mesma trança comprida que se estendia por um couro cabeludo quase calvo da testa ao pescoço. Mesma expressão: dentes cerrados, sobrelhas baixas, olhares sem piscar, rostos estampados com a necessidade de dominar.

— Quem são eles? — murmurou Ramona.

— Os Vândalos — respondeu. A palavra tinha um gosto sujo na boca. — Brigada de Pacificação da República Queda Estelar.

* * *

— Os Vândalos? — Ramona franziu a testa. — É assim que eles

se chamam ou como os outros os chamam?

— Os dois.

O rosto de Kurt brilhou diante de Matias, a expressão assustada no rosto do homem mais velho marcada em sua memória. Não queria se lembrar do momento seguinte, quando a corveta do líder da tripulação floresceu em uma pequena estrela em sua tela.

Ele jogou o mapa do setor estelar na tela, uma grande esfera pontuada por faíscas brilhantes de estrelas individuais. À medida que a humanidade se expandiu pela galáxia, ela o fez em rajadas. Um único planeta habitável não era suficiente para garantir o estabelecimento de um posto avançado, a menos que os colonos tivessem tendências separatistas sérias e pudessem financiar a própria expedição. Em vez disso, a humanidade procurou um aglomerado de sistemas estelares com planetas habitáveis em relativa proximidade uns dos outros. Eles identificariam um mundo âncora, o lugar da colonização inicial, construiriam portais e canalizariam suprimentos para esse mundo, a partir do qual a humanidade se espalharia em uma explosão estelar para todos os outros planetas ao seu alcance, formando um setor.

Os setores variaram de dimensão. O deles era um dos maiores, com Tayna, o mundo âncora, no centro e vinte e sete sistemas estelares habitados situados a distâncias aleatórias. Mesmo com os portais, levava meses para viajar de uma ponta do setor para outra. A maioria dos planetas negociava com seus vizinhos imediatos e com o mundo âncora, mas quanto maior a distância, menos sabiam das outras populações. Apenas os espaçadores – fuzileiros navais mercantes, guardas de comboio e tripulações de trabalhadores migrantes como mineradores de asteroides – entendiam todo o conjunto.

Matias marcou Rada, e o planeta se iluminou na tela para o “sudoeste” do mundo âncora, a meio caminho entre ele e a borda do setor.

— A gente — disse ele.

Marcou o outro planeta, um mundo grande no limite superior do setor, e ele brilhou vermelho.

— Sistema estelar Kooy.

Ele deu zoom e o mapa mostrou um aglomerado de quatro estrelas, com a do meio piscando em vermelho enquanto as outras três estavam pintadas de rosa.

— Uns oitenta anos atrás, uma revolta militar derrubou a

monarquia existente e estabeleceu a República da Queda Estelar. É uma república só no nome. Apenas militares ou veteranos de serviço ativo são verdadeiros cidadãos. Todos os outros fazem parte de uma classe de apoio menor, com direitos limitados e proteções ainda mais limitadas. São governados por um alto conselho militar, e o poder do conselho é absoluto. É como se um regime totalitário e uma meritocracia militar tivessem um bebê e o vestissem com roupas republicanas.

— Encantador — disse ela. — Esta é a unidade de elite deles?

— De certa forma. Os Vândalos não são os melhores lutadores da república. São sociopatas escolhidos a dedo, desprovidos de moral e treinados para obedecer aos oficiais comandantes sem hesitação. Para ser considerado para essa unidade, é preciso ter uma certa contagem de corpos.

— Então eles são assassinos.

Matias se recostou, tentando afastar as memórias.

— São tropas exterminadoras. Eles não são mobilizados, são desencadeados. Quando você precisa apagar algo da existência – uma fábrica de asteroides problemática, uma base planetária, uma unidade militar cujo comandante sai da linha – os Vândalos são a resposta. Eles não têm problema em matar os seus.

Ele fez uma pausa, decidindo o quanto contar a ela. Apenas os pontos principais. Sim, os pontos principais bastariam.

— Havia uma colônia de mineração em uma das luas de um sistema planetário na borda do território da RQE. Os mineradores haviam se estabelecido lá algumas décadas antes da RQE reivindicar o sistema. A RQE lhes deu um ultimato: se converter ou ir embora. Os mineradores se recusaram a fazer qualquer um deles. Os Vândalos foram ordenados a reivindicar a colônia a qualquer custo. Era uma colônia cúpula, sem defesas a não ser a polícia do povoado. Os Vândalos poderiam apenas ter explodido os geradores com alguns mísseis, e os mineradores teriam que evacuar.

— Eles não fizeram isso — concluiu Ramona.

— Não. Foi julgado como uma boa oportunidade para um exercício de campo. Além disso, os geradores estavam em excelentes condições e teriam sido caros para reparar ou substituir.

O olhar de Ramona endureceu.

— Nove mil pessoas — disse ele. — Dessas, mil e quinhentas eram crianças. Assassinadas. Eles tinham um sistema de pontos. Uma

quantidade por adulto, um pouco menos por idosos e crianças menores de 12 anos. Os bebês contavam como um único ponto. Os Vândalos mantiveram uma contagem desenhando números na armadura com sangue. Tinham as câmeras corporais, mas o sangue parecia impressionante, e foi tudo por diversão. A RQE chamou de Recuperação e Libertação de Instalações de Mineração no Opus VII. Seus vizinhos chamaram de Massacre do Opus.

Ela olhou para ele, horrorizada. Então, o choque se derreteu em suspeita.

— Por que você sabe tanto sobre isso?

Porque alterou irreversivelmente a trajetória da sua vida. Ele devia aos Vândalos uma dívida de sangue que nunca poderia pagar.

— Há treze anos, quando deixei o planeta, entrei para um grupo de mercenários. Eles evitaram a RQE e todas as suas tropas como se fosse uma praga. Fomos informados das aventuras dos Vândalos como um aviso.

Os olhos dela se estreitaram. Ramona claramente esperava mais, mas ele não estava pronto para reabrir aquela ferida. Quanto menos ela soubesse dele, melhor. Matias não tinha o costume de dar munição aos inimigos.

— Está dizendo que essa é uma operação militar — disse ela. — A RQE quer a tecnologia seco, e enviaram os Vândalos para obtê-la.

Sim e não.

— Quando um comandante Vândalo avisa que está prestes a ser indelicado, ele quer dizer “obedeça ou morra”. Se não obedecer à ordem, ele vai matar você, sua família, seus animais de estimação, seus vizinhos, até que não haja mais nada a não ser um lago de sangue. Haider é um homem marcado. Os Davenport estão vivendo com o tempo contado. Antes que os Vândalos deixem o planeta, farão daquela promessa uma realidade.

Toda a postura de Ramona mudou. A mulher provinciana relaxada com olhos quentes e movimentos preguiçosos evaporou, como uma máscara kan derretendo no ar no final de um festival. A mulher em frente a ele naquele momento estava focada, os olhos calculistas, a linha da boca dura.

Olá, Ramona. Assim está melhor.

— Vamos supor que você tem razão — disse ela. — A RQE tem uma divisão de inteligência? Ou um corpo diplomático?

— Tem — confirmou ele. — Eles têm um corpo diplomático,

um departamento de inteligência, um departamento de divulgação pública e algumas outras agências que lidam com o mundo exterior. São paranoicos e coletam todas as informações dos vizinhos, porque veem todos como uma ameaça em potencial.

Ramona tamborilou as unhas na mesa.

— Então por que enviariam maníacos homicidas para negociar a compra da tecnologia do escudo seco?

Boa pergunta.

— Esse tipo de missão requer flexibilidade e talento para a diplomacia — continuou Ramona. — Duas coisas pelas quais uma unidade exterminadora claramente não seria conhecida.

— E, no entanto, aqui estão eles.

Sem as tranças no crânio raspado de marca registrada.

Um sino suave soou pela sala. Ramona se levantou, cruzou o ambiente até a parede oposta e pegou uma bandeja de comida de um nicho. Ela a trouxe para a mesa e a colocou na frente de Matias. Um prato de sopa picante, peixe defumado, quatro tipos diferentes de queijos locais, pequenas massas fritas, espetos de carne grelhados feitos na fogueira, ainda chiando, pão com a casca dourada e crocante e frutinhas de Rada com mel.

De repente, ele ficou faminto.

Ramona colocou a sopa em duas tigelas e passou uma para ele. Ele bebeu. *Temperada do jeito certo.* Tomou um segundo gole. *Ainda melhor.*

— Está boa — disse ele.

Ela revirou os olhos.

— Claro que está boa. Tudo aqui é bom. Estão servindo receitas da nossa família.

— Nesse caso, eu deveria ter dito aceitável.

— É óbvio que você não valoriza a sua vida.

Eles comeram em silêncio. Dez minutos depois, ele não estava mais morrendo de fome e seu cérebro reiniciou, vasculhando os dados e cuspidando uma resposta ao mistério dos Vândalos. Ele realmente não gostou.

— A existência dos Vândalos é secreta? — perguntou Ramona.

— Não. A reputação deles é um trunfo.

— Quão de perto eles são monitorados? Como uma unidade?

— Não muito. Eles respondem diretamente ao alto conselho e na maioria das vezes formam bases em qualquer fronteira que a RQE ache mais problemática no momento. Não entram mais fundo no território da república, a menos que recebam ordens.

— Dois coelhos com uma cajadada — murmurou ela. — Proteja a fronteira e mantenha-os longe de centros civis e outras instalações militares.

Ela seguia o mesmo caminho lógico que ele. Ela não tinha todos os antecedentes dele, mas chegaria à mesma conclusão se a ajudasse ou não. Não havia razão para esconder as coisas. Precisavam trabalhar juntos. E ainda assim ele hesitou. Devia ser a força do hábito. Por alguma razão ele estava irritado, e essa irritação o deixou conflituoso.

— Se três homens de uniforme com tranças no crânio raspado aparecessem no escritório dos Davenport trazendo a mesma proposta, a recepção deles teria sido exatamente a mesma — disse Ramona. — Não há razão para Varden e os outros esconderem sua identidade dos kinsmen ou fingirem ser cidadãos de Rada.

— Eles não estão se escondendo de nós.

Ramona o fixou com o olhar. Ele imaginou uma lâmina seco vermelho-sangue saindo do braço dela.

— Por que tenho a sensação de que você já descobriu e agora está me alimentando com migalhas de dados para ver o quão rápido chego lá?

— Porque estou.

Ele provavelmente não deveria ter dito isso.

Ela se inclinou para a frente.

— Kinsmen Baena, você está testando a minha paciência.

Haider a chamou de loba. Apropriado.

— Estamos trabalhando juntos ou não?

— Estamos — disse ele. — Somos aliados temporários.

— Então, deve compartilhar informações. Eu te trouxe para um ambiente seguro. Você viu o meu pessoal. Eu te alimentei. Demonstrei confiança.

— Não tenho nenhum problema com você. Tenho um problema com o seu sobrenome.

Ela se eriçou.

— E agora você insultou a minha família.

— Não é um insulto, mas uma declaração de fato. As nossas famílias são inimigas há gerações. Não há garantia de que você não vai me apunhalar pelas costas.

Ela deu uma risada curta.

— Ah, isso é engraçado vindo de uma Baena.

— O que você quer dizer?

— Você não tem espaço para falar de traição considerando de quem você vem.

Aquilo foi bastante específico.

— Você fala como se as nossas famílias tivessem uma aliança, que a minha família quebrou. Nunca houve tal relação. Sempre fomos rivais.

— Não finja que não sabe. — As palavras dela pingaram desprezo.

— Não faço ideia do que está falando.

Ramona o encarou, avaliando.

Ele abriu os braços e encarou de volta.

— Tudo bem — disse ela. — Temos coisas maiores com que nos preocupar.

Ah, não, nem vem.

— Me diga.

— Como você disse, kins Baena, somos aliados temporários. A informação que pede está fora do âmbito da nossa parceria limitada. Não precisamos dela para encontrar a sua mulher ou o meu marido. O que precisamos é de tudo o que sabe ou suspeita dos Vândalos no nosso planeta, já que estão tentando comprar o mesmo tipo de tecnologia que os nossos cônjuges estão vendendo. Se não quiser compartilhar, me diga agora para que possa parar de desperdiçar nosso tempo.

Nada do que ela disse estava errado. Ele precisava lhe dar informações suficientes para seguir em frente. O mais importante era encontrar seus cônjuges e recuperar a tecnologia.

Ele percebeu por que estava sendo mesquinho. E gostou. Sem querer, Ramona esfregou na sua cara o que ele estava perdendo.

Matias nunca viria para uma sala secreta nos Terraços com Cassida. Nunca desfrutaria de uma refeição deliciosa em silêncio confortável e depois discutiria planos e tramas sérios com ela. Sua esposa não tinha interesse em compartilhar essa parte do seu mundo, e ela preenchia cada silêncio com conversas, significativas ou não.

Ele também entendeu que tinha que redigir um acordo de divórcio imediato. Se ele encontrasse isso outra vez, não seria com Cassida, e já que havia experimentado esse momento, não se conformaria.

— Peço desculpas, kins Adler.

Ramona recuou.

— Esta manhã me ensinou muitas coisas que eu não sabia. Descobri que minha mulher me traía. Soube que ela roubou a nossa pesquisa. Soube que tropas estrangeiras visaram a minha família, e que minha inimiga de longa data é a única pessoa capaz de me ajudar. Isso requer um ajuste.

A expressão dela suavizou, e Matias ficou impressionado com a tristeza profunda que viu em seus olhos. Por um momento Ramona parecia ter perdido alguém próximo, e então ela escondeu, os olhos mais uma vez calmos e quentes. Ele foi perdoado.

— Desculpas aceitas. Esta tem sido uma manhã difícil para nós dois.

— Eis o que eu acho — disse Matias. — A liderança dos Vândalos está planejando um golpe.

— Pelo que me disse, não seria improvável. Eles já são mantidos separados dos civis e do resto dos militares. Como são usados para punir unidades desonestas, são vistos como forasteiros por outros soldados e acreditam que estão acima de outras forças armadas.

Ele assentiu.

— Os escudos seco dariam aos navios deles uma enorme vantagem contra outras forças da RQE. Com o tempo, os Vândalos poderiam expandir o uso para pequenas naves. Passariam pelas tropas normais como faca na manteiga. É por isso que se disfarçaram. Não se importam se soubermos quem são, desde que a RQE não saiba que estão aqui.

Ramona pensou no assunto.

— Eles gostariam de adquirir toda a tecnologia, tudo o que temos além da participação dos Davenport.

— Sim.

— Mas eles não se aproximaram de nós. Devem ter mudado de estratégia depois que os Davenport recusaram a proposta. E como descobriram que estávamos trabalhando em campos de força seco? Alguém está ajudando eles. Alguém daqui.

— Não só isso, mas os Vândalos não teriam usado transporte comercial para chegar. Eles dependem de números.

Ramona recuou.

— Você acha que eles têm um navio de guerra no sistema?

— Eu apostaria o meu braço.

— A identificação ultramoderna é uma coisa — disse Ramona. — Um navio de guerra estrangeiro no sistema é outra. Exigiriam uma dispensa diplomática.

— O que pode ser concedido por um senador federal — terminou Matias, seu tom sombrio. — Como Theodore Redding Drewery.

Ramona arregalou os olhos.

— O pai de Cassida?

Ele assentiu.

— Uau — disse Ramona. — Isso é uma merda.

Matias bebeu o resto da limonada. O gosto era amargo.

— O que temos é muita conjectura. Vou verificar mais um pouco.

— Não, deixa isso comigo. É bem provável que estejam te observando. Se você começar a fazer perguntas, os alarmes deles dispararão.

— Eles também estão te vigiando.

Ela acenou com a mão, indiferente.

— Matias, me deixe fazer isso. Eu sei o que estou fazendo, e não vão perceber.

Ele lhe devia pelo seu momento de mesquinhez.

— Por favor, fique à vontade.

Capítulo 4

— tão feliz que deu tudo certo com o artista.

Ramona sorriu.

Na tela, Aria Teeling, uma mulher de meia-idade, baixa e rechonchuda, com o uniforme azul-celeste do Controle de Tráfico Orbital, sorriu de volta.

— Obrigada mais uma vez. Deveria ver o mural. É maravilhoso. Você tem que vir jantar aqui.

— Me diga uma data.

E Ramona iria mesmo. Ela gostava de Aria e do marido.

— Vou te cobrar. — Aria olhou para o lado. — Está aqui. Parece que o senador Drewery assinou a autorização.

— Estou te devendo uma.

— Bobagem. Amigos não devem nada. Ah, e você vai adorar isto. Não é a primeira vez que o nosso querido senador pediu uma licença para a RQE. Ele já fez isso antes, há sete anos.

Ramona beijou os dedos e colocou na tela.

— Ah, pare com isso. Fico feliz em ajudar.

As duas disseram adeus e encerraram a ligação.

Matias olhou para Ramona como se tivesse brotado uma segunda cabeça nela.

— O quê?

— A líder da tripulação da Alfândega do Porto Espacial de Nova Delphi lhe deve um favor porque você se lembrou que o pai dela gosta de cerâmica conuviana.

— Sim, me certifico de enviar uma peça todos os anos no aniversário dele. Eles são uma boa família.

— O assistente do funcionário do tribunal de imigração te ama porque você o ajudou a contrabandear um cachorro fofinho para a esposa.

— É um Albine Needlehair Spaniel. Eles são ferozes.

— Todos os sete quilos deles.

— Cão pequeno, coração grande.

— A chefe do CTO abriu um arquivo para você porque você conseguiu para ela e o marido um artista para pintar uma parede na casa provincial deles.

— Valina é muito ocupada e quase nunca recebe comissões. Minha mãe a ajudou a começar, e a nossa família tem a sorte de apoiar sua arte desde então.

Matias se inclinou para a frente.

— E agora os Davenport podem lhe dever um favor porque você os apresentou a uma psiquiatra renomada que por acaso tem dois filhos com a mutação Tarim e que pode salvar o casamento deles.

Ela não tinha percebido que Matias estava prestando atenção quando mencionou o nome de Olivia.

— Você pesquisou o nome dela. Não é legal bisbilhotar.

Ele lhe lançou um olhar aguçado.

— Você é uma aranha. Sentada no meio da sua teia lindamente tecida e puxando as cordas certas até que o seu prêmio caia na sua frente.

Lindamente tecida ainda por cima. Ela mexeu os dedos para ele.

— Tema minhas pernas de aranha, Baena.

Matias balançou a cabeça.

— É meio medo, meio admiração. Só para que saiba, somos parceiros. Não lhe deverei nenhum favor no final disso.

— Essa é a beleza, Matias. Nenhum deles me deve nada. Me ajudam porque me consideram uma amiga. Ser gentil com as pessoas e prestar atenção não deve ser feito com a expectativa de ganhar algo em troca. Eu os ajudei porque pude, e isso me fez feliz.

Ele balançou a cabeça outra vez.

— Resumindo — disse ela —, seu sogro está recebendo suborno da RQE. Os Vândalos chegaram ao sistema há dois meses e meio, e um grupo solicitou refúgio sob a Lei do Perseguição Política. Ele providenciou a autorização diplomática do navio de guerra e talvez tenha mexido uns pauzinhos para agilizar os pedidos de refúgio. As identidades deles passam na inspeção porque são verdadeiras, e de acordo com a Imigração, há pelo menos quarenta deles em Dahlia, todos codificados como refugiados por razões humanitárias. O navio

de guerra os deixou e saiu do sistema por dois meses, e agora voltou supostamente para negociar outra leva de refugiados, mas com maior probabilidade de pegar os chamados refugiados depois de obterem nossa tecnologia e assassinar os Davenport. Não é uma expedição de negócios: é uma mini-invasão, e seu sogro senador está envolvido nisso até o pescoço.

Matias sorriu. Sorriu de verdade, um sorriso que lhe suavizou o rosto áspero e iluminou os olhos. O efeito foi chocante. Ramona teve que lutar com ela mesma para não ficar encarando.

— Parece ruim quando você coloca as coisas assim — disse ele.

— Não tem um jeito bom de dizer isso.

Matias se levantou.

— Você já viu a casa de verão do senador Drewery?

— Não tive o prazer.

— Tenho negligenciado meus deveres de genro. Estou devendo uma visita. Vem comigo?

— Pensei que nunca perguntaria. — Ela se levantou. — Antes de irmos, quer avisar os Davenport?

Ela disse isso de leve, quase como uma reflexão tardia, e se ele dissesse não, ela se afastaria. Os Davenport eram competidores, isso era verdade, e se fossem eliminados, ambas as famílias atacariam com prazer seu território e recursos órfãos. Mas isso era assunto de kinsmen. Todos eles cresceram sob o mesmo céu na mesma província, desfrutaram da mesma comida, seguiram as mesmas tradições e riram das mesmas piadas. Amigo ou inimigo, eles faziam parte de Dahlia. Os Vândalos eram forasteiros.

Algumas coisas apenas não eram feitas.

— Já encaminhei tudo o que descobrimos para Haider — disse Matias. — Liguei para ele quando estivermos a caminho.

Ramona soltou um suspiro baixo e abriu a porta para ele.



Os jardins verdejantes deslizaram abaixo do veículo aéreo, salpicados de flores em todas as cores sob o sol. Ramona suspirou baixinho. Se ela pudesse abrir a janela – uma impossibilidade num veículo aéreo –,

o vento cheiraria a verão: folhas aquecidas pelo sol, solo fértil e o aroma multifacetado de flores.

Quando ela era criança, todos os verões, assim que a escola terminava, a família fazia a peregrinação para a casa de veraneio dos Adler. Observar os jardins deslizarem significava o início das férias. Dois meses nadando em um lago e pulando na piscina da família, subindo em árvores e comendo frutas dos galhos, de caminhadas nos pomares e campos de frutas que quase poderiam passar por uma floresta antiga assustadora se alguém semicerrasse os olhos. Longos dias preguiçosos de leitura em uma rede e longas noites felizes observando os vaga-lumes roxos brilharem na escuridão quente enquanto os adultos cozinhavam alimentos em fogueiras e escapavam à meia-noite para pegar flores da estrela quando abriam para cumprimentar as duas luas.

Naquela época, o tempo parava durante o verão. Nos últimos anos era só mais uma temporada cheia de prazos. A estação já tinha começado há uma semana e ela mal havia notado.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou Matias.

Para um homem, ele era bem observador. Ou talvez parecesse assim porque Gabriel sempre era desinteressado.

— Sinto falta da minha infância — disse ela.

— Casa de verão nos jardins perto de um lago? Noites perseguindo vaga-lumes roxos e esperando que as duas luas nascessem para que as flores da estrela florescessem e libertassem os enxames de gala? Escalar uma árvore para comer as cerejas laranja?

Ela piscou.

— Eu não tinha percebido que a coleta de dados dos Baena era tão extensa.

— Não é, só descrevi minha própria infância.

— Você esperava o nascer das luas para poder ver as flores da estrela?

— Não, mas a minha irmã sim, e me arrastava com ela. Todas as vezes.

Fazia sentido. A maioria das famílias ou mantinha casas de veraneio se podiam pagar, alugava se não podiam, ou escolhiam criar seus filhos nas províncias. A maioria das crianças perseguia os vaga-lumes e se empanturrava de cerejas laranja e framboesas durante o verão.

Matias sorriu.

— Ela não precisava se esforçar tanto para me arrastar. Eu também gostava das flores.

— Sinto falta. Naquela época, eu pensava que, quando crescesse, seria sempre verão. Poderia fazer o que eu quisesse, quando eu quisesse...

Ele riu. Parecia amargo.

— Quanto tempo?

— Desde que passei um verão na província? Quatro anos.

Ele estendeu a mão e mostrou cinco dedos.

— Por que fazemos isso com nós mesmos? — indagou ela.

— Família. E o glamour de ser kinsmen. — Suas palavras gotejavam sarcasmo.

— Tanto glamour. Às vezes sou tão glamorosa que esqueço de tomar banho por três dias e durmo no meu escritório.

— Dormir? Que luxo é esse? Para dormir é preciso relaxar. Cama macia, cobertas quentes. Não durmo desde o mês passado.

Ela olhou para Matias, sem saber se estava brincando. Já era o sétimo dia da semana. Tecnicamente, com os energéticos certos, era possível.

— Eu não durmo. Eu desmaio e, antes disso, fico acordado fazendo listas mentais, até meu cérebro desligar e o alarme disparar quatro horas depois.

— Graças ao universo você dormiu um pouco, porque por um segundo tive dúvidas sobre você voar...

Ele tirou as mãos dos controles. O veículo aéreo mergulhou para a frente.

— Matias!

Ele sorriu e puxou o veículo de volta.

— Se estiver muito cansado, posso assumir — ofereceu ela.

— Eu poderia pilotar esta coisa enquanto durmo.

Claro que poderia.

— Má escolha de palavras.

— Foi de propósito.

Ramona balançou a cabeça e acessou a tela do painel à sua frente, pegando o sinal do satélite. Estavam a cerca de dez minutos da vila do senador. Ela a puxou para a tela. Uma mansão de três andares no estilo extravagante da Terceira Onda, a chegada em massa final dos colonos, fora construída com mármore rosa e acentuada com acabamento de quartzo cellordiano que cintilava com um brilho carmesim vivo quando captava a luz do sol.

Que casa enorme.

O piso inferior era um cubo maciço com bordas arredondadas, vinte metros de altura e cem de largura, com imponentes janelas arqueadas nas paredes. Um cubo arredondado menor – os dois andares superiores – ficava em cima daquela enorme base, no centro. O espaço ao redor dos dois andares era ocupado por um belo parque paisagístico. Vários caminhos curvos serpenteavam pela vegetação e seguiam para o canto sul da estrutura, onde uma escadaria dupla cortava o primeiro andar, levando a uma piscina semicircular do tamanho de um pequeno lago. Parecia que alguém havia pegado uma faca em um bolo grande de três andares e cortado um dos cantos inferiores, e o recheio líquido havia vazado em uma poça redonda.

Nem um único ângulo afiado a ser visto. Tudo era curvaturas e arcos, e o telhado vermelho-escuro era uma curva sinuosa coroada por uma cúpula. Tudo brilhava com quartzo vermelho.

— Brilhante — resumiu ela.

— A intenção é tranquilizar os eleitores dos valores tradicionais do senador.

— Parece bolo de vinho rosé. Qual é o tamanho?

— Quase 12 mil metros quadrados.

A casa média em Nova Delphi tinha uns duzentos metros quadrados.

— Não sabia que os políticos ganhavam tão bem.

— Os honestos não ganham — disse Matias. — Este é um monumento para todos os subornos que ele aceitou.

Uau.

Não era apenas o custo da casa, mas também a manutenção. Mesmo que Drewery automatizasse quase tudo, o custo de energia da limpeza e cuidados diários daquilo tinha que ser surpreendente.

— Cassida é filha única — disse ela. — Só ele e a esposa naquela monstruosidade. O que ele faz com esse espaço todo?

— Algumas coisas bem incríveis. Ele tem uma biblioteca cheia de livros antigos. Papel verdadeiro, selado a vácuo. Tem uma quadra de esportes coberta. E há um enorme átrio no meio da casa com um jardim tropical, piscina de água salgada e uma praia de areia real. Só o átrio tem 6 mil metros quadrados.

Ela o encarou.

— Não estou brincando — disse ele. — A esposa dele é fã dos trópicos.

A mansão encheu a tela. A câmera da aeronave não conseguia ver ainda, mas eles estavam cada vez mais perto.

— Você tem um plano? — perguntou ela.

Ele a olhou de relance.

— Afinal, ele é um senador federal.

Rada era dividida em províncias, cada uma com o seu próprio senado provincial. Além disso, cada província enviava senadores federais para o conselho planetário, um representante por cada milhão de cidadãos. Dahlia tinha onze senadores federais, o que fez de Drewery uma das onze pessoas mais poderosas da província. Apenas o governador provincial detinha mais autoridade.

— Não podemos apenas atacá-lo — continuou ela. — Por um lado, haverá guardas senatoriais.

— Não haverá. Ele recusou a proteção da guarda para “economizar o dinheiro do contribuinte”. A guarda é leal à instituição do Senado Federal. Ele achou inconveniente a presença de tantos olhos e ouvidos que não possuía.

— Segurança privada, então — adivinhou ela.

— É bem provável.

Sem dúvida aquilo facilitava as coisas. Ainda assim, a abordagem deles e tudo o que faziam dentro da casa seriam gravados. Não havia dúvida de que se deixassem Drewery vivo – e teriam que deixá-lo vivo –, ele usaria o registro das ações dos dois como detonador para explodir ambas as famílias. O futuro dos Adler e dos Baena dependia do que fariam a seguir. Ela não tinha certeza se ligava. Esse pensamento deveria ter sido perturbador, mas Ramona simplesmente não conseguia reunir energia para se dedicar a ele. A pressão que sentira aumentar desde que soube da traição de Gabriel havia chegado a um ponto crítico. Ela precisava desabafar, ou isso a despedaçaria.

— Algo que eu precise saber sobre o senador? Alguma surpresa divertida?

— Lyla Drewery tem um implante de combate.

Matias respondeu sem qualquer hesitação. Talvez essa parceria temporária funcionasse, afinal.

— Eu sei — disse ela. — Classe C.

As sobranceiras de Matias se ergueram de leve.

— Você é nosso inimigo em potencial por toda a vida, Baena. Ficamos de olho nos seus possíveis aliados.

— Então não tenho nada a temer. Sua vigilância é boa, mas seu julgamento é uma porcaria. Os Drewery nunca foram meus aliados.

Ela revirou os olhos.

— E o próprio senador? Alguma melhoria?

— O implante senatorial padrão. Os implantes de combate não se integram bem com os modelos de administração senatorial. É um ou outro. Ele foi preparado para o Senado desde o dia em que nasceu. Se você lhe desse uma arma de fogo, ele não saberia de que lado dispara.

Um vislumbre dourado brilhou no visor. Tinham cruzado a divisa da propriedade. Ela podia ver a cúpula vermelha subindo acima das copas das árvores a alguns quilômetros de distância.

Dois veículos aéreos escuros dispararam no ar e pairaram, flanqueando a residência. Ela deu um zoom neles usando a tela para acessar à câmara do transporte. Não eram veículos aéreos: eram naves de guerra, dois caças espaciais de curto alcance. Não se pareciam com a Defesa Planetária.

— Aquele filho da puta arrogante — rosnou Matias. — Ele nem sequer está tentando.

— Os Vândalos?

— Sim.

A casa correu para eles.

No visor, os canhões brotaram barris gêmeos com bobinas de calibração. Um terceiro canhão sob a cabine caiu à vista. Um lançador cinético de projéteis.

— Armas a postos — relatou Ramona. — Dois canhões vulcanos e um LCP de 20mm cada.

Matias assobiou.

— Brinquedos caros.

As bobinas de calibração nos focos dos canhões vulcanos giraram, ficando brancas. Quando prontos, disparariam bolsas de matéria ionizada, sobrecarregadas com energia para fornecer impacto cinético e calor extremo.

— Calibração iniciada — disse ela, sua voz entrecortada.

Matias não mostrou sinais de alterar o curso.

Eles estavam em desvantagem de armas. As balas de 20mm dos LCPs rasgariam a aeronave como uma teia de aranha. E, se falhasse, um ataque direto de qualquer um dos canhões vulcanos fritaria o sistema eletrônico, derreteria o chassi e os cozinheiros vivos.

Quatro torres se ergueram do telhado da vila, expandindo-se como cogumelos. Mísseis terra-ar. Aquilo não podia ser legal, nem mesmo para um senador.

— E quatro mísseis terra-ar — acrescentou ela.

Matias sorriu.

— Uma recepção tão calorosa.

— Você é o genro favorito dele.

Seu cinto estalou, apertando-a no assento. Ele tinha ativado o protocolo de colisão.

— Devemos pousar e entrar a pé. Teríamos melhores chances — disse ela.

Sem resposta.

Os canhões dispararam contra eles.

— Matias!

O veículo aéreo subiu, a gravidade a esmagando no assento enquanto inflava para compensar. Os canhões dispararam, inclinando o nariz para cima. O veículo aéreo se espalhou, evitando os fluxos brancos e quentes dos vulcanos, e mergulhou diretamente entre os dois caças RQE.

Não havia espaço suficiente. Eles iam bater direto nas naves dos Vândalos.

O mundo virou numa cambalhota vertiginosa. A nave de guerra da direita passou como um borrão por ela, uma sombra escura do lado de fora da janela. Ele os virou para o lado, entrando numa lacuna

estreita. As duas naves se inclinaram, tentando virar e voltar ao alvo.

O míssil do telhado mais próximo cuspiu fogo azul. O veículo aéreo despencou como o mergulho acentuado de um falcão. Seu estômago gritou em protesto.

A água azul da piscina brilhava na frente deles.

Não tem como a piscina ser funda o bastante. Vamos bater no fundo, e mesmo que ele estabilize, não tem tempo suficiente para parar. Vamos bater contra a parede. Se o impacto não nos matar, vamos nos afogar.

O veículo aéreo subiu numa curva quase impossível e mergulhou na água num ângulo acentuado. Eles deslizaram ao longo do fundo da piscina, voando na água em puro impulso. As paredes se fecharam, empurrando-os num túnel. Os alarmes de proximidade soaram, alertando que as asas tinham menos de dez centímetros de folga. Ela agarrou os braços.

A escuridão percorreu os arredores. Eles se inclinaram e saíram da água. Um jardim tropical se estendia para fora, separado da água azul por uma faixa de praia arenosa. Bem acima deles, uma cúpula de vidro solar transparente inundava a cena com sol.

Seu assento esvaziou para o tamanho normal com um sussurro suave.

O seco explodiu de seu antebraço esquerdo quase por conta própria, estendendo-se para uma lâmina estreita translúcida. Ela segurou a um centímetro da garganta de Matias.

— Esqueci de mencionar o túnel? — perguntou ele, a voz calma.

Ela moveu a lâmina um milímetro mais perto.

— Você acha mesmo que vim até aqui para fazer um ataque suicida na mansão do meu sogro? A piscina exterior está conectada a esta, dentro do átrio. De acordo com o nosso ilustre senador federal, era mais barato ter uma piscina gigante do que duas piscinas um pouco menores separadas. Um sistema de filtro, uma estação de limpeza robótica, e ele tem planos de transformar as paredes do túnel em um aquário para que você possa desfrutar da ilusão de nadar com os peixes.

— Comunicação, Matias — resmungou ela. — Tente da próxima vez, antes de fazer algo assim de novo.

Os olhos dele ficaram quentes. Matias se inclinou para ela, e Ramona teve que retraindo a lâmina para não cortar a garganta dele.

— Não vou deixar que morra, Ramona. — Sua voz era baixa e íntima.

De repente, a cabine encolheu e ela estava ciente de que a presença de Matias parecia ocupar muito do local. Ele ainda estava olhando para ela com aqueles olhos quentes e sinceros que Ramona nunca tinha esperado ver.

— Você pode me repreender mais tarde — disse ele com a mesma voz. — Mas agora, precisamos sair do veículo, porque os Vândalos estão chegando.

Ele estendeu a mão esquerda para o painel, ainda olhando para ela, e o veículo aéreo virou, deslizou para trás e se ancorou, a área de carga de frente para a selva bem cuidada.

Saia dessa, ela disse a si mesma.

Os dedos de Matias dançaram sobre o painel sem que ele olhasse. A porta de carga se levantou e a rampa deslizou para a areia dourada.

— Exibido — rosnou Ramona, e soltou o cinto de segurança.



Estavam a cinquenta metros da saída quando os Vândalos atacaram. Matias os sentiu se movendo pelo caminho curvo em direção a eles e entrou no canteiro de flores atrás de uma palma. Ramona afundou na vegetação em frente a ele. Era como se tivessem coordenado a manobra sem falar.

O átrio estava cheio de vida e sons. Pássaros raros cantavam no dossel. Pequenos animais bonitos de uma dúzia de planetas atravessavam os galhos e comiam laranja pendurados nas videiras. Muita cobertura dos biossensores. Contudo, cobertura não significava invisibilidade total. No máximo lhes daria alguns segundos.

Quatro soldados contornaram a curva, movendo-se em uma formação padrão de dois a dois. A armadura prateada e preta era moldada aos corpos sem restringir o movimento. Absorveria um tiro ou dois de uma energia portátil típica ou arma de fogo cinética, e bloquearia um impulso ou corte da maioria das lâminas. Carregavam fuzis Vândalos padrão, projetados para disparar cartuchos de chumbo compactado. Quando uma única bolinha de chumbo rasgava a pele, ela explodia, retalhando os órgãos internos. Quando uma carga

completa do cartucho atingia de uma vez, transformava corpos humanos em uma névoa sangrenta.

Os Vândalos não valorizavam o tiro de precisão. Enviavam uma parede de projéteis, indiscriminados e mortais.

O par de soldados da frente assumiu posições atrás de duas árvores. O segundo par avançou, coberto pelo primeiro, os sensores dos capacetes pintando a selva com luz verde. Idealmente, Matias teria circulado atrás deles para derrubar os soldados da retaguarda primeiro, mas eles não tinham tal luxo. A qualquer segundo seriam detectados.

Matias olhou para o outro lado e viu Ramona o olhando de volta. Ele deu um breve aceno para os soldados. Ela piscou para ele.

Moveram-se ao mesmo tempo. Ramona caminhou pouco a frente. O seco no antebraço esquerdo dela se expandiu, transformando-se em um escudo retangular vermelho-sangue, enquanto o direito produzia uma longa lâmina de foice. Ele optou pelo mesmo escudo e por uma espada mais longa e fina.

O mundo desacelerou à medida que avançavam, muito rápido.

Os soldados não tiveram tempo de reagir.

Ramona atacou, cortando ao meio o homem à sua frente.

Matias enfiou a lâmina no pescoço do soldado diante dele. O seco não encontrou resistência. Nunca encontrava.

O sangue molhou as pedras do caminho.

Os dois Vândalos restantes abriram fogo. Na fração de segundo antes de puxarem os gatilhos, ele tinha transformado o seco em escudos e correu, ciente de Ramona na proximidade. O bombardeio de balas de chumbo bateu no escudo duplo, ricocheteando e minando a selva ao redor deles, e então ele estava perto para atacar.

Ramona girou por trás dele com uma elegância de tirar o fôlego, seus dois seco se transformando em lâminas largas, e atacou. Duas cabeças rolaram pelo caminho. Ela dispensou o seco com um floreio e passou por cima dos corpos.

Ele sabia que era para as câmeras. Não tinha dúvida de que estavam sendo observados e que quem viu isso do outro lado deve ter se mijado todo. Mas ela tinha feito isso impecavelmente. Cada linha do corpo dela, cada giro, cada movimento era a definição de graça mortal. A inveja o atingiu. Ele desejou que Ramona tivesse feito isso apenas para ele. Desejou ser aquele desviando dos seus golpes.

Ramona arrancou uma espingarda das mãos de um dos mortos.

— A saída fica a uns quarenta metros por esse caminho — disse ele baixinho. — Eles seriam tolos em não vigiá-la.

Ela ergueu a espingarda e disparou contra um cadáver com um baque metálico. O corpo estremeceu, borrifando sangue e carne liquefeita no chão enquanto a carga detonava.

— Sem bloqueio genético. Que tipo de porta?

— Plasticore hermeticamente selado com um laminado de madeira.

O átrio estava em torno de trinta graus Celsius, cerca de seis graus acima do que a maioria das pessoas achava confortável, e muito mais úmido. Drewery queria deixar o espaço parecido com um retiro tropical e se esforçou para isolá-lo do resto da casa. Plasticore era um péssimo condutor de calor e, portanto, perfeito para seus propósitos, mas uma arma de fogo comum perfuraria a porta mesmo com a bala de menor calibre.

— E atrás da porta? — perguntou Ramona.

— Um corredor com quase dez metros de diâmetro.

Estava implícito que eles não tinham ideia de quantos Vândalos esperavam lá.

— Divertido. — Ramona olhou para a espingarda. — Você quer disparar ou cortar?

— Cortar.

Era a sua vez de tomar a dianteira.

— Então vou fazer barulho.

Ele correu pelo caminho. Ela seguiu um passo atrás. Ele virou para a direita, correndo pela vegetação fora da vista das câmeras de segurança, enquanto ela continuou em linha reta.

Matias correu por mais alguns segundos, depois foi para a esquerda. Dez, quinze, vinte metros... O caminho do perímetro que corria ao longo da parede do átrio piscou para ele através das folhas. Ele se agachou no canto dos arbustos. A porta da saída estava à sua esquerda, cerca de vinte e cinco metros. Não havia guardas à vista. Eles esperavam do outro lado da porta.

Assim que entrasse no caminho, as câmeras iriam encontrá-lo.

Uma espingarda de chumbo bateu, afundando uma carga completa do cartucho na porta. As balas descarregaram, madeira e

pedaços de plástico pulverizados no ar.

Ramona disparou de novo e de novo, bombeando cartuchos para o buraco em expansão.

Tum.

Tum.

Tum.

Ela ia ficar sem munição naquela velocidade. Ele nunca se preocupara em obter as especificações das espingardas dos Vândalos, e não tinha ideia da capacidade do pente, mas, a julgar pelo tamanho dos cartuchos, tinham de quinze a vinte, no máximo.

Tum.

A espingarda parou.

Agora.

Ele entrou no caminho e correu para a porta. Golpes duplos das espingardas de chumbo rasgaram o silêncio – os Vândalos contra-atacando pela porta em ruínas, focados em encontrar Ramona na selva.

Ele correu o último metro e meio. A porta era uma lembrança, desaparecida, exceto por uma peça esfarrapada pendurada no topo. Ele transformou o seco em dois escudos quadrados e os empurrou contra a abertura que costumava ser a porta.

Três cartuchos perfuraram os campos de força vermelhos e ricochetearam. Matias saltou para o lado, colocando a parede do átrio entre si e o corredor.

Um uivo de pura dor soou. As balas de chumbo ricocheteadas atingiram alguém e detonaram.

Ele mergulhou no buraco, o seco se transformando em lâminas curtas e curvas. Dois corpos caídos, imóveis. Um soldado tentando se levantar à esquerda, dois para a direita, mais dois na frente levantando-se depois de cair no chão. Matias flutuava por eles, sem peso, livre da gravidade e do tempo, cortando, cortando, cortando. O sangue borrifava as paredes de mármore branco. O último soldado soltou meio grito e gorgolejou em seu próprio sangue, seu apelo aterrorizado pedindo ajuda interrompido pela metade.

O Vândalo à sua frente caiu. Na mente de Matias, naves explodiram ao seu redor, chamas ofuscantes contra a escuridão do espaço.

Um leve suspiro o fez virar.

Ramona estava perto da porta em ruínas, a longa lança seco no seu braço direito enterrada em um dos corpos. Ela olhava para Matias, e ele viu admiração nos olhos dela.

— Perdi algum?

— Não. Ele estava morrendo. Acabei com o sofrimento dele.

— Era mais do que ele merecia.

— Minhas desculpas. Vou me conter da próxima vez.

Ele se lembrou dos golpes de Ramona no caminho do átrio.

— Por favor, nunca se contenha por minha causa.

Os olhos dela se arregalaram.

Ele dispensou o seco e estendeu a mão.

— O sangue está escorregadio.

Ramona olhou para as paredes e o chão que ele tinha pintado de vermelho, colocou a mão na dele e deixou que Matias a conduzisse pelas manchas de sangue.

Capítulo 5

Matias Baena era a morte em pessoa.

Ela tinha chegado à porta um segundo depois dele, e Matias havia transformado aquele corredor num matadouro. Não, não tinha sido um massacre, e sim uma operação. Ele havia atacado com uma precisão absurda, tão rápido que ela mal conseguiu acompanhar, e quando se virou e olhou para ela, Ramona quase não o reconheceu. Todas as características de Matias tinham desaparecido. A mente aguçada, o olhar alerta, aquele sorriso raro que a surpreendia – tudo isso pertencia a outra pessoa. Sem expressão no rosto, os olhos frios e vazios, como se ela estivesse olhando para a própria morte. Não havia muitas coisas que a assustavam, mas naquele momento ela sentiu a frieza do verdadeiro medo instintivo.

Agora, enquanto se moviam apressados pelo interior opulento da mansão de Drewery, Ramona continuava a olhar de vez em quando para o rosto de Matias para se assegurar de que ele continuava presente.

Um duelo com Matias seria a luta mais difícil da sua vida. Ela tinha certeza disso.

O corredor terminou numa seção T. Matias virou à esquerda e ela seguiu um passo atrás. Vinte e cinco metros à frente, três Vândalos bloqueavam o caminho. Duas espingardas de chumbo. O terceiro, entre eles, manjava uma metralhadora num tripé.

Uma parede de proteção desceu do teto à esquerda, cortando o corredor por onde vieram. Ramona avançou, lançando os escudos na frente do corpo enquanto sua mente se movia para avaliar o ambiente. Foram encurralados num corredor, vinte e cinco metros à frente, quinze atrás, sem portas.

O canhão brilhou com azul. Um estrondo sônico estalou. O ar bateu nela como um veículo aéreo a toda velocidade. Ramona voou para trás e bateu na parede. O impacto tirou o ar dos seus pulmões. Seus olhos lacrimejaram, sua visão ficou preta, a dor floresceu em suas costas. A pressão desapareceu e ela caiu ao lado de Matias, meio cega, tentando respirar pela boca.

Os Vândalos abriram fogo.

Matias se lançou na frente dela, plantando o joelho esquerdo no

chão, ancorando também o pé direito, formando dois escudos largos na frente dele que o cobriam da cabeça ao pé. Ramona se ajoelhou atrás dele e colocou seus escudos acima deles, inclinando-os para cima.

O bombardeio de balas de chumbo bateu nos escudos seco, ricocheteando nas paredes. O cano do canhão sônico girou, preparando-se para o próximo tiro.

— Através da parede, à direita, três pequenos quartos — disse Matias com a voz entrecortada. — Siga em frente.

Seus pulmões por fim se abriram. O ar nunca teve um sabor tão doce. Ela cortou a parede direita, cavando um buraco num frenesi, e mergulhou através dele.

Atrás dela, o canhão explodiu mais uma vez.

Ramona correu pela pequena sala, seguindo paralela ao corredor e em direção aos Vândalos. Outra parede bloqueou o seu caminho. Ela a rasgou com um bombardeamento controlado, atravessou o cômodo seguinte saltando por cima da mobília, despedaçou a terceira parede e se abaixou pela abertura. Uma câmara maior se abriu diante dela, portas duplas à esquerda. Perfeito.

Outro estrondo sônico sacudiu as paredes.

Ela abriu as portas e saltou para o corredor. A equipe do fogo estava à sua esquerda, um soldado de costas para ela, o outro de frente, enquanto o atirador tentava freneticamente reposicionar o canhão. Ela os cortou como um tornado de lâminas afiadas. Três corpos desmoronaram, sangrando no chão.

Atrás dela, Matias emergiu da porta, com o rosto sombrio. O sangue escorria do couro cabeludo, pintando uma linha carmesim na lateral do rosto.

Ela abriu a boca e percebeu que sentia o gosto do próprio sangue na língua.

— Você está bem?

— Vou viver — rosnou ele e virou à direita.

Eles correram para a frente. As costas de Ramona doíam, cada passo enviando uma nova onda de dor pelos quadris. O mundo estava um pouco desfocado.

Uma porta dupla ornamentada bloqueou o caminho. Matias não se preocupou em desacelerar. O seco brilhou em tom carmesim. Ele chutou e metade da porta bateu no chão, caindo da moldura. Dois

rifles de energia bradaram em uníssono. Matias ergueu os escudos e atacou. Ramona atravessou a porta bem atrás dele.

Dois Vândalos. Um à esquerda, perto do sofá, e um à direita, ao lado de uma cadeira ornamental. Ela ergueu os escudos, dois longos retângulos se estendendo da cabeça aos joelhos, e correu para o da direita, atravessando a dor como se fosse uma parede em seu caminho.

Soldados eram treinados para atirar no peito. Era um hábito bem difícil de abandonar, sobretudo no estresse do combate. O soldado à sua frente não era exceção. Ele havia apontado para o peito dela e puxado o gatilho. O rifle de energia cuspiu uma explosão de projéteis brilhantes que afundaram no centro dos seus escudos seco, derretendo inofensivos no campo de força.

Ela transformou o escudo direito em uma foice modificada e o cortou do ombro direito para baixo numa diagonal, passando pela clavícula e escápula, pelo peito, pelo coração, até a sexta costela do outro lado.

A metade superior do que costumava ser um humano deslizou para o chão.

Ela usava esse tipo de golpe como guerra psicológica. Cortar alguém ao meio era inesperado e visceral, um exagero que ninguém podia ignorar. Também garantia a morte instantânea. O alvo não sofria. Na maior parte das vezes morriam antes de perceber o que estava acontecendo.

Ramona se virou. Do outro lado do cômodo, Matias dispensou a espada seco, e o Vândalo empalado nela colapsou. À sua direita, o senador Drewery se levantou devagar por trás de uma imensa mesa esculpida num enorme pedaço de marfim.

Eles estavam numa sala grande. Móveis ornamentados ocupavam a maior parte do chão, dois sofás e algumas cadeiras por cima de um tapete preto e dourado. Prateleiras de madeira preta polida revestiam as paredes, servindo de suporte para uma variedade de bugigangas caras: peças de cerâmica inestimáveis, prêmios de vidro e metal, placas de felicitações, artefatos tecnológicos centenários e insetos alienígenas preservados em âmbar e cristal. Retratos pintados à mão decoravam as paredes entre as prateleiras. Um casal mais velho que ela não reconhecia; o jovem senador Drewery e sua esposa; o senador mais velho, sua esposa e a jovem Cassida; e, por fim, o atual senador, um homem grande de ombros largos com uma juba de cabelos prateados contrastando com seus traços masculinos bronzeados e ousados, ao lado de uma estante de livros cheia de aparelhos antigos da Primeira Onda.

Tinha que ser o escritório de Drewery. Todo o perímetro da sala era um mural gigante de amor-próprio.

O senador ficou em pé. Deu a volta na mesa, pegou um pesado decantador de cristal e derramou uma bebida dourada em dois copos. Ela notou o ligeiro tremor na mão do homem. Sua demonstração teve o efeito desejado.

— Você me surpreende, Matias. Eu não te esperava até quarta-feira.

Ele tinha uma boa voz, um barítono masculino reconfortante, e falava com a suavidade de um orador experiente.

Matias caminhou ao redor do sofá. Ramona viu os olhos dele, gélidos e escuros, e lutou contra o desejo de recuar.

— Hoje tem sido cheio de surpresas — disse Matias.

Drewery colocou o decantador na mesa. Apenas dois copos, não três. *Ha.*

— Vejo que trouxe ajuda contratada — comentou o senador.

Então ele decidira apostar na animosidade deles. Colocar ela e Matias um contra o outro, depois dividir e conquistar.

Ramona circulou o corpo sangrando no tapete macio e se sentou no sofá claro, jogando uma perna sobre a outra. Tudo doía.

— Onde está a minha esposa? — perguntou Matias.

Drewery pegou um copo e tomou um gole, olhando pela janela.

— Eu esperava tanto de você, Matias. Você parece ter todos os ingredientes certos: inteligência, disciplina, capacidade de pensamento estratégico, bom pedigree e um passado livre de pecados catastróficos. Falta charme, mas ele pode ser desenvolvido. Com o treino adequado, podíamos ter feito de você, pelo menos, um senador provincial. No entanto, aqui estamos nós.

Matias, um senador provincial? Ela riu.

Drewery a ignorou.

— Sabe qual é o seu problema, Matias?

Matias olhou para ele, impassível.

— Você não tem visão. Tudo o que quer fazer é gerir seu pequeno negócio de família. Essa província é o limite das suas ambições. Minha filha se esforçou tanto para te levar a patamares superiores, mas sua inércia é grande demais. Você nunca vai voar.

— Você voou e acabou no lado dos assassinos de crianças — disse Matias.

Algo estava errado. Ela tinha visto a extensão da raiva de Matias. Esperava ter que segurá-lo assim que encontrassem Drewery, mas naquele momento ele parecia quase passivo. Não havia calor na acusação. Ele parecia distraído.

Estava tentando ganhar tempo? Por quê? A demora só tornava os reforços mais prováveis. Seria vantagem para Drewery, e o senador não tinha sido burro o suficiente para perder a oportunidade, por isso havia começado aquele discurso ridículo.

Drewery deu de ombros.

— Assassinos de crianças, patriotas dedicados. Nossa percepção das coisas depende da maneira como são rotuladas para nós.

— Por quê? — perguntou Matias.

— Dinheiro, é claro. Por que mais? — Drewery olhou em volta do seu escritório. — Meu avô era prefeito. Meu pai, um senador provincial. Eu sou um senador federal. A cada passo subíamos mais alto, e cada passo exigia mais patrocínio. A política é o meu negócio familiar e sou muito bom nisso. Se você tivesse permitido que Cassida ampliasse seus horizontes, seu filho teria sido um governador provincial.

Passos rápidos ecoaram pelo corredor. A mãe de Cassida entrou no cômodo. Lyla tinha mais de cinquenta anos, mas seu rosto não tinha uma marca de expressão, com seu bronzado dourado perfeito e sua maquiagem impecável. Ela usava um vestido de seda de aranha cara, e o tecido rosa que quase não pesava alternava entre voar e se agarrar ao corpo enquanto caminhava. Ela se movia como uma mulher trinta anos mais nova.

Um implante de combate classe C aumentava a agilidade, os reflexos e a coordenação mão-olho. Reduzia alguns milissegundos do tempo de reação da pessoa e melhorava a precisão. A ressalva era que o usuário precisava praticar, de preferência lutando contra um oponente treinado. A vida de Lyla estava repleta de eventos de caridade e jantares formais, mas ela praticava o tempo todo, várias vezes por semana, trazendo novos oponentes enquanto aprendia os movimentos.

— Você! — Lyla apontou para Matias. — Como se atreve a entrar aqui! Como se atreve a destruir nossa casa! Depois de tudo o que minha filha teve que suportar! Seu vulgar, imoral...

— Sua filha é uma adúltera e uma ladra — disse Ramona. —

Você não tem nenhuma superioridade moral para falar nada.

— Fique quieta! — esbravejou Lyla.

Drewery sorriu.

A raiva que fervilhava dentro de Ramona se transformou em um inferno vermelho ofuscante. Dois casamentos destruídos, os esforços de tantas pessoas arruinadas por dinheiro, e os dois ousavam agir ofendidos, como se tivessem direito a ficarem indignados. Ela estava tão cansada daquela palhaçada. Exausta.

— Isso tem sido divertido — disse Ramona —, mas acho que nenhum de vocês compreende completamente a situação. Permitam que eu os ajude a entender.

Ela se levantou e deu um passo em direção a Lyla. A mulher mais velha se esquivou para a esquerda, puxando uma pequena e elegante arma de debaixo das roupas. Ramona avançou, empurrando a base da palma da mão de baixo para cima no nariz perfeito de Lyla. Cartilagem esmagada, o impacto destruindo dois pontos de pressão, um no meio do nariz, o outro no buço, logo acima do lábio superior. Os secare raramente lutavam desarmados, mas quando o faziam, seus ataques se concentravam em derrubar o oponente para que pudessem cortá-lo em pedaços.

A cabeça de Lyla estalou para trás. A arma bateu no chão. Lyla recuou num salto – deveria ter desmaiado. Em vez disso, a mulher mais velha se virou, dando um chute angulado super-rápido. Ramona se esquivou, mas Lyla foi mais rápida. O osso da canela da mulher esmagou as costelas de Ramona. Um clarão ofuscante de dor rasgou seu lado esquerdo. Se ela não tivesse se esquivado, suas costelas estalariam como galhos secos.

Lyla se lançou em cima dela, aplicando um golpe de cotovelo devastador.

Não desta vez. Ramona ergueu um escudo seco. O cotovelo martelou o campo de força e ela esmagou a palma da mão direita contra a orelha de Lyla.

Os olhos da mulher mais velha rolaram e ela caiu como um tronco cortado. O corpo de Lyla bateu no tapete com um baque.

Drewery não se mexeu.

Ramona enviou o seco do braço direito para fora em uma lança afiada, perfurou a arma de fogo, cortou ao meio e chutou os dois pedaços para o lado. Um implante classe C acordaria Lyla em segundos. Ramona retraiu o seco, virou Lyla de bruços, agarrou o

braço, torceu o pulso para cima e pisou nas costas da mulher.

Drewery ainda não se mexeu.

Pronto, peguei sua arma não tão secreta, e a cabeça dela ainda está presa no corpo.

Lyla ofegou. O braço sacudiu, mas Ramona lhe agarrou o pulso. Lyla xingou.

— Sua filha pegou algo meu — disse Ramona, mantendo o tom leve. — Ela pode ficar com o meu marido, a escolha é dele, mas não pode ficar com a minha pesquisa. Isso pertence a mim e à minha família. Sua filha mimada não tem o direito de se beneficiar disso. Me diga onde ela está ou vou começar a tirar fatias da sua esposa.

— Sou um senador federal! — rugiu Drewery.

— Eu não dou a mínima.

— Você acha mesmo que pode escapar com um ataque direto a um funcionário do Senado?

— Eu começaria com o nariz dela — disse Matias.

— A mão é melhor — disse Ramona. — As mãos podem ser recolocadas. Isso os deixa com esperança.

— Sua vadia ignorante e estúpida — rosnou Lyla.

Ramona torceu o pulso de Lyla meio centímetro. A mulher gritou. Ramona sorriu e soltou o seco esquerdo como uma lâmina curta e reta.

— Nova Adra — disse Drewery, enunciando cada palavra.

— Theo! — retrucou Lyla.

— Cassida está bem protegida — rebateu o senador. — Não podemos fazer nada por ela até tirá-los daqui.

— Onde e quando? — exigiu saber Matias.

— O Festival do Solstício de Verão — informou Drewery.

As festividades do solstício de verão de Adra eram famosas em todo o planeta. Começou há séculos com uma seita dedicada à adoração da natureza em todas as formas e, ao longo dos séculos, se tornou uma celebração de todas as coisas Dahlia. Dali a cinco dias, milhares de vendedores fariam fila nas ruas de Adra, oferecendo de tudo, desde deliciosas comidas e bugigangas a lanternas e pacotes de glitter colorido para serem lançados durante as danças. Dezenas de milhares dançavam pela cidade num caos alegre, alto e colorido.

— Quando você se vendeu aos Vândalos? — perguntou Matias.

— Há sete anos. Eles seguiram um fugitivo até Rada e precisavam de licenças diplomáticas que os deixassem permanecer no sistema enquanto vasculhavam o planeta por ela sem fazer alarde. Mandeí os pedidos deles para os canais certos em nome do incentivo das relações diplomáticas e comerciais. Era um pequeno favor, e eles foram generosos em mostrar como ficaram agradecidos.

Seu nojento ganancioso.

— Como descobriram da pesquisa seca? — questionou Matias. Sua voz ainda tinha aquele tom distante.

— O caça-destroços que vendeu os bancos de dados para vocês. O tolo entrou no espaço da RQE e foi pego. Ele contou a eles tudo da pesquisa e muitas outras coisas para salvar a pele. Minha conexão com você pela Cassida foi uma feliz coincidência. Tentei manter os seus interesses em mente. No começo, os direcionei para os Davenport.

— Que generoso da sua parte. — Ramona não conseguiu afastar o veneno da voz. Ele estava mentindo sem parar. — A honestidade é a melhor política agora, Senador. Planejava roubar da gente desde o início. Você os apontou para os Davenport sabendo que a oferta de compra seria rejeitada. Você demonstrou a eles que era o único caminho para a tecnologia seco e, em seguida, estipulou um preço exorbitante.

Drewery deu um suspiro.

— Os Vândalos estão acostumados a fazer as coisas do jeito deles. Em vez de discutir, permiti uma demonstração prática. Isso os deixou mais... agradáveis. Pude negociar em uma posição de força. Afinal, minha filha estaria correndo o maior risco.

— Eu não classificaria dormir com Gabriel como um risco. Mais uma aposta segura.

Drewery sorriu. Ramona precisou de todo pinga de vontade que tinha para não cortar o rosto dele.

— Ah, não, minha querida. Aquele caso já acontecia há um mês quando os Vândalos chegaram ao sistema. Mas não fique tão abatida, não se tratava de você. Foi um castigo para Matias.

— Ele mereceu — resmungou Lyla.

— Pelo visto, seu marido acabou sendo muito mais divertido do que o homem com quem ela se casou — disse Drewery.

Divertido. Sim, Gabriel era muito divertido.

— Os Vândalos queriam a nossa pesquisa — disse Matias. Sua voz medida era como um banho gelado. — Você queria dinheiro. E queria que Cassida saísse disso viva. Roubar a tecnologia era bastante simples. O problema seria a entrega. Precisava de uma garantia de que os Vândalos cumpririam a parte do acordo em vez de matar todos os envolvidos e deixar o sistema com o prêmio. Como você diz, eles estão acostumados a fazer as coisas do jeito deles.

— Ele não estava apenas preocupado com os Vândalos. Estava preocupado com a gente — disse Ramona. — Ele sabia que iríamos perceber e vasculhar o planeta à procura da filha dele e do meu marido. O lugar mais fácil para evitar scanners faciais é em uma multidão enorme.

— Verdade — concordou Matias. — E o solstício de verão é bem adequado para essa entrega. Nenhum navio pode orbitar acima de Adra durante o festival. Meia dúzia de religiões têm rituais e comungam com as estrelas nessa data. O céu deve estar limpo, e a Defesa Planetária estaciona várias embarcações militares nas proximidades para garantir que assim seja. Os Vândalos seriam interrompidos. Eles não podiam apenas massacrar todos e ir para aquela adorável nave que estacionaram em órbita. A segurança do festival é rigorosa. Eles teriam que lutar com a segurança, e mesmo que conseguissem escapar, a Defesa Planetária mutilaria sua nave para que nunca deixassem o planeta. Você precisou melhorar o acordo para que concordassem, então se ofereceu como refém, deixando os Vândalos ficarem aqui, caso batêssemos na sua porta, enquanto convenientemente mantinha um olho na moeda de troca deles.

— Não se esqueça do bônus — acrescentou Ramona. — Quando a pesquisa for vendida, você e eu vamos à falência, enquanto a filha dele e Gabriel saem do planeta para umas merecidas férias. Cassida é livre e muito mais rica, você fica um caco e eu sou dano colateral.

Drewery ergueu os braços.

— Me pegaram. Aqui estou eu, completamente derrotado. Vocês já têm o que vieram buscar, agora saiam da minha casa.

Ramona olhou de relance para Matias. Ele lhe deu um aceno superficial. Ela soltou o pulso de Lyla e recuou. A mulher mais velha se levantou, o rosto tremendo de raiva.

— Venha, minha querida. — Drewery estendeu a mão.

Lyla cerrou os dentes, virou-se e se juntou a ele na mesa.

— Invadir minha casa foi um erro, Matias — disse Drewery. — Um erro colossal. Eu ia deixar você manter o que restava do seu

empreendimento após a entrega, mas mudei de ideia. Você devia saber o seu lugar. Não preciso dos Vândalos ou da sua pesquisa para levá-lo à falência. Na próxima semana, as empresas dos dois serão uma memória distante. Vou acabar com vocês e as suas famílias.

Uau. Ela deu um passo à frente.

— Você conspirou com uma potência estrangeira, deixou que entrassem no nosso espaço orbital e permitiu que as tropas de combate deles pisassem no solo de Rada. Não está nem um pouco preocupado, Senador?

Drewery riu.

— Minha nossa, a ingenuidade é agradável. Os Vândalos estão aqui numa missão diplomática. Eles têm todas as licenças certas, desfrutam de imunidade diplomática, e os homens que mataram eram convidados na minha casa que se encarregaram de proteger o seu anfitrião contra um ataque surpresa. Vocês invadiram minha casa, massacraram meus convidados e agrediram minha mulher. Quando eu terminar, o planeta inteiro vai fazer fila para eliminar vocês. Não se enganem, vou sobreviver. Vocês não terão tanta sorte.

Matias fechou os olhos por um momento. Três telas de vídeo deslizaram para fora das paredes e ganharam vida, exibindo documentos.

— O que é isso? — exigiu saber Lyla.

— Um registro das artimanhas de vocês nos últimos cinco anos. — A voz de Matias era fria. — Propinas, acordos nos bastidores, contribuições ilegais para a campanha, subornos de potências estrangeiras. Vocês estavam ocupados.

Drewery olhou para as telas como se fossem cobras venenosas prestes a mordê-lo.

— Tem razão. Você sobreviveria ao fiasco dos Vândalos — disse Matias. — É por isso que vamos dar um jeito nisso, começando com algo mais interessante. Como o derramamento de produtos químicos Monroe. Trezentos e trinta e sete técnicos morreram porque o Conglomerado Monroe não seguiu seus próprios protocolos de segurança, e você os absolveu de toda a responsabilidade durante a investigação senatorial. Você literalmente recebeu os benefícios de morte de cônjuges viúvos e filhos órfãos, tudo para preservar o preço das ações de cair.

Drewery cerrou os punhos.

Matias fingiu refletir sobre a tela.

— Você também pode sobreviver a esse. Afinal, você era apenas o chefe do comitê, e as generosas ações que sua esposa recebeu de presente seis meses depois poderia ser uma coincidência. É por isso que no dia seguinte vamos segui-lo com a Estação Orbital de Abbas. Caso tenha se esquecido, o Departamento de Defesa costumava manter uma reserva de células de combustível numa das luas de Gameda. Essa reserva foi designada para uso emergencial pela frota do sistema. Você ofereceu presentes e favores à secretária de defesa até que ela transferiu o controle da reserva para o Departamento Interno e, em seguida, seu amigo, o subsecretário interior, a marcou como defeituosa e vendeu para Abbas com um grande desconto.

— Ele está acessando nossos arquivos confidenciais — sibilou Lyla.

— Sim. Achei que isso era óbvio. — Drewery olhou para Matias com puro ódio. — Como?

— Cassida te presenteou com uma adorável torradeira vintage da Segunda Onda para sua coleção — disse Matias.

O quê? Ramona se virou para ele.

— Você invadiu o sistema deles com uma torradeira maligna?

— Sim.

Ela riu.

Matias ponderou sobre Drewery.

— Eu sabia que você era corrupto. Não teria me oferecido a Cassida se não fosse. Queria proteger minha família e minha adorável esposa das consequências, quando, inevitavelmente, fosse pego com as calças baixas. Enquanto você se exibia e a sua esposa tentava lembrar qual ponta da arma apontar para o inimigo, assumi o controle da sua casa e despejei os seus bancos de dados num servidor privado. Eu tenho tudo, Theodore.

— Você e eu somos família! — rosnou Drewery. — Se divulgar qualquer coisa, vai se sujar com a mesma lama. Os meios de comunicação irão atrás de você.

Matias deu de ombros.

— Mas, ao contrário de você, tenho um negócio limpo e tomei medidas para me proteger. O que foi que você disse? “Vou sobreviver. Vocês não terão tanta sorte”. Enviei a primeira parte para minha repórter favorita. Ela é brilhante e está com muita fome.

Drewery pegou uma estátua ornamentada e pesada de algum

herbívoros estranhos da mesa e atirou em Matias. Matias saiu do caminho e a estatueta bateu na parede.

— Hoje o vazamento de produtos químicos, amanhã a estação orbital. Vou deixar você escolher o terceiro. Temos tantos. Você pode sobreviver a um, mas consegue sobreviver a todos? E quantas pessoas ficarão sentadas só esperando que você as arraste para baixo também?

Drewery xingou.

— Primeiro, você será um constrangimento, depois um risco. Seus antigos amigos vão fazer fila para te silenciar. Um dia você vai apenas desaparecer. Devo dizer que estou ansioso por isso, Senador. — Os olhos de Matias ficaram escuros e ela viu a sombra da morte no rosto do homem. — Esperei por esse momento por muito tempo.

Drewery agarrou a mão de Lyla.

— Faça as malas.

— O quê? — Lyla olhou para ele.

— Faça as malas. Faça agora. Vamos deixar o sistema. — Ele marchou em direção à porta, arrastando-a com ele.

— O que você quer dizer com deixar? Esta é a nossa casa. Cassida está aqui! Minha vida está aqui! Tenho um jantar de caridade hoje à noite...

Ele a puxou para fora da sala e a voz de Lyla desapareceu. Ramona se virou para Matias. Ele estava no meio do cômodo, com um pequeno sorriso esticando os lábios.

— Foi bom para você? — perguntou ela.

— Muito.

Matias sorriu para ela como um lunático e caiu na gargalhada.

Capítulo 6

Ramona abriu os olhos. Diante dela, uma janela oferecia uma vista da natureza selvagem de Dahlia. Árvores de penas enormes espalhavam verticilos de frondes estreitas prateadas. Tecnicamente não eram árvores, mas gramíneas gigantes que se estendiam por setenta metros de altura com troncos de cinco metros na base. Entre eles, os evaners azul-esverdeados de Rada, caducifólias gigantes, empurravam seus ramos maciços para o céu, cada um carregando centenas de milhares de folhas turquesa e índigo. Por toda parte figueiras-vermelha irrompiam entre a folhagem, suas folhas laranjas distintas e frutas bulbosas resplandecendo perante a copa azul-esverdeada. As figueiras-vermelha começaram suas vidas como trepadeiras parasitas que escalavam e estrangulavam a árvore hospedeira até a luz do sol, drenando-a de nutrientes e água até que ela murchava e apenas a figueira-vermelha permanecia, como uma árvore colunar próspera.

Demorou um segundo para se lembrar onde estava. As costas doíam. Uma dor lenta e suave se apoderava dos quadris. Pelo menos sua boca tinha parado de sangrar e sua visão não estava mais turva nos cantos.

Ramona olhou para Matias no assento do piloto. Ela não pretendia adormecer. Seu corpo tomou essa decisão por conta própria. Usar seco exigia um preço. Os secare comiam feito porcos e dormiam como mortos, a menos que estivessem em território inimigo.

Se ela contasse à sua família quem a tinha vigiado enquanto dormia, eles nunca acreditariam.

A maneira como lutaram na mansão Drewery a incomodava. Ela já tinha lutado ao lado dos irmãos antes. Ela e os irmãos foram treinados pela mesma pessoa, a mãe. Começaram com as mesmas danças que as crianças, e então, à medida que o seco amadurecia, cortaram os mesmos alvos de prática. Por fim, quando sua família foi posta à prova por rixas de kinsmen, eles mataram lado a lado. Porém, nunca houve o tipo de sinergia que experimentou com Matias.

Ela e Matias não lutavam da mesma forma. A técnica deles era diferente, mas não importava. Eles se moveram ao mesmo tempo, coordenando a defesa e os ataques sem que precisassem falar. Era como se tivessem exatamente os mesmos instintos.

Foi o mais perto que ela chegou de sincronia.

Os secare originais lutavam em pares. Maximizava a capacidade de sobrevivência e o alcance do alvo. Um único secare cobria um campo-alvo de cento e oitenta graus na frente deles. Um par de costas um para o outro cobria trezentos e sessenta. A sincronia, contudo, era mais do que apenas o dobro de escudos e lâminas.

Algo inexplicável acontecia quando dois secare se sincronizavam. Ray Adler, o seu distante antepassado que fez de Rada seu lar, chamava isso de “harmonia perfeita” em suas notas. O homem escreveu sobre um vínculo, uma conexão que acontecia em um nível seco “mais forte do que o amor e a família”. Mesmo na época dele, na unidade original, a natureza dessa conexão não era entendida e nem todos os secare encontravam uma, mas aqueles que o faziam se tornavam mais do que a soma de suas partes.

Dizia-se que um par sincronizado de secare poderia esvaziar uma nave de guerra cheia de fuzileiros navais e tripulação em meras horas. Dois contra centenas, às vezes milhares de combatentes. Parecia quase mítico, uma lenda em vez de realidade.

Ray Adler também culpou essa ligação pela morte da esposa. Ele não deixou instruções de como isso poderia ser alcançado. Não chegou a condenar o ato, mas estava claro que achava que os descendentes estariam melhor sem essa sincronia.

Apesar dos desejos dele, sua família tentou alcançar a sincronia várias vezes nas gerações seguintes. Ela mesma tinha tentado. Sempre pensou que as danças de batalha precisavam ser a chave. Elas eram o pilar do treinamento deles, e Ramona tinha certeza de que deveriam dançar em pares, então os estudou e até recrutou os irmãos para ajudar. Ela falhou. Seria de se imaginar que dois irmãos secare próximos de idade, como ela e Karion, seriam os candidatos ideais, mas nenhum dos Adler jamais se sincronizou um com o outro.

Ela estudou Matias através dos cílios meio abaixados. Ali estava um secare que, de alguma forma, sentiu para que lado ela se inclinaria e como atacaria.

Não era a sincronia verdadeira. Era... um instinto assassino. A compreensão mútua entre dois predadores forçados a lutar juntos. Imaginar algo mais era perigoso e tolo.

Matias olhou para ela. *Um homem bonito com olhos castanhos e o instinto de um assassino...*

Ela tinha mesmo que parar. Pelo menos tinha uma desculpa para seu ataque de insanidade temporária. Tanta coisa aconteceu

naquele dia. Parecia que havia passado uma semana desde a manhã. Ainda era o mesmo dia?

— Ainda é hoje, não é? — perguntou ela.

Ah, que pergunta perfeitamente lúcida.

— Sim — respondeu ele.

— Parece que foi há uma eternidade. Apaguei por quanto tempo?

— Algumas horas.

— Quanto tempo até Adra?

Ele verificou o visor.

— Umas duas horas e meia. Pode até ser mais, está vindo uma tempestade. Teremos que virar para o sul para contorná-la em uns dez quilômetros.

Sair da vila tinha levado um tempo. O átrio tinha uma claraboia de emergência, uma medida de segurança ordenada pelo governo para que, se ocorresse um incêndio, as aves e outros animais selvagens pudessem escapar. Matias a tinha ativado através da sua ligação com os servidores dos Drewery. Eles passaram pela claraboia a uma grande velocidade, esperando que as naves dos Vândalos os seguissem. Matias havia assumido os mísseis superfície-ar e estava preparado para abrir fogo preventivo, mas as duas elegantes naves não estavam à vista. Ela tinha a sensação de que os pilotos estavam em pedaços, no átrio ou no corredor. Ou talvez no escritório.

Para ela e Matias, matar era como respirar, simples e natural. Descomplicado. Cortar seres humanos era a razão da existência dos secare. As crianças nas famílias deles começavam o treinamento marcial assim que conseguiam seguir os comandos dos adultos. Ela tinha três anos quando aprendeu sua primeira dança.

O ato de tirar uma vida era fisicamente fácil. Os efeitos, nem tanto. Os inimigos haviam estado armados e tinham sido treinados, e cada um deles acabara com muitas vidas por conta própria. Ainda assim, ela se sentiu desconfortável. Vazia e murcha. Na maioria das vezes o sono ajudava, mas ela não devia ter tido o suficiente.

Matias tivera ainda menos.

Ela se alongou e sentou-se mais ereta.

— Me deixe conduzir.

— Está tudo bem.

— Você deve estar cansado.

— Não estou — assegurou com uma voz paciente. — Estou bem.

Aha.

— Então, você vai agir como um homem?

— O que quer dizer com isso?

— Vai pilotar com seu heroísmo toda a distância e, em seguida, ficar cansado e irritável e esperar tratamento especial por causa disso.

Matias deu a ela uma olhada inexpressiva.

— Sou perfeitamente capaz de pilotar um aéreo — disse ela. — Piloto desde os 12 anos.

— Quem te deixou fazer isso?

— Minha avó. Você voou até o escritório dos Davenport, depois até a vila, e agora está voando há mais de duas horas. Sei que está cansado.

Ele suspirou. Seus dedos cintilaram pelo console e o dela se iluminou. Ela levou alguns segundos para se orientar, verificou o curso traçado e o radar, fez as contas na cabeça do desvio da tempestade e mexeu de leve a direção, alterando o curso aos poucos. O veículo aéreo respondeu na mesma hora.

— Suave — disse ela.

— Construí sob medida.

Ele se recostou no assento, se reclinou, levantou os braços e entrelaçou os dedos atrás da cabeça.

Matias em repouso. Ela desejou poder tirar uma foto. Seus irmãos enlouqueceriam.

— Já pensou no que vai acontecer quando chegarmos em Adra? — perguntou ele.

O festival era enorme. Encontrar Cassida ou Gabriel, mesmo com o mais recente software de reconhecimento facial, seria impossível. Eles precisavam confiar na psicologia humana.

— Tudo o que você me disse sobre os Vândalos sugere que subterfúgio não é o forte deles.

— Isso é dizer o mínimo.

A pose dele ainda estava relaxada, mas a expressão endureceu. Cada vez que os Vândalos eram mencionados, Matias entrava em

modo de batalha. Algo tinha acontecido entre Matias e os Vândalos. Algo além de apenas ser avisado do perigo que representavam. Ele se preparava como um homem que havia sido exposto a esse perigo em primeira mão. Ela estava louca para saber o que tinha acontecido, mas Matias era um homem muito reservado. Não confiava em ninguém e revelava muito pouco, e quando permitiu que Ramona visse os seus pensamentos, pareceu quase como um presente. Um pequeno reconhecimento da camaradagem que compartilhavam como parceiros. Ela não queria pressioná-lo dessa vez. Significaria muito mais se ele decidisse lhe contar por conta própria.

Por que isso importa? Por que me importo com o que um Baena pensa de mim?

— Não vamos encontrar Cassida — disse ela. — É bem capaz que o pai dela a tenha escondido em algum esconderijo cheio de guardas privados armados até o pescoço. Eles estão mantendo um bloqueio completo porque sabem que, no momento em que notarmos qualquer atividade, chegaremos no esconderijo com armas a postos e seco erguido.

— Claro.

— Não acho que Varden Plant vai ser tão cauteloso. Ele e os outros dois oficiais Vândalos que assistimos na gravação de Davenport têm identificações Dahlianas perfeitas e pensam como soldados, não como espões.

Matias assentiu.

— Os Vândalos vão atuar como uma unidade. Vão ocupar um hotel, algum lugar em que possam garantir a segurança e, quando fizerem isso, vão começar a patrulhar o local da troca.

Ela sorriu.

— Os preços dos hotéis perto do festival são absurdos. As pessoas fazem reservas com um ano de antecedência. Quarenta Vândalos solicitaram refúgio. Matamos dezesseis. Então, estamos procurando vinte e quatro requerentes recém-nomeados que permaneçam juntos e paguem taxas premium.

— Não deve ser muito difícil.

— Eles vão se destacar como um elefante. Assim que encontrarmos as reservas, segui-los será fácil. As pessoas no festival são felizes e despreocupadas. Esses caras vão ser o oposto. Teremos sete dias para aprender tudo o que pudermos sobre eles.

Ele franziu a testa.

— Sempre achei ridículo. Pessoas perfeitamente racionais se tornam turistas e de repente decidem que nada de ruim pode acontecer com elas. É como se um interruptor fosse ligado. De repente, estão bebendo demais e tropeçando em ruas escuras com os implantes desprotegidos. Andam no meio do trânsito. Penduram grades ao lado de placas que proíbem isso. Achem que todo estranho é um habitante local amigável.

Ela balançou a cabeça.

— Matias, você já relaxou? Ao menos sabe o que essa palavra significa?

Ele sorriu.

— Eu sei. Até fui conhecido por me permitir uma risada sensata de vez em quando.

Ramona estreitou os olhos para ele.

— Minha família te tinha sob vigilância desde que você nasceu. A única vez que vi você rir foi quando esfaqueou a carreira de Drewery no coração.

— Ele mereceu.

Mereceu mesmo. Matias estivera casado há três anos. Deve tê-lo deixado irritado o tempo todo. Tendo conhecido Drewery, ela não tinha ideia de como ele havia aguentado por tanto tempo.

— Estou relaxado agora — disse Matias. — Bem aqui. Você está vendo isso acontecer.

— Me sinto tão privilegiada.

— Devia mesmo.

— Já que está tão relaxado, talvez possa explicar uma coisa para mim — disse Ramona. — Se bem me lembro, li um artigo que saiu quase um mês atrás falando do vazamento químico da Corporação Monroe. O promotor especial provincial apresentou uma investigação formal para o governo federal solicitando acesso a certos registros selados. Por que ele faria isso depois de dois anos?

Matias deu de ombros.

— O artigo sugeria que novas informações vieram à tona.

Outro encolher de ombros.

— Foi você. Você vazou para o Ministério Público.

Ele suspirou.

— Aquilo me incomodou.

— Matias! Um kins íntegro e conservador como você se envolvendo com política. Que descaramento da sua parte. O que as pessoas vão pensar?

Provocando Matias Baena. Era como brincar com fogo.

— Não é política. É justiça.

Ramona escondeu um sorriso. Kinsmen como eles não se envolviam no governo. Era uma tradição tão antiga quanto a própria Rada. Eles ocupavam um nicho especial na sociedade e, como Drewery, reconheceram que não representavam um cidadão comum. As famílias tentavam influenciar para cuidar dos interesses comerciais, e algumas eram parentes de políticos por meio do casamento, mas se algum kins se candidatasse para um cargo, seria desprezado por seus pares. Se Drewery tivesse prestado atenção, teria percebido que Matias nunca quebraria essa tradição.

— A maioria dos pecados de Drewery envolve roubo em nível corporativo — disse Matias. — Ele defrauda os contribuintes. É errado, mas sem vítimas. Esse tinha pessoas específicas ligadas a ele. Famílias. Crianças. Havia imagens dos corpos no arquivo.

— Como você fez? A segurança do servidor de Drewery o teria alertado no momento em que copiasse os arquivos.

— Memorizei o conteúdo durante uma festa bastante tediosa do Dia do Acordo de Rada. Mergulhei no servidor dele nos últimos quatro meses durante todas as funções familiares. Era como nadar no esgoto.

— Fico feliz que tenha vazado. O que Drewery fez simplesmente não se faz.

— Sim — concordou Matias. — Isso não se faz.

Uma mancha de turquesa dois tons mais claros do que a copa chamou a atenção de Ramona. Uma cúpula lisa, entrecruzada por fios brancos brilhantes, quase sufocados pelas figueiras-vermelha e obscurecidos pelos ramos evaner. Um templo da Primeira Onda. Eles pontilhavam o planeta, pegadas deixadas em Rada pela tentativa fracassada da primeira colonização séculos atrás.

Matias se acomodou mais no assento e fechou os olhos. Mais à frente a tempestade se aproximava, uma parede cinza sob a escuridão furiosa de nuvens. O vento atingiu o veículo aéreo. Ela executou uma curva suave para o sul, mantendo a tempestade e o vento à esquerda.

A aeronave disparou e o console ficou escuro. Cada sistema, cada exibição, tudo morreu num instante.

Ela olhou para o para-brisa e viu um buraco brilhante crescendo na frente do transporte. *Feixe de partículas orbitais* foi a primeira coisa que apareceu na sua mente. Uma nave em órbita havia bloqueado o sinal do seu veículo e perfurado o motor com um desregulador de partículas subatômicas, queimando todos os materiais eletrônicos a bordo. O veículo aéreo estava morto, só não sabia ainda.

Matias se ergueu na cadeira.

Ela puxou a alavanca, iniciando os protocolos de colisão. Os cintos pressionaram na mesma hora.

Eles tinham cerca de cinco segundos de aceleração restantes. Se o FPO os atacasse de novo, eles estavam mortos.

Ela puxou a direção para a direita, virando o veículo aéreo rumo à tempestade para pegar o vento.

— Você consegue — disse Matias.

Ele falou como se não tivesse dúvidas de que ela aterrissaria.

Ramona usou a força restante dos motores para inclinar o transporte para um deslizamento ideal.

O mundo desapareceu. Havia apenas o veículo aéreo, o vento e a floresta abaixo avançando na direção deles a uma velocidade vertiginosa. Ramona flutuou no meio dela, em sintonia com a nave trêmula como se fosse um membro dolorido.

Um emaranhado de figueiras-vermelha laranja brilhou bem na sua frente. Os troncos estranguladores eram em sua maioria ocos. Quebrariam, dissipando parte da velocidade. Ela se dirigiu para o aglomerado laranja.

A floresta se abriu para ela.

Com um rangido metálico, o veículo aéreo atropelou as árvores.

— Se segura! — rosnou Matias.

A cabine tremeu, sacudindo os assentos de um lado para o outro, como se alguma divindade pré-histórica estivesse batendo nela com um martelo gigante. Ramos estalaram, raspando contra o para-brisa. E então, de repente, eles passaram. Ramona viu o chão da floresta e tentou puxar a direção por puro instinto, mas o console era inútil. A pilha inerte de metal e plástico que costumava ser o veículo aéreo colidiu com o solo e arrou as raízes e a terra, indo direto para uma enorme árvore evaner.

Ela ergueu os escudos seco por puro instinto.

O veículo raspou o tronco colossal. O impacto os virou. Eles foram jogados para a esquerda e pararam, encravados contra outra árvore.

O assento sussurrou, esvaziando.

Sobrevivemos.

O campo de força vermelho à sua frente estava muito escuro. Ela olhou para a direita. Matias havia empurrado o braço esquerdo para fora, adicionando um dos escudos dele ao dela. Tentara protegê-la do impacto. Os olhares deles se encontraram. Ele recolheu o seco para os braços e abriu o cinto.

— O FPO.

Ela soltou o cinto e saltou do assento. Eles correram para o portão de carga, agarrando o que podiam. Matias atacou a porta, uma lâmina seco saindo do braço direito como sangue. Ele cortou, uma, duas vezes, e a porta caiu de lado. Ambos correram para longe da nave na direção da floresta.

Estavam a vinte metros quando um segundo FPO cortou o ar em um pulso roxo ofuscante e deixou o transporte em pedaços.



Matias se encostou no tronco de uma grande evaner. Ramona se espremeu ao lado dele.

A duzentos metros, um campo de detritos no final de um longo sulco marcava o local onde o veículo aéreo havia explodido.

Desreguladores de partículas subatômicas capazes de atingir um alvo no solo a partir da órbita eram caros e pesados. A maioria das naves militares maiores não se preocupava com eles porque a essa distância não tinham energia suficiente. Eram armas de precisão implantados contra pequenos alvos: satélites, sinalizadores, bunkers subterrâneos. Ele nunca esperava que os usassem contra um veículo aéreo.

— Os Vândalos? — supôs ela.

— Sim. A menos que Drewery tenha comprado uma nave de patrulha de defesa orbital de classe corsária ou superior.

— Isso seria abusar, até mesmo para ele.

Os feixes de partículas não deixavam vestígios. Não se registrariam nas defesas planetárias a menos que alguém estivesse no alcance visual, mas a presença de uma nave de guerra, mesmo uma com uma etiqueta diplomática, o faria. Para disparar contra eles, a nave de guerra dos Vândalos teria que cair em órbita baixa. Havia uma quantidade limitada de tempo antes que o Controle de Tráfico Orbital os fizesse se mover. Os Vândalos poderiam enrolar um pouco, mas cedo ou tarde teriam que voltar à faixa de trânsito designada.

— Não tenho conexão — murmurou Ramona.

Ele tentou o implante. Nada. *Perfeito. Simplesmente perfeito.*

A primeira borda da tempestade rolou pelo céu em direção a eles. Relâmpagos brilharam, serpenteando nas nuvens escuras em uma explosão elétrica azul.

Naquele exato momento, havia problemas maiores do que a falta de sinal. Em poucos minutos, a tempestade passaria sobre a cabeça deles. Não seria uma chuva suave, mas o tipo de dilúvio que havia tornado os jardins de Dahlia possíveis. A floresta faria pouco para pará-la. Precisavam encontrar abrigo.

Ramona escarafunchou a bolsa e puxou o rifle.

— Acho que vi um templo da Primeira Onda quando estávamos voando.

Um templo... Ele se lembrou de ser pequeno e estar ao lado de seu avô, segurando sua mão e olhando para uma bolha azul com um tom bem vivo, precursora do transparite, presa em uma rede de filamentos prateados acima da cabeça deles.

— Para que lado? — perguntou ele.

Ramona acenou vagamente para a esquerda e clicou na mira do rifle, ativando-o.

— Por que o rifle?

— Scanner de nuvem de pontos.

Ela sorriu.

O escopo da nuvem de pontos marcou o ambiente, diferenciando as formas. O templo seria grande e redondo. Devia se destacar entre as árvores como um cogumelo na grama.

Ramona pendurou o rifle no ombro e encarou a árvore.

— Me dá impulso?

Ele juntou as mãos. Ramona pisou nelas e Matias se endireitou,

impulsionando-a para cima. Ramona agarrou um galho, se içou e escalou até a copa.

Um longo momento se passou.

— Encontrei — gritou ela. — Dois quilômetros. Acha que é seguro marcá-lo?

— Acho.

O rifle disparou. Ramona tinha atirado no templo, e o computador de alvo do rifle registrou a trajetória da bala. Eles seguiriam o escopo da maneira como os antigos míticos seguiam um fio através de um labirinto. Se a tempestade lhes desse mais quinze minutos, sobreviveriam.

O relâmpago rompeu as nuvens. Um trovão retumbou, os céus se abriram e a tempestade inundou a floresta.

Matias xingou.



A visibilidade diminuiu para quase zero. Matias cortou o emaranhado de videiras à sua frente.

— Um pouco para a esquerda — gritou Ramona atrás dele.

Ele tirou os pés da lama, caminhou alguns metros para a frente, inclinando-se para a esquerda, e cortou outra vez, esculpindo um caminho pelo arbusto.

O chão da floresta estava inundado. A lama sugava os pés deles e cedia sob o peso dos dois. A chuva havia encharcado suas roupas em segundos. Quentinha no começo, já parecia quase gelado. Ao redor deles, a copa tremia, sem bloquear a chuva, mas canalizando-a para milhares de riachos. Se algo os atacasse através da copa agora, não conseguiriam perceber.

Ele caminhava em frente e cortava, meio sem enxergar, enquanto Ramona o seguia, olhando para a mira. Se vagassem fora do curso, mesmo por alguns metros, poderiam passar o templo e nunca perceberiam que estava lá.

Seu joelho esquerdo o estava matando. Ele havia colocado a maior parte de seu peso sobre ele naquele maldito corredor, protegendo a si mesmo e Ramona do canhão sônico, e depois daquela

segunda explosão o jogar na parede, Matias tinha caído bem em cima dele. Suas costas doíam, assim como sua cabeça, e o impacto não lhes fizera nenhum favor, apesar dos assentos anticolisão de última geração, mas o joelho exigiria atenção assim que parassem e ele pudesse tirar o kit médico da bolsa. Se não o tratasse, ou ficaria duro no dia seguinte ou incharia, e não tinha ideia do que aconteceria no dia seguinte.

Uma folha larga despejou alguns litros de água nas suas costas. Passou por baixo do colarinho e desceu pela coluna. Matias cerrou os dentes e continuou cortando. Usar o seco era cansativo. Ele precisava dormir e comer. Não se importava em qual ordem, mas teria que fazer um deles em breve, porque sua resistência estava no limite.

Um emaranhado de figueiras-vermelha se ergueu à frente. Ele as atingiu, afundando no ritmo irracional de golpes cortantes. Corta, corta, passo. Corta, corta, passo.

Uma mão agarrou seu ombro.

— Matias!

Ele se virou para ela.

Ramona apontou para a direita.

— Encontramos.

Matias olhou na direção em que ela apontava.

Uma cúpula azul e branca se erguia para o lado, envolta em uma rede de galhos da figueira-vermelha. Parecia uma bolha de um azul puro preso numa teia de filamentos prateados que a prendiam ao chão. Duas rampas largas levavam à entrada.

Eles correram para as ruínas.

Os templos da Primeira Onda tomaram a forma de aranhas nephri, que colocavam os ovos em uma gota de seu muco azul brilhante e teciam as teias em paraquedas ao redor para permitir que o vento levasse a prole para novos territórios. Uma esfera quase perfeita de cima, enquanto do chão o templo se assemelhava a um ovo posto de lado, com o telhado abobadado inclinado até embaixo, como uma teia presa ao solo da floresta logo antes de voar. Um pavilhão em vez de uma catedral, uma mistura perfeita de natureza e feita pelo homem, onde seus adoradores se tornaram parte da natureza sem interrompê-la.

O edifício não tinha portas ou janelas, apenas duas entradas, formadas pelas aberturas entre o telhado e o chão diretamente opostas uma à outra. Matias subiu a rampa, passou sob o arco de dez metros

de altura e entrou no templo.

O edifício oval estava vazio, o chão de pedra cheio de folhas secas. À esquerda, na parte mais larga e profunda do pavilhão, um altar simples, pouco mais do que uma bacia redonda no chão, esperava, abandonado. Em frente, na extremidade mais estreita, uma pequena fonte escorria da parede para uma série de tigelas de pedra, em cascata desde o topo até o fundo, antes de desaparecer no chão. O telhado azul, opaco por fora, tornou-se translúcido por dentro, e os fios prateados tecendo sobre ele resplandiam de leve, brilhando aqui e ali com um intenso clarão de luz branca.

Ele teria preferido algo com quatro paredes e uma porta, mas teria que servir. Pelo menos as figueiras-vermelha haviam se trançado na outra entrada. Diminuiria o vento.

Ramona deixou cair a bolsa e o rifle no chão de pedra. A chuva tinha colado seu cabelo na cabeça e no rosto. Ela parecia pálida, os lábios quase brancos e os olhos azuis enormes e escuros.

Tremendo, ela abraçou o corpo.

Ele precisava aquecê-la.

Matias caminhou até o altar, cerca de um metro e meio à frente. Tinha a mesma pedra que o chão, mas polida até um tom quase brilhante. Ele o circulou, olhando para a borda. Lá estava, uma pequena esfera de pedra embutida na borda.

— Volto logo.

Ele se virou e voltou para a chuva, deslizando e pisando forte até chegar no tronco mais próximo da figueira-vermelha, tão grosso quanto sua perna, e bateu nele com o punho. *Oco. Perfeito.* Usou uma lâmina seca para cortar. O tronco permaneceu ereto, sustentado pelas frondes e videiras acima. Ele o agarrou e puxou. A madeira estalou e a figueira-vermelha oca se soltou e caiu, jogando lama no ar.

Ele agarrou e puxou outra vez e levou a árvore cortada na direção da entrada. Ramona correu para fora do templo e apanhou o outro lado, e juntos a transportaram pela rampa até a parte interior.

Ramona enxugou a água da chuva do rosto.

— Plano brilhante. Exceto que está molhada e não temos como queimar.

— Que mulher de pouca fé. Sabe como acender um fogo?

Ela bufou.

Juntos, cortaram a árvore em troncos e os organizaram na

bacia do altar, formando uma pirâmide áspera com os pequenos pedaços no centro e troncos maiores do lado de fora.

Ramona recuou e olhou para ele com expectativa.

— Estou esperando um milagre.

Ele mexeu na bolsa, puxou uma pequena faca e cortou o braço.

— O que você está fazendo? — Ela parecia preocupada de verdade.

Matias segurou o braço sobre a esfera e apertou o corte.

Algumas gotas de sangue caíram na pedra. Ele se agachou e empurrou a esfera ensanguentada com o polegar, tentando torcê-la em seu nicho. A esfera resistiu. Ele empurrou com mais força. A bola de pedra girou, carregando seu sangue.

Algo estalou sob o altar. Uma chama verde-jade surgiu de uma abertura escondida no centro da bacia e tocou os troncos, que acenderam em uma chama laranja quente.

Ramona o encarou.

— Como?

— É uma chama de nefrita com um gatilho que reage ao DNA humano e à hemoglobina. Só dura uns cinco minutos, mas é tudo o que precisamos. O fogo é uma parte rara da natureza. A água corre livremente, disponível para todos, mas para aproveitar o fogo é necessário um sacrifício. O progresso tecnológico começa com o fogo e, se não se tiver cuidado, se pode sangrar o planeta para manter o fogo aceso.

— Como sabe disso?

— Meu avô me mostrou quando eu era jovem. Ele gostava de aprender coisas estranhas. Olhe para a fumaça.

Ela inclinou a cabeça, observando a fina coluna de fumaça tocar o teto do templo e derreter nela.

— Está absorvendo?

Ele assentiu.

— Os construtores não acreditavam em desperdiçar energia. A cúpula permanece quase na mesma temperatura durante o ano.

— Fascinante. — Ela tirou um kit médico da bolsa. — Me dê o seu braço.

— É um arranhão.

— E estamos no meio da selva. Ele precisa ser esterilizado e de um curativo, caso contrário vai infeccionar. E depois de terminar com seu braço, vamos olhar sua perna.

Ele lançou um olhar indignado para Ramona.

— Minha perna está bem.

— Uhum. Então você está mancando por diversão?

— Eu disse...

Ela estendeu a mão para o joelho esquerdo dele. Matias se afastou e quase caiu.

— Você está sendo ridículo — resmungou ela. — Se seu joelho ficar ruim, não posso te levar até a civilização. Você é muito grande e muito pesado. Me dê seu braço e não me faça repetir.

Ele estendeu o braço e deixou que ela cuidasse dele.

Capítulo 7

A chuva continuava forte e implacável. Ramona a observou mergulhar a floresta em sombras noturnas. Por toda a parte musgo bioluminescente e líquens brilhavam com um tom prateado fraco e amarelo-limão, traçando os troncos maiores. O ruído branco da água pingando misturado com o crepitar dos troncos no fogo era calmante. Naquela floresta cheia de chuva e escuridão, o templo era um oásis seco de calor e luz.

A alguns metros de distância, Matias dormia sob um cobertor térmico no chão. Ela havia enrolado o seu e colocado entre as costas e a parede. Estava inclinada contra o cobertor, usando o almofadado para apoiar as costas doloridas. Todo o seu corpo parecia um hematoma gigante.

Eles haviam saído para a chuva outra vez assim que ela cobriu o corte no braço de Matias e colheram alguns troncos evaner, cortando-os em partes. A figueira-vermelha queimava muito e rápido, ótima para uma intensa onda de calor, mas não tão boa para sustentar o fogo. E precisavam manter o fogo aceso, ou teriam que se cortar cada vez que ele apagasse.

Eles se vestiram com roupas secas – ela colocou um traje de exercício leve, camisa solta e calças feitas de tecido quente, mas respirável, e ele vestiu um traje de combate terrestre que se encaixava em seu corpo poderoso como uma luva. Ela tinha feito o seu melhor para não olhar.

Eles juntaram os recursos. Matias conseguiu pegar o kit de emergência do veículo aéreo ao sair. Tinham dois frascos purificadores, ração para dois dias, cobertores térmicos, carregador portátil, kit de primeiros socorros e lencinhos de campo, pelos quais ela ficou bastante grata.

Tinham bebido a água da fonte do templo com as garrafas purificadoras, protegido os suprimentos, e depois Matias havia se esticado no chão e adormecido quase na mesma hora. Ramona ficou espantada por ele ter durado tanto tempo, com os ferimentos e aquela corrida louca pela imensa mansão de Drewery. Ela tinha recebido uma única explosão do canhão sônico e o impacto quase quebrou seus ossos. Ele tinha levado duas. Quando olhou para o joelho dele duas

horas antes, era do tamanho e da cor de um pêssego vermelho. Ela o injetou com um coquetel de analgésicos anti-inflamatórios e um amplificador de cura acelerado. Se ele pudesse evitar cair de joelhos na próxima semana ou duas, ficaria novinho em folha.

Ela olhou para a forma inerte de Matias. O homem tinha um rosto interessante, ângulos fortes, desprovido de suavidade. Uma expressão facial assassina eterna. Mesmo quando não tentava intimidar, projetava uma severidade natural que prometia retribuição rápida e brutal.

Entretanto, naquele momento, dormindo, Matias estava relaxado. A expressão dele perdeu a dureza. Quando se esquecia de fazer uma careta, Matias era um homem bonito.

Ela se perguntou como seria beijá-lo. Como seriam os olhos dele quando tocasse seus lábios? Se ela derretesse o gelo e liberasse o fogo, o quanto se queimaria?

Ramona suspirou. Ela não tinha o hábito de se iludir. Gostava de olhar para ele e ouvi-lo, gostava da maneira como pensava, e quando Matias se abriu o suficiente para mostrar raros respingos de humor, teve dificuldade em se afastar.

Ela olhou para a floresta tremendo atrás da cortina cinza da chuva. Voltou os pensamentos para quando era jovem, antes de Gabriel, antes do noivado que ela não queria e do casamento que precisara suportar – quando Ramona sonhou com seu futuro marido, imaginou alguém exatamente como Matias. Ele era tudo o que ela queria. Competente. Inteligente. Perigoso. Decidido. Leal.

A última doeu tanto. Poderia ter perdoado Gabriel por inúmeros pecados se ele tivesse sido leal. Se ao menos ele se importasse com ela. Ramona estava desesperada por afeição. Havia se esforçado tanto para fazer os geradores seco entrarem em produção, e no momento estava quase esgotada. O que mais precisava era de um parceiro em quem pudesse confiar. Em vez disso, ela tinha Gabriel.

Quando pensava nos últimos quatro anos, tudo parecia sombrio, um esboço de mau presságio em preto e branco. A cor não desapareceu da noite para o dia. Foi uma lenta e gradual dessaturação provocada por pequenas escolhas.

Mas, naquele momento, podia ver cor. Ela estava surrada, machucada e cansada, mas o mundo estava vívido e brilhante outra vez. Não era Matias, embora ele sem dúvida fosse um catalisador. Era a perspectiva da liberdade. A maneira como ela havia levado a vida tinha ficado fora de controle. Ramona precisava se responsabilizar por sua própria existência. Essa coisa, essa piada de casamento, que

pairava em volta do seu pescoço como um grande peso, precisava acabar. Seja qual fosse o seu futuro, Gabriel não faria parte dele.

Nem Matias, ele era um Baena. Aquilo não era algo que qualquer um dos dois pudesse superar. Ela precisava tirá-lo da cabeça.

De toda forma, só o conhecia há um dia.

Matias tinha jogado o braço na frente dela para protegê-la da colisão. *Que jogada suja. Aquele filho da mãe.*

— Que horas são? — perguntou Matias.

— Pouco antes da meia-noite.

Ele se sentou, fazendo uma careta. O analgésico devia ter perdido o efeito.

— Alguma sorte com a conexão?

— Sim.

Matias estudou o rosto dela.

— Pode dizer.

— Há uma nave dos Vândalos bem acima de nós em meia órbita. Eles alegam que um dos nossos satélites sofreu uma avaria mecânica e colidiu com a nave deles. Estão “realizando reparos”.

— Eles derrubaram o satélite para garantir que não pedíssemos ajuda, atiraram em nós e agora estão esperando para ver se sobrevivemos.

— Isso resume bem a situação. O Controle de Tráfico Orbital prejudicou os planos deles ao lançar um satélite substituto, e é por isso que temos a conexão. Fizeram os Vândalos subirem para uma órbita mais alta, mas a nave está bem acima de nós.

— Bem, é um bom plano. — Matias esticou a perna ferida e estremeceu. — Quanto tempo até que o CTO os transfira para uma pista diferente?

Ela sorriu.

— Eles têm três ciclos para obedecer ou o CTO os abordará para avaliar e reparar qualquer dano. Isso nos deixa com algumas opções. Primeira, podemos apresentar um relatório formal e pedir que uma investigação seja iniciada.

— Passo — disse ele.

Ela concordava. A última coisa de que precisavam era um holofote formal nas suas atividades.

— Segunda, podemos ser resgatados. Sua família ou a minha, pode escolher.

— Passo.

Ela concordou de novo.

— De acordo com o meu contato no CTO, os Vândalos estão longe demais para nos pegarem pelos sensores. Muita biomassa e muita cobertura de nuvens. Teriam que lançar uma sonda, e com o CTO examinando todos os movimentos deles, não vão arriscar. Neste momento os Vândalos não sabem se estamos vivos ou mortos. Registraram a colisão, presumem que estamos mortos e estão tomando o devido cuidado. Mas um veículo aéreo em movimento é muito mais fácil de detectar do que dois humanos na floresta antiga com um templo que absorve fumaça.

— O que nos deixa com a terceira opção — disse Matias. — Fingimos estar mortos por três dias, até que o CTO expulse os Vândalos.

— Seria melhor se pensassem que não iríamos estragar a diversão deles em Adra.

Matias olhou para ela.

— Por que tenho a sensação de que tem mais más notícias?

— Janus entrou em contato.

— O cara da imigração com o spaniel?

— Sim. Pensamos que havia vinte e quatro Vândalos que “solicitaram refúgio” em Dahlia. Drewery tinha conseguido empurrar o segundo grupo há dois dias. Demorou um pouco para processarem, mas eles entraram no planeta hoje de manhã.

— Quantos estão nos esperando em Adra?

— Cinquenta e quatro.

Matias ficou inexpressivo.

No momento em que os Vândalos reconhecessem Ramona e Matias, atacariam. Hesitariam em matar a filha de um senador em público, mas se ela e Matias aparecessem, tudo poderia acontecer.

Se os dois embarcassem em uma nave tripulada por cinquenta e quatro pessoas, Ramona nem faria uma pausa. Nos confins lotados de uma nave, passariam por qualquer número de combatentes como se fossem manequins de prática. Já no festival, ao ar livre, na frente de milhares de espectadores, seriam esmagados e massacrados. Os

Vândalos nem precisariam se aproximar. Poderiam pegá-los no fogo cruzado. Os escudos seco não eram omnidirecionais. Podiam proteger a dianteira, mas não as costas.

Ir para Adra era uma sentença de morte. Mesmo que tentassem caçar as patrulhas de Vândalos para eliminar os números, matá-los sem serem notados com milhares de turistas nas ruas era impossível. E assim que uma patrulha não voltasse, os Vândalos entrariam em alerta total.

Poderiam mobilizar as duas famílias. Bem, podiam tentar. Precisariam explicar que a pesquisa foi roubada, como foi roubada e quem a roubou, e depois teriam que convencer as famílias que haviam sido inimigas por séculos a trabalharem juntas. Precisariam implorar, persuadir, fazer promessas, convencer e ameaçar, tudo o que levaria muito tempo e no final eles falhariam, porque Matias era um Baena. Se ele convencesse a família a trabalhar com a dela, os Adler nunca aceitariam aquela aliança.

Mesmo que conseguissem algum milagre cósmico, o ganho líquido seria de seis secare, apenas dois dos quais tinham experiência de batalha recente. Seria um massacre. E enquanto as autoridades civis faziam vista grossa para disputas kinsmen, no momento em que os civis se machucassem, teriam muita coisa para esclarecer.

— Precisamos de mais informações — disse ele.

— Liguei para Karion. Se os Vândalos estiverem em Adra, ele os encontrará.

— Ele vai ser discreto o suficiente?

Ela virou a cabeça e olhou para Matias por um segundo.

— Uma pergunta idiota — disse ele. — Esqueça o que eu disse.

Seu irmão seria discreto. Karion era sutil, meticuloso e impiedoso.

A chuva parou. As últimas gotas rolaram das folhas molhadas, caindo no chão. O céu ficou claro e, acima deles, um universo brilhava em uma miríade de estrelas. A Irmã Prateada, a menor das duas luas, escapou por trás das nuvens em retirada, derramando uma tela de luz branca e dourada na floresta.

O templo se tornou transparente, o azul das paredes desaparecendo na escuridão. Apenas a teia prateada permaneceu, brilhando ao que parecia suspensa no ar. Sob as árvores, centenas de flores rukta abriram, suas pétalas vermelhas translúcidas revelando verticilos de pétalas brancas brilhantes por dentro. Um aroma delicado

e doce se espalhou pelo ar. A floresta se tornou etérea, um lugar mágico de um dos filmes de contos de fadas que ela costumava assistir quando criança. Ramona respirou a fragrância, fundiu-se na magia e se sentiu relaxar, músculo por músculo, como se inalar o ar noturno a tivesse purificado, purgando a fadiga, o estresse e a preocupação.

Então essa é a glória do templo. Damos tão pouco crédito aos antepassados.

Matias se levantou e se sentou na sua frente, inclinando para o outro lado da porta. Ele se moveu em completo silêncio, o traje terrestre mudando de azul e índigo enquanto imitava a floresta. O rosto dele estava calmo. Tudo o que Ramona sabia sobre ele lhe dizia que Matias estava considerando o problema, tentando dissecá-lo em pedaços manejáveis – mas nada desse esforço se refletia na expressão dele.

Ramona se perguntou se ele sentia a floresta do mesmo jeito, se a beleza dos arredores o tocava.

Havia apenas dez metros entre eles. Ela podia se levantar, cortar a distância e beijá-lo. Valeria a pena só pela cara dele. Mas, se fizesse isso, não pararia. Ele não pararia. Eles teriam um ao outro ali, naquele templo sagrado, com apenas flores e árvores como testemunhas. Ninguém jamais saberia. E eles nunca poderiam fazê-lo outra vez.

Por que tinha que ser você, Baena? Por que ela não poderia ter conhecido alguém como ele, mas sem o sobrenome venenoso?

A resposta veio a ela como se a floresta a tivesse soprado em seu ouvido. Ela o queria porque ele era secare. Ele era incisivo, inteligente e atencioso e, ainda assim, quando a ocasião exigia, agia sem hesitação. Em todo o planeta, ninguém além de Matias serviria.

Ela tinha que dizer alguma coisa, ou iria até ele e faria algo de que se arrependeria.

— Qual é o seu problema com os Vândalos?



Ela queria conversar.

Matias olhou para Ramona de relance, encostada na parede, o traje atlético cinza cobrindo os contornos do corpo. A luz do fogo

pintava seu lado direito com um tom laranja quente, o luar banhava o esquerdo com um azul-prateado, e o tecido quase leve do traje tinha um ligeiro brilho. Os cabelos escuros dela caíam nos ombros, e os olhos eram azuis como as folhas de evaners. Ela parecia linda e viva, como se o planeta tivesse exalado a magia e a conjurado com sua respiração para provocá-lo. Ele queria tocá-la para ver se era real.

A floresta se espalhava por muitos quilômetros ao redor deles, mergulhada em sombras noturnas e brilhando com cores delicadas. O templo repousava dentro dela como uma pequena ilha feita pelo homem, e o fogo deles era o coração do lugar.

Parecia que eram as últimas pessoas no planeta, só ele e ela.

Era uma fantasia perigosa. Rodopiou em sua mente, até que ele não conseguia pensar em mais nada. Ficar deitado a alguns metros de distância dela era uma tortura, então se levantou e se moveu para o outro lado da entrada para colocar mais distância entre eles. Sentado assim, ainda podia observá-la, confiante de que esmagaria qualquer tentação de tocá-la antes que isso o vencesse e o fizesse se aproximar.

E ela queria conversar. Estavam sentados muito longe para uma conversa.

Tinha que ser um teste. A vida, o destino ou o universo estava lhe testando, e não tinha certeza se queria passar.

Ele se levantou e se aproximou de Ramona. Cinco, quatro, dois metros... isso bastaria. Não confiava em si mesmo para ficar mais perto. Matias se sentou no chão de pedra da rampa, fora da luz do fogo, deixando a noite obscurecer sua expressão. Não tinha certeza do que ela veria nos seus olhos.

— Uma resposta por uma resposta?

Ramona suspirou.

— Tudo precisa ser uma troca?

— Precisa. Tudo é uma troca. Tudo é transacional. Se inspira, expira. Se treina, fica mais forte. Faz um favor a alguém e ele retribui. Você deveria saber melhor do que ninguém, Lady Aranha.

— Tudo bem. O que você quer?

Tudo.

— No seu restaurante, quando eu disse que não tinha garantia de que você não me apunhalaria pelas costas, você me disse que eu não tinha moral para falar de traição, considerando de onde e de quem eu vim. Quero saber o que quis dizer.

Ela refletiu por um momento.

— Suponho que você descobriria mais cedo ou mais tarde. Temos um acordo. História por história. Comece com o motivo de ter deixado o planeta.

Aquela mulher sempre ia direto na jugular. Ele se acomodou numa posição confortável.

— A morte do meu pai acabou com a minha mãe. Acordamos uma manhã e minha tia nos cumprimentou no café da manhã. Ela nos serviu um crumble de hava que tinha cozinhado naquela manhã e explicou que nossa mãe precisava de um tempo. Que ela ficaria fora por um tempo, até que lidasse com tudo. Me lembro que ela meio que acenou com as mãos quando disse “tudo”.

— Consigo imaginar isso. Sua tia é bastante assustadora.

Ramona estremeceu.

Ele se imaginou caminhando até ela e abraçando-a.

— Minha tia é uma pessoa adorável.

— Adorável, mas assustadora.

Ele pensou um pouco.

— Até que é justo. Percebi duas coisas, uma boa, outra má. A má era que eu e minha irmã fomos incluídos no tudo. Éramos um fardo, como a família, o negócio e a casa. Nunca mais vi minha mãe pessoalmente depois disso.

Quinze anos e ainda dóia.

— Ela está...?

— Está viva. Recebo relatórios médicos pontuais dos exames anuais dela e, vez ou outra, a vila onde fica requer reformas ou reparos. Eu pago as contas. Ela recusa meus telefonemas.

— Sua mãe fugiu de casa. — Ramona olhou para ele, incrédula.
— Ela te deixou.

— Por assim dizer.

— Me lembro quando aconteceu. Minha família deu muita importância a isso. Eu tinha 12 anos, o que significa que você tinha 15, e sua irmã 17. Sua mãe abandonou os filhos. Pensamos que ela tinha apenas se afastado da posição de chefe da família. Eu não sabia...

— Ninguém sabe além de poucos membros próximos da

família. Ninguém queria anunciar que ela havia sofrido um colapso emocional.

Os kinsmen eram obcecados por genética hereditária, e fofocavam.

Ramona fez uma careta.

— Teríamos feito o mesmo. Posso imaginar o que teria sido dito caso se tornasse público. “Ava surtou. E se passou a instabilidade mental para os filhos? Eles vão ceder sob pressão se os cortar fundo o suficiente?” Seria como amarrar um cordeiro balindo no meio da floresta.

— Isso mesmo. Minha mãe era vista como fraca pela família. Ninguém disse isso, mas o julgamento silencioso foi ensurdecedor.

— Você acha que ela era fraca? — perguntou ela, a voz suave.

— Acho que precisava desesperadamente de ajuda. Com o trauma e luto suficiente, qualquer um pode desmoronar.

Ramona desviou o olhar.

— Você a ajudou?

— Minha tia tentou. Vi os registros. Psiquiatras, psicólogos, conselheiros de luto, o abade do Mosteiro da Montanha Resplandecente...

Ramona ergueu as sobrancelhas de leve.

— Como você disse, minha tia é adorável, mas assustadora. Infelizmente, não se pode ajudar alguém contra a sua vontade. Minha mãe recusou tudo, sobretudo as chamadas da minha irmã e as minhas. Ela queria estar livre de qualquer coisa que a lembrasse do meu pai, incluindo os filhos. No final, só podíamos respeitar os desejos dela.

Ramona franziu a testa.

— Você disse que percebeu duas coisas: uma boa, outra má. Qual foi a boa?

Ele sorriu para ela.

— Percebi que poderia ir embora.

Ela riu.

— Até aquele momento na mesa do café da manhã, eu não sabia que era possível. Me atingiu do nada. Eu podia apenas ir embora. Podia ir para outro lugar, onde não fosse o filho, o sobrinho, o herdeiro. Pressão zero, expectativas zero. Então, quando fiz 18 anos,

fui embora.

— Aonde foi?

— Para Calais V. Eles têm um centro mercenário lá. Uma das tripulações precisava de um corpo vivo, então fui contratado. Não se importavam de onde eu era. Não queriam saber meu nome verdadeiro. Desde que eu fizesse meu trabalho e não causasse muitos problemas, ficavam felizes comigo. Gostaram do meu tempo de reação, por isso me treinaram como piloto. Estive com eles por cinco anos.

— Se divertiu?

Ele se inclinou para ela e Ramona imitou seu movimento. O espaço entre eles era tão pequeno agora que, se estendesse a mão, poderia acariciar a bochecha macia dela com as pontas dos dedos.

— Me diverti *muito*.

Ele piscou para ela. Ramona sorriu e se recostou.

— Vi todo o setor. Era um trabalho e, às vezes, era perigoso, mas sempre nos divertíamos. Pessoas que eram más no trabalho morriam ou eram demitidas. Todos os que ficaram eram muito bons. Eu era um deles e estava bem orgulhoso de mim mesmo.

— Então, o que aconteceu?

— O Massacre do Opus. Eu te falei dele. Nove mil mineiros abatidos.

Ela assentiu.

— Eu me lembro. Os Vândalos mataram as crianças e marcaram a contagem de corpos nas armaduras.

— Pouco antes dos Vândalos atacarem, a colônia enviou uma nave, duzentos e cinquenta passageiros e quarenta tripulantes. Metade dos passageiros eram recém-formados em Raleigh III que tinham ido frequentar a escola de lá. Nenhum deles com mais de 18 anos. Alguns dos outros precisavam de tratamento médico avançado, alguns visitavam a família. O de sempre.

O tremor na mão direita estava de volta, mas sua voz permanecia medida.

— Eles se juntaram à frota civil no Sistema Danúbio e ficaram lá por uma semana até que todos se reuniram. Quinze embarcações – quatro cargueiros Leviatãs, algumas fragatas e o resto formado apenas por pequenos navios de diversos tipos. Todos seguindo por quase todo o setor. Três companhias mercenárias se uniram para o comboio, nós e

duas outras. Com tanta gente, a maioria dos piratas nos deixava passar, então era dinheiro fácil. Três semanas de tédio, depois um bom dia de pagamento e alguns dias de liberdade para gastar o dinheiro.

O tremor era óbvio naquele momento. Ele fechou a mão.

— Estávamos fazendo uma transição entre os pontos de salto em Nicola. Nove horas de voo lento através de um sistema estelar deserto para ir de um portão de salto para outro. Estávamos quase no ponto de salto quando a frota de Vândalos saiu dela.

Ele lembrava como se tivesse acontecido no dia anterior, os alarmes tocando e a súbita armada se materializando na tela.

— Eu estava pilotando a *Vespa*, uma embarcação de patrulha leve. Em suma, uma nave de reconhecimento com uma unidade de salto, dois canhões e uma tripulação de quatro. Para a corrida de nove horas através de um sistema vazio, era só eu e o atirador. Estávamos na ponte. Um momento não havia nada, e então as assinaturas em massa começaram a aparecer aos montes. Uma embarcação, três contratorpedeiros pesados, dez fragatas. A maior nave que tínhamos era um pequeno contratorpedeiro.

— O Comodoro Vândalo enviou uma mensagem no canal aberto, então todos no sistema a ouviram. Eles queriam a nave mineira. Só aquela, não disseram o motivo. “Nos dê a nave cheia de crianças e nós o deixaremos passar.” Não sabíamos sobre o Opus na época, mas não cheirava bem.

Os olhos de Ramona estavam enormes. Matias olhou para eles e continuou:

— Kurt Summers, o homem que liderava nossa equipe, era o líder do comboio. Ele conhecia os Vândalos pela reputação, e foi por isso que nos disseram para ficar longe da RQE. Eu falava com ele numa tela e com o almirante Vândalo na outra. Kurt mandou um plano de batalha para o canal seguro, e depois disse ao almirante Vândalo que não desistiriam da nave. Ele deve ter pensado que a RQE não se arriscaria a atacar uma frota multissistêmica. O almirante disse: “Nesse caso, não me culpe por ser indelicado”. Vi a expressão de Kurt desmoronar, e então o contratorpedeiro dele explodiu. A tela ficou branca.

— O que aconteceu depois? — perguntou ela baixinho.

— O inferno.

Ele queria parar, mas acordo era acordo.

— Eles nos despedaçaram. Estávamos em desvantagem

numérica, de poder de fogo e com menos pessoal na equipe. Lançaram mísseis, um após o outro. A primeira saraivada rasgou o comboio como se fosse papel sintético. As embarcações ficaram em pedaços. Unidades explodiram. Assim que nos aleijaram, se fecharam e retalharam o que restava à queima-roupa com feixes de partículas. Tiro após tiro, mesmo depois que os navios apagaram.

Estava se desenrolando em sua cabeça outra vez – as explosões de mísseis que o deixaram sem enxergar, os detritos passando a uma velocidade catastrófica, os pedidos de ajuda das barcas menores enquanto tentavam freneticamente fugir apenas para serem perseguidos, os gritos atravessando o canal aberto...

— Como você sobreviveu?

— Parei de lutar. — E lá estava a verdade. Ele tinha dito. — Depois da terceira saraivada de mísseis, nos virei, disparei uma descarga curta no motor e o parei. Colocamos a veste de proteção e ventilei a nave. Ficamos à deriva pelo campo de detritos, nossas unidades ditas desconectadas, se arrastando pelo ar.

— Você fingiu estar morto?

Ele assentiu.

— Por quanto tempo?

— Quatro horas. Até que os Vândalos deixaram o sistema.

Ela cerrou os punhos.

— Eles não poderiam ter escapado.

— Mas escaparam. Ah, houve um escândalo enorme. Foram feitos discursos, a RQE foi punida com sanções e pagou algumas reparações. No final, nenhum dos quatro planetas envolvidos na frota mercante queria começar uma luta com maníacos militantes armados até o pescoço. A RQE faz guerra. É o que fazem. Eles treinam para isso. Estão preparados para isso. A maior luta que Raleigh III se envolve é qual nome será listado primeiro no último artigo de pesquisa.

— Isso é inacreditável. — Ultraje acendeu nos olhos dela.

— Foi o que aconteceu. Pensávamos que éramos durões. E aí os Vândalos vieram e nos mostraram que não éramos merda nenhuma. Nunca tivemos chance. Foi a primeira vez na minha vida que me senti impotente numa luta. Todos que eu conhecia estavam mortos. Não pude proteger a frota mercante ou as pessoas que lutaram lado a lado comigo, mas a minha família precisava de mim, por isso me tornei o homem que precisavam. E agora você sabe.

— Eu te invejei quando foi embora. Eu tinha 15 anos e queria trocar de lugar com você. Estou quase feliz por não ter feito isso.

Ele olhou para o céu noturno.

— Estamos protegidos aqui em Rada. Vivemos em nossas casas aconchegantes, cultivamos dalias para impressionar nossos vizinhos e temos nossas pequenas rixas. Este planeta nunca conheceu uma invasão em grande escala por uma frota militar superior. A maioria de nós nunca conheceu a guerra. Vi em primeira mão o que um bombardeio cinético orbital faz a uma cidade. No momento em que o caça-destróços apareceu no meu escritório com os bancos de dados da pesquisa seco, todo o resto da minha vida já não importava. Soube naquele momento que precisava desenvolver essa tecnologia e precisava controlá-la, porque se alguém como a RQE põe as mãos em geradores seco, eles se tornam invencíveis. Massacrariam sistema após sistema até encharcaram o setor de sangue. Enquanto eu respirar, nem os Vândalos nem a república idiota dos parentes deles jamais tocarão nisso.

Ela olhou para Matias em silêncio, os olhos arregalados.

— É a sua vez — solicitou ele. — Me diga por que não tenho moral para falar de traição.

O rosto dela se fechou.

— É uma história antiga. Não é importante.

— Eu quero saber.

— Matias...

— Tínhamos um acordo. Pague.

— Não me obrigue a dizer. — Ela quase implorou.

— Ramona, você prometeu.

Ela fechou os olhos por um segundo, depois os abriu.

— Você já se perguntou por que duas famílias secare acabaram no mesmo planeta, na mesma província?

— Coincidência? Rada é linda.

Para os secare endurecidos pela batalha, deve ter parecido o paraíso.

Ela respirou fundo.

— Quando a unidade secare foi feita, a Geniocracia Sabetera lhe ofereceu o Pacto. Assim que a guerra acabasse, cada secare

receberia um milhão de créditos e cem acres no mundo Sabetera de sua escolha. Após o fim da Segunda Guerra da Borda Externa, a Geniocracia Sabetera decidiu que os secare eram perigosos demais para serem libertados. Eles voltaram atrás na palavra. Tentaram matar os secare, mas a unidade foi avisada e se dispersou.

De repente, ele teve um mau pressentimento.

— A Sabetera estava determinada a exterminá-los. Fizeram um acordo com os cinco secare mais fortes da unidade para caçar os outros em troca de dinheiro e poder. Todos os secare conhecem esses nomes e garantem que seus filhos também os aprendam, para que a traição nunca seja esquecida. Os cinco traidores são Whitney May, Hee Granados, Katia Parnell, Leland Dunlap-Whitaker e Angelo Baena. As mãos deles estão manchadas com o sangue de seus irmãos e irmãs de batalha.

Ele sentiu um calafrio.

— A família Baena se estabeleceu em Rada porque Angelo Baena perseguiu meu tataravô, Ray Adler, até esta província. Ele ia matá-lo e receber a recompensa. Apaixonou-se por uma mulher de Dahlia e preferiu instalar-se aqui, mas não antes de matar a minha tatara-tatara-tataravó. É por isso que, quando os filhos de Ray cresceram, tentaram aniquilar a sua família duas vezes. É por isso que nunca pode haver paz entre nossas famílias, Matias.

Ela se levantou e foi para a floresta.



Ramona estava inquieta.

Na noite anterior, ele tinha esperado até que ela voltasse. Ela não tinha demorado muito. Depois entrou, se acomodou debaixo do cobertor e fechou os olhos. Ele ficou ali por um tempo, sentado, pensando nas coisas, conectando os pedaços dispersos do que sabia da sua família em uma imagem e não conseguindo dar sentido àquilo. Ele tinha estudado os registros familiares com o devido cuidado quando era adolescente. Fazia parte de sua educação obrigatória, ensinada em especial para que pudesse mapear as complexas interações entre os Baena e o resto das famílias poderosas nas províncias. Não havia menção de traição, nada sobre se tornarem assassinos altamente pagos ou caçar companheiros secare.

No entanto, havia grandes lacunas.

Por fim, ele adormeceu.

Só acordou porque Ramona se mexeu. A luz da manhã banhava a floresta. Ele a viu entrar nela outra vez e, quando voltou, ouviu um farfalhar atrás da parede sul e foi olhar.

Ramona tinha encontrado o terraço.

Todos os templos da Primeira Onda tinham um, um semicírculo com piso de pedra onde a parte externa das cerimônias havia sido realizada séculos atrás. A floresta havia tentado reivindicá-la, mas o terraço foi erguido e conseguiu apenas envolvê-la em videiras. Ramona devia ter decidido limpar, porque a encontrou cortando as videiras. Ele ajudou. Trabalharam a maior parte do tempo em silêncio até que um crescente de pedra branca emergiu, trinta metros de largura e de comprimento. Naquele momento ela deu uma volta, atacando os inimigos imaginários.

Matias a observou pelo canto do olho enquanto ela passava pelas posturas de luta. Ramona se movia como água, suave, fluindo perfeitamente de ataque para defesa e de volta para ataque, o seco se transformando em lâminas em um momento e em escudos no outro. Ele reconheceu as posições. Ela estava testando formas com controle de multidões.

Ele fez as contas pela manhã enquanto arrastava as videiras para a floresta. Os números não estavam do lado deles. Cinquenta e quatro Vândalos, centenas de potenciais vítimas civis. Naquele momento, ele não via uma solução.

Precisavam de mais informações. Até que soubessem mais, não havia nada a ser feito. Ele tinha tirado da cabeça, mas era óbvio que consumia Ramona. Havia distância nos olhos dela. A mulher não foi derrotada. Tinha a sensação de que Ramona se recusava a reconhecer esse conceito. Ela estava sombria e focada, como um animal encurralado que mostrava os dentes.

Aquele olhar nos olhos dela o incomodava. Ele queria que desaparecesse. Que pudesse consertar tudo.

Ele não sabia como, e estava lhe enlouquecendo. Ramona parou.

— Trinta.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Se formos pegos pelos Vândalos ao ar livre, temos cerca de trinta segundos antes que nos flanqueiem e estabeleçam campos de

fogo cruzados. Mesmo que os ataquemos, vão recuar, se espalhar e nos matar.

Ela pegou a garrafa e bebeu.

Sua própria estimativa não era muito melhor.

Ramona inclinou a cabeça e o estudou.

— Sabe dançar?

— Claro.

A dança era uma parte obrigatória do seu treino. Quatro danças no total, cada uma com seu próprio ritmo, passadas de geração em geração. Artes marciais ajustadas à música, projetadas para melhorar o equilíbrio, a flexibilidade e o tempo certo, e para ensinar a transição impecável entre as formas de batalha. Inimigos que testemunhavam um secare dançando na maioria das vezes não viviam para contar a história.

— Dance comigo — disse ela.

Eles estavam presos no meio da floresta com rações de dois dias, esperando que a nave de guerra acima de suas cabeças saísse para que pudessem continuar com a corrida suicida, e ela queria dançar. Não treinar, dançar.

Ele deu de ombros.

— Por que não?

Ela se virou de leve, perna esquerda para a frente, ombro direito para trás, braço esquerdo erguido. Ele reconheceu a postura. O *giratório*. Ele nunca dançou em pares. Aquilo exigiria certo ajuste.

Ele a circulou devagar, tentando descobrir como se posicionar.

— Parece que está me perseguindo — comentou ela.

— Quando eu decidir persegui-la, você vai saber.

Ele se moveu atrás de Ramona, espelhando a pose dela. A mulher estava muito perto. Se movesse a mão alguns centímetros, seus dedos deslizariam pelo braço nu dela. Estava mexendo com sua cabeça.

— Pronto?

Na verdade, ele não estava. Tudo o que queria fazer era abraçá-la e puxá-la para perto. O espaço entre eles era tão pequeno, mas não podiam tocar. Nenhuma das danças foi feita para tocar. Foram feitas para matar.

A partir dali, poderiam girar em qualquer direção.

— Esquerda ou direita?

— Direita.

— No três. Um, dois...

Ele acionou seu implante. Os dois giraram em uníssono, a melodia rápida tocando na sua cabeça. Uma volta, duas.

Sincronia. Ela estava tentando fazê-los harmonizar e lutar como um par. Era a maneira original, a arte que tornara seus ancestrais quase invencíveis.

Ele já podia ver. A trajetória das voltas os levava para a clareira num zigzague selvagem. Se liberassem os escudos e os inclinassem, se tornariam um redemoinho blindado...

O cotovelo de Ramona balançou perto do seu nariz. Seus instintos entraram em ação e ele recuou, evitando o golpe por um triz. Ela tentou se inclinar para a direita, mas sua investida repentina a desequilibrou. Eles colidiram e caíram, ele girando no último momento para salvar o joelho ferido.

Ele bateu no chão e saltou para cima. Ramona caiu de bunda e ficou lá.

Matias ofereceu a mão.

Ela pegou e ele a puxou para cima, segurando os dedos dela alguns segundos a mais do que o necessário.

— Não importa — disse ela. — Foi uma ideia boba.

— A ideia foi boa. A ideia certa, a dança errada.

Matias deu alguns passos para longe e ergueu os braços.

Ela franziu a testa.

— *Capa?*

Matias assentiu.

Ela ficou ao seu lado e levantou os braços, tocando os pulsos acima da cabeça, o corpo todo estendido. Se liberassem o seco, teriam queimado dos antebraços como asas vermelhas.

A guitarra rápida rasgou sua mente, música como fogo correndo pelo fio detonador. Seu braço direito cortou para baixo e voltou quando ele virou à direita. Ele girou, levantando os braços, e a viu deslizar ao seu lado, os movimentos dela idênticos. Ambos abriram os braços, dobraram as pernas direitas, torcendo para a direita

enquanto empurravam lâminas invisíveis em seus oponentes, logo depois para a esquerda. Um pico de dor martelou em seu joelho, mas ele não se importou. Esticou o braço, Ramona também, e Matias agarrou os dedos dela por puro instinto. Puxou, girando-a quando ela chegou.

Um choque atingiu a palma da sua mão e disparou pelos nervos. Era a sensação mais estranha, como se o seu mundo de repente se expandisse.

Ramona se abaixou sob o deslizar do braço dele. Eles pararam e se encararam.

— Então é para isso que serve — disse ele. — Essa extensão de braço nunca fez sentido.

Os olhos de Ramona brilharam.

— Mais uma vez.

Levantaram os braços. Cortar à direita, virar, agarrar, torcer... e se juntaram no flash. Matias plantou a mão no peitoral direito dela, Ramona empurrou a palma da mão para ele, e se afastaram um do outro, impulsionando o movimento para um giro mortal. Por um piscar de olhos, eles estavam de costas, cortando os oponentes invisíveis, e então ele lhe agarrou o braço, levantando-o e a virando para a esquerda. As costas deles se tocaram.

O choque o sacudiu outra vez. Ele sentiu o movimento de Ramona, sabia onde ela colocaria os pés e a agarrou enquanto ela deslizava sobre sua perna estendida, flexível, graciosa, perfeitamente equilibrada, de volta para a frente, cortando os corpos fantasmas na lateral, os braços ligados dando-lhe maior alcance.

Eles se separaram.

Matias queria aquela mulher mais do que quisera qualquer coisa na vida. Sabia que estava encarando. Percebeu que tudo o que sentia estava escrito em seu rosto, mas não conseguia parar.

Ramona se virou e andou num círculo lento, tentando acalmar a respiração.

— Você sentiu...

Ela assentiu.

— É a sincronia?

— Não sei. — Ela o olhou, impotente. — É como se um seco reconhecesse o outro. Como um choque elétrico passando pelos meus braços, e de repente te sinto. Sei como tem intenção de se mexer. Eu...

E pensar que de todos os secare no universo você é o meu par perfeito. Nunca poderemos contar a ninguém. Minha família me renegaria.

Ele queria sentir aquilo de novo, a corrente invisível que os unia em um.

— Precisamos tentar isso com o seco — conseguiu dizer depois de um tempo.

— Ainda não. — Ramona sorriu para ele. — Cresci afeiçoada por você, Baena, mas cortar partes suas para guardar como lembranças seria um passo longe demais.

Matias se moveu para ela com a mão.

— Venha.

Ela riu baixinho e ergueu os braços acima da cabeça.

Capítulo 8

Karion encarou os dois da tela do tablet de Ramona. Matias tinha conseguido montar um terminal improvisado usando o tablet dela e a fonte do carregador portátil. O sinal era fraco, mas era melhor do que tentar manter uma conversa a três através de mensagens pelos implantes.

Tinham acabado de dançar por quase cinco horas. O rosto de Matias brilhava de suor. Seu cabelo estava úmido – ele havia esvaziado a garrafa de água na cabeça. Ramona sabia que o próprio rosto estava corado. Ela se sentou na beira do terraço, claramente sem fôlego.

O irmão ergueu uma sobrancelha para ela. De todos, ele se assemelhava mais à mãe, com cabelos quase negros, traços estreitos e um ar perigoso.

Olhou de relance para Matias, depois de volta para ela. Seu rosto permaneceu neutro, mas ela viu preocupação em seus olhos azuis. Ramona escondeu um sorriso. Não importava quantos anos tivesse, Karion sempre a via como uma criança de cinco anos acompanhando-o em suas aventuras de irmão mais velho.

— Gostariam de um pouco de privacidade? — perguntou Matias.

— Não — disse ela. — Estamos nisso juntos.

Karion olhou para ela. Tendo chegado a um acordo com a existência de Matias, decidiu ignorá-lo.

— Encontrei os idiotas. Você tinha razão: eles reservaram um hotel inteiro.

— Qual? — questionou Ramona.

— Você vai adorar isso. Estão escondidos no Kamen.

Ela riu.

Adra estava cheia de hotéis. De pequenos e decadentes a enormes e palacianos, eles cobriam a cidade, mas Kamen era especial. Era o menor dos sete hotéis na Cidade de Pedras, o bairro histórico onde os edifícios foram esculpidos nas falésias de pedra vermelha.

A tela se dividiu e Kamen apareceu do lado direito. A parede frontal do hotel emergiu da rocha viva de uma montanha imponente, de cinquenta metros de altura e composta por três pisos de grandes dimensões. As colunas ornamentadas flanqueavam as duas entradas e subiam até se encontrar numa varanda do terceiro andar grande o suficiente para sediar um pequeno casamento. Aquelas entradas eram a única maneira de entrar ou sair do hotel. Tudo, exceto a fachada, era bloqueado pela montanha.

Duas paredes, cada uma com trinta e dois metros de altura e seis de largura, empurradas pelos lados do hotel, cortadas na montanha. Uma praça de pedra ficava entre elas. Cada um dos sete hotéis da Cidade de Pedras ficava diante de uma, ladeado por muros altos. Durante o festival, as praças sediavam as danças, uma dança diferente para cada hotel. Os grupos de dança faziam um circuito, movendo-se de um local para o outro, enquanto os turistas os observavam das paredes e os VIPs assistiam as apresentações das varandas do hotel cortadas na rocha viva.

O Kamen era tanto um lugar fácil de defender como horrível de escapar. Também estava em alta demanda durante o festival, reservado com meses de antecedência.

— Como reservaram o lugar inteiro? — indagou ela.

Karion olhou para Matias.

— Drewery. — Matias cuspiu o nome como se tivesse um gosto podre. — Ele fez algum tipo de acordo com os proprietários. Cancelaram todas as reservas, citando necessidades do estado. Devem estar se arrependendo agora, já que a roupa suja do senador está sendo exibida em todos os canais de notícias. Duas investigações do Senado foram anunciadas.

— Os Vândalos devem ter pago uma quantia exorbitante pelo hotel — comentou ela.

Matias se inclinou para a frente.

— Eles reservaram as paredes?

Karion continuou a olhar para Ramona.

— O Kamen é privado, mas as paredes pertencem à cidade. Essas vagas foram reservadas pela comissão do festival de Adra. Alguns foram premiados por realizações culturais e contribuições para a cidade. Drewery não podia tocá-los. — Seu irmão se permitiu um sorriso predatório. — Fica melhor. Durante o festival, os dois túneis que levam às paredes do hotel estão fechados. Os espectadores têm que entrar pela rua através de uma escada, e a segurança da cidade

mantêm o tráfego a pé. A menos que esteja na lista, não vai subir naquelas paredes.

Isso significava que nenhum Vândalo estaria atirando neles do topo das paredes.

— No entanto, há galerias com assentos em ambos os lados da praça, no piso térreo — continuou Karion. — Estão reservadas para os hóspedes do hotel. Se entrar naquela praça, será alvejado de ambos os lados e do próprio hotel. Será uma caixa da morte.

— Tem como conseguirmos vagas nas paredes? — perguntou Ramona.

— Você está preocupada com os espectadores? — questionou Karion.

— Estou preocupada que os Vândalos tentem chegar a um terreno mais alto assim que começarmos a matá-los. A segurança da cidade espera turistas bêbados tentando invadir a festa para dançar com as pessoas bonitas. Não estão preparados para assassinos em combate armados com rifles. Quero colocar alguém naquelas escadas.

Apesar de todo o poder aparente, Drewery não era um kins. As províncias usavam favores, e as velhas famílias de kinsmen tinham muita influência.

Karion esfregou o rosto, pensando.

— Tio Sabor seria a sua melhor opção. Ele deve ter influência suficiente, mas só faria isso se você mesma pedisse.

— Vou fazer a ligação — disse ela.

— Acho que você deve reconsiderar esse plano — declarou Karion. — O risco é muito alto.

— Não temos escolha — rebateu Ramona. — Precisamos recuperar a tecnologia, e atingi-los no hotel é a única maneira de minimizar as baixas.

O irmão olhou para Matias.

— Apenas diga — disse ela.

— Há cinquenta e quatro Vândalos que “solicitaram refúgio” hospedados no Kamen. E um forasteiro.

De repente, ela ficou desconfortável.

— Nome?

— Lukas Dunlap-Whitaker.

O nome a açoitou como um chicote.

Matias cerrou o maxilar por um momento, a linha da boca dura.

— Varden conseguiu um secare de bichinho de estimação.

Karion o ignorou.

— Lukas se apresenta como mercenário, mas é um assassino contratado. É o que faz há quarenta anos e é muito bom nisso. Duzentas e doze mortes confirmadas em seu nome. Quatro deles secare. Ele procura por empregos com alvos secare. Gosta de nos eliminar.

Droga.

— Obrigada — disse ela.

— Pense nisso com cuidado. Você se lembra do que Ray escreveu nas suas notas?

— Ray escreveu muitas coisas — rebateu.

— “Os secare são lobos que conhecem apenas guerra e assassinato” — citou Karion. — Não somos lobos, Ramona. Ainda mordemos e rasgamos, mas só quando é preciso, porque construímos uma boa vida para nós neste planeta. Aquele homem é um lobo. Não vale a pena morrer por certas coisas. Enviei para você a lista dos convidados na parede. Vou esperar pela sua decisão.

Seu irmão tocou a ponta dos dedos nos lábios, roçou a testa e a tela ficou escura.

Ela verificou o arquivo através do implante, olhando para uma fileira de nomes de espectadores. *Droga.* Ela fechou os olhos por um longo tempo. Não havia uma forma de ganhar. Tudo pelo que havia trabalhado tanto oscilava na beira de um penhasco, e ela não sabia como evitar que caísse.

— Fale comigo — disse Matias.

— Primeiro, ainda temos a questão das baixas civis. Quantas pessoas já matou, Matias? Não estou falando de quando estava no espaço. Quantas pessoas já matou em Rada, com o seco?

— Contando os Vândalos?

— Sim.

— Vinte e quatro. Dois em um incidente isolado de espionagem industrial, outros três porque um idiota decidiu fazer seu nome me atacando em público e seus guarda-costas entraram em cena, e o resto

durante a briga com o clã Vinogradov. Eles me testaram depois que assumi a família.

— Trinta e um para mim. Esperavam que você assumisse a família Baena. O ataque a você foi quase uma cortesia. Fui vista como uma substituta de última hora para Karion. Fui testada duas vezes, primeiro pela Rook Trust e depois pela família Le. Todas as vidas que tirei foram em legítima defesa ou retaliação, e mesmo assim já matei pessoas suficientes para toda a vida. Não quero ferir um inocente por acidente. Não quero que alguém seja pego no fogo cruzado. Não posso. Não vale a pena.

Matias se agachou ao lado dela.

— Eu sei. Eu entendo.

— Temos tentado fazer isso na surdina, e não haverá nada de discreto sobre isso. Olhei a lista de convidados. O presidente de Adra estará naquelas paredes. Park Sung Hyo, o senador provincial. Três famílias de kinsmen... Não haverá como esconder que fomos burros o suficiente para deixar nossos cônjuges terem um caso e fugirem com nossa pesquisa. Todos vão saber.

— Talvez isso não seja uma coisa ruim.

Ramona franziu a testa para ele.

— Como? Mesmo se vencermos por algum milagre, nossa posição na sociedade será desintegrada. Isso significa mais rixas, mais sangue.

— Nesse exato momento, há tropas estrangeiras no solo deste planeta trazidas por um senador corrupto. Eles ameaçaram os cidadãos de Rada, nos atacaram e agora estão planejando comprar tecnologia roubada de duas famílias kinsmen. Se não fossemos nós, se fossem os Escana, ou os Vinogradov, ou qualquer outra família kinsmen, e você soubesse que estavam prestes a enfrentar os Vândalos, você os ajudaria?

— Claro. Somos todos kinsmen de Dahlia.

— Eles mereceriam seu respeito, mesmo que tivessem sido traídos por pessoas em quem confiavam?

— Mereceriam.

Ele sorriu para ela.

— Estamos em Adra. Todos apreciam um bom show. Dançando em Kamen Plaza ou dois kinsmen secare recuperando sua propriedade e honra das tropas estrangeiras exterminadoras. Qual show você ia

preferir assistir se fosse o prefeito de Adra?

Uma luz fraca apareceu no final do túnel escuro em sua cabeça. Ela foi em direção a isso.

— Vamos ganhar pontos por estilo, se nada mais.

— Não é a traição — disse Matias. — É como lidamos com ela. É a nossa confusão. Esconder não é mais uma opção, então vamos cuidar disso na frente de todos. Não nos escondemos, não nos esgueiramos: nós damos um jeito no problema, e garantimos que nenhum expectador o esqueça.

Ramona sorriu.



Matias se esticou, esfregando o joelho. O amplificador de cura havia cuidado do inchaço e da maior parte da dor, deixando para trás apenas o eco de uma dor maçante. Era a quarta noite na floresta. No dia seguinte seu povo iria buscá-los. Teriam vinte e quatro horas para se prepararem em Adra. O plano era complicado. Ele teria gostado de duas semanas para testá-lo, mas mesmo assim, não poderia recriar as condições de batalha. Daria certo ou não.

Ele tinha ligado para a tia depois que Karion contou do secare. Pediu um favor, e depois perguntou de Angelo Baena.

— A menina lhe disse — disse Nadira. — Bem, ela é um secare. Ela sabe onde enfiar a faca.

— É verdade?

— Sim.

— Por que ninguém me disse?

— Culpe o seu bisavô — rebateu ela. — Depois desse segundo confronto, ele purgou todos os registros. Não queria que as gerações futuras crescessem com a vergonha da família. Eu só sei porque ele tinha esquecido de alguns bancos de dados que deixou em um antigo depósito, e eu os encontrei quando eu tinha uns 12 anos. Isso abalou o meu mundo. Nem meu pai sabia.

— Você deveria ter me dito.

— E de que adiantaria? Angelo Baena não era um renegado sem coração, Matias. Ele fez o que fez porque fazia parte de um par

sincronizado, e quando a unidade deles se retirou de uma das batalhas finais, deixaram Angelo e a mulher que ele amava para trás. Eles abandonaram os dois, Matias. Ele sobreviveu; ela não. O diário dele fará sua alma sangrar. O homem não queria dinheiro. Queria vingança, parou porque tinha feito a Ray Adler o mesmo que Ray Adler tinha feito a ele, e isso não o fez se sentir melhor. Se arrependeu todos os dias da vida. É história antiga. Deixe para lá.

— Seria como se fosse dividido em dois.

— O quê?

— Perder seu par. Como ter uma metade sua amputada.

Ela o encarou com os olhos penetrantes.

— Você e a menina Adler se sincronizaram?

Ele hesitou por meio segundo. Parecia trair a confiança de Ramona, como compartilhar algo que pertencia apenas aos dois. Porém, mais cedo ou mais tarde, suas famílias teriam que saber, porque ele não tinha intenção de desistir de Ramona.

— Sim.

Nadira olhou para ele. A tia era a pessoa mais próxima de uma mãe que ele tivera desde que sua própria mãe o abandonou. Estar na extremidade receptora daquele olhar era como se lançar ao sol.

— Tem certeza?

— Tenho.

— Seis gerações desde a última sincronização, e você forma um par com sua inimiga de longa data?

Inimiga de longa data foi um pouco exagerado, mas ele não queria discutir.

— Sim.

Nadira olhou para ele por mais um bom tempo.

— Por que nada pode ser simples com você, Matias?

— Porque a vida é complicada.

Ela exalou e acenou para ele.

— Vá. Pratique. Trabalhe para alcançar a harmonia. Eu preciso rezar.

Ele praticou até sentir que o corpo cederia. Depois que terminou, trabalhou em coisas que teriam que ser resolvidas no dia seguinte, porque não queria pensar em se transformar em Angelo

Baena.

Matias desviou o olhar do acordo de divórcio no tablet à sua frente. O sol já tinha se posto há algum tempo. Ao redor deles, a floresta respirava. Enxames de vaga-lumes roxos meandravam pelo ar, hipnotizando pontos de luz contra o índigo e o azul-marinheiro da floresta. Era lindo como apenas a selva intocada pelos humanos poderia ser.

Ele olhou para Ramona empoleirada na rampa do templo. Estava inclinada sobre o próprio tablet. O cabelo escuro solto se derramava no ombro em uma cortina macia.

Precisavam de mais treino. Precisavam de mais tempo.

Ela ergueu a vista como se sentisse seu olhar. Matias sacudiu o tablet para ela.

— Eu te mostro o meu se me mostrar o seu.

Ramona passou o tablet para ele sem um sorriso.

Ele o encarou.

— Uma anulação? Depois de quatro anos?

— Ele vai dar para mim. — A voz dela vibrou com dureza.

— Por que não um divórcio?

— Um divórcio é quando duas pessoas não conseguem fazer a parceria funcionar. Nunca fomos parceiros.

Ele lhe devolveu o tablet.

— Me fale dele.

Ela olhou para o céu noturno.

— Gabriel é o típico “segundo filho”. A família dele tem uma frota de carga. O avô construiu, o pai melhorou, a prima mais velha administra. Ela administra bem, muito bem. Há cinco anos, o irmão mais velho de Gabriel tentou organizar um golpe de família. Achou que tinha mais direito que a prima. O pai deles escolheu a prima como sucessora por uma razão, e quando o irmão de Gabriel fugiu com um terço da frota, ela pediu ao meu pai para resolver o problema. Do jeito secare.

— Ele fez? — Matias já sabia a resposta, mas queria ouvi-la dizer isso.

— Fez. Meu pai nunca aceitaria dinheiro pelos seus serviços.

— Só traidores fazem trabalho mercenário.

Ela suspirou.

— Você não é um traidor, Matias. Angelo Baena era, mas você não é ele. De qualquer forma, meu pai troca favores. Nesse caso, era um favor bem grande, e ele queria um favor igualmente significativo em troca. Rada precisava se tornar uma parada permanente na rota comercial deles, e nossa família teria a garantia de espaço de carga em qualquer um dos navios parando aqui, sem perguntas, com um desconto bem acentuado. Eles concordaram com a condição se eu me casasse com Gabriel, convenientemente tirando-o de cena antes que alguém na família decidisse usá-lo para um segundo golpe.

— O que o seu pai estava enviando?

Ramona deu-lhe um olhar de soslaio.

— E você não adoraria saber?

— O imposto de exportação de transmissores relucyte é de trinta por cento — disse Matias. — É bastante proibitivo. Claro, seu pai não podia estar transportando relucyte. Isso faria dele um sonegador de impostos. Como os carregamentos eram rotulados? Ah, me lembrei: modificadores de transistor de baixo grau.

Ramona pegou uma pedra e jogou nele.

— Valeu a pena? — perguntou ele.

— Não. Eu não queria me casar com Gabriel, mas meu pai ameaçou me exilar, e ele era teimoso o suficiente para cumprir a ameaça. Karion tinha acabado de perder o braço e Santiago continuava a entrar em brigas idiotas e a criar problemas legais. Eu precisava ficar. Um ano depois, forcei meu pai a se aposentar.

Matias achava que o pai dela tinha se aposentado pacificamente.

— Como conseguiu isso?

— Tive ajuda da minha mãe. Ela queria se aposentar há muito tempo. E meu pai não resistiu muito. Estava na casa dos cinquenta quando nos teve. No momento em que assumi, ele havia trabalhado em nome da família por setenta e dois anos. No dia seguinte à sua aposentadoria, estávamos fora do negócio dos relucyte.

— Como ele reagiu?

— Para minha surpresa muito bem. Ele acreditava na prova de fogo. Nos tempos antigos, meu pai me jogava junto com meus irmãos num poço com lobos para lutar por sobras para nos deixar mais fortes. Mais tarde, ele me disse que eu tinha sido muito passiva. Um

casamento forçado me faria entrar em ação de repente. Quando eu o derrotei, se confirmou na cabeça dele que tinha feito tudo certo. O relucyte já não era problema dele. Ele se acostumou com a aposentaria imposta. Vez ou outra ele me liga e me incomoda pedindo netos.

— Por que não teve nenhum? Você gosta de crianças.

— Eu não queria ter filhos de Gabriel.

A finalidade nas palavras dela o atingiu.

— Não é porque ele não queria. Gabriel teria adorado ter uma pequena versão de si mesmo. Foi um castigo.

Por dentro, Matias recuou. Nunca havia entendido por que ele e Cassida não tinham filhos. Eles dormiram juntos muitas vezes, pelo menos nos primeiros dois anos. Nenhum deles era infértil. Agora ele sabia: Cassida não queria ter filhos. Ela o tinha descartado.

— Que tipo de homem é Gabriel?

Ramona suspirou de novo.

— Encantador. É fácil falar com ele. Gabriel te recebe com um sorriso acolhedor e genuíno. Ele faz com que você sinta que está muito feliz em te ver e muito interessado no que você tem a dizer. Você fala com ele por quinze minutos, e meia hora depois não consegue se lembrar o que discutiram, mas vai ficar com essa vaga sensação agradável. E se alguém lhe perguntar dele, você vai dizer que Gabriel é um cara muito legal.

Aquilo explicava muita coisa.

— No início, tentei dar a ele um cargo na empresa. Nada importante, só o suficiente para mantê-lo ocupado. Ele tinha um bom escritório e a própria equipe. Brincou de homem de negócios por uns três meses. Ele se distraía durante as reuniões, forçava os subordinados a tomar decisões por ele, e não deu nenhuma direção à equipe, mas encantou as quatro funcionárias e dormiu com elas. Uma delas tinha quase três vezes a minha idade.

— Por quê?

Por que um homem casado com Ramona estaria com outra pessoa?

— Porque ele podia. Trair é patológico para ele. Eu o substituí na surdina e lhe disse para desviar a atenção das funcionárias da família. Ter o seu marido dormindo com todas as mulheres que trabalham para você tende a prejudicar a posição de alguém.

Ele conhecia kinsmen que teriam matado por menos.

— E ele alguma vez tentou justificar as ações?

Ela balançou a cabeça.

— Não senti que precisava. A primeira vez, quando eu estava com raiva e magoada, ele esperou até que eu desabafasse o suficiente, me deu aquele sorriso encantador e me disse que tinha feito reservas para um jantar especial no dia seguinte.

— Você foi? — Ele apostaria sua vida que não.

— Não.

Uma sombra cintilou no rosto dela. Gabriel a tinha magoado. Ela escondeu rápido. Ramona era uma mulher orgulhosa, mas Matias tinha visto o nó de dor, indignação e tristeza que por um momento torceu a boca e entorpeceu os olhos. Ele teria que tomar cuidado em Adra. Se pusesse as mãos em Gabriel, o desejo de torcer o pescoço do homem poderia ser tentador demais. Ramona não se importaria de ser viúva, mas ele não podia privá-la da satisfação que sentiria quando fizesse o marido assinar a anulação.

— Gabriel concordou com o casamento porque a alternativa era, nas palavras dele, “muito confusa” — disse ela. — Pensei que se não pudéssemos amar um ao outro, pelo menos poderíamos tentar ser uma equipe, já que estávamos presos juntos. Depois da briga, sabia que nunca seríamos um casal. Por isso aceitei levar vidas separadas. Eu o deixei confortável.

Por alguma razão, essa palavra o deixou violentamente zangado.

— Por que não se divorciou dele?

Ela lhe deu um sorrisinho triste.

— O acordo que meu pai assinou tem uma opção de não concorrência de dez anos. Se eu me divorciar de Gabriel antes desse prazo, a família dele cancelará os meus contratos de transporte. Se eu tentar contratar uma companhia de navegação diferente, vou dever ao primo dele uma enorme quantia em dinheiro em compensação. Isso prejudicará financeiramente a nossa família.

Ele tinha um mau pressentimento.

— E se Gabriel morrer?

— Engraçado você perguntar. Se Gabriel morrer, eu também serei multada. Embora essa multa seja um décimo do valor que teria de pagar se me divorciasse. A existência dele é inconveniente para a família de Gabriel. Eles o querem morto sem sujar as próprias mãos de

sangue. Esperam que eu o mate para me libertar.

A raiva cresceu nele.

— Seu pai...

— Como eu disse, ele achou que eu era muito mole. Essa foi a sua lição sobre escolhas difíceis.

Ele não tinha certeza de quem queria estrangular mais: o pai ou o marido de Ramona.

Os olhos dela estavam claros, o olhar duro.

— Eu não vou fazer isso. Não permitirei que me obriguem a matar outro ser humano. Só eu decidirei de quem é a vida que escolho tirar.

Gabriel era o homem mais burro da galáxia.

Ramona suspirou.

— Meu plano era esperar o contrato terminar. Assim que recebemos a pesquisa seco, percebi que era a maneira perfeita de colocar as finanças da família numa base sólida. Precisávamos encontrar algo para substituir o relucyte, e o seco era a oportunidade ideal. Me joguei no trabalho.

Ele conhecia aquela sensação.

— Não esperava nenhuma lealdade conjugal — continuou. — Dei a Gabriel muito dinheiro e toda a liberdade que ele podia lidar. Tudo o que ele precisava fazer, literalmente, a única coisa que precisava fazer, era ser leal à família. E foi incapaz de fazer isso. Sabe como ele conseguiu os nossos arquivos, Matias? Ele entrou no centro cibernético, sorriu e baixou. Ninguém prestou atenção nele. Nós o rotulamos como inofensivo e inútil por tanto tempo que ninguém nem sequer questionou o direito dele de estar lá. Ele saiu com toda a nossa pesquisa. Esse é o homem com quem me casei. E agora cansei. Já não me importo com a família de Gabriel ou com as multas. Só quero me livrar dele.

Ela estaria livre dele nem que fosse a última coisa que Matias fizesse.

Ramona encolheu os ombros como se tentasse tirar uma roupa de contenção.

— É a sua vez.

— Eu precisava de uma lei.

— O embargo tecnológico do sexto nível — adivinhou ela. —

Foi você?

Ele assentiu.

— O desenvolvimento do seco exigia a importação de agitadores de partículas Kelly. Não havia outra solução. Levaria dezoito meses para construí-los no lado do planeta, oito meses para montar a fábrica e o resto para montagem. Não tínhamos tempo nem recursos para isso, mas podíamos comprá-los por uma fração do custo. Mexi uns pauzinhos para obter a proposta de suspender o embargo direto no Senado, mas Drewery e a coligação política dele não deixaram o projeto passar.

A surpresa que a atingiu foi como um tapa na cara.

— Você se vendeu a Drewery para a pesquisa seco, e nós e os Davenport nos beneficiamos com isso.

Ele sorriu.

— Parece ruim quando você fala desse jeito.

Ela passou as mãos no rosto.

— Pelo amor da galáxia, Matias, por que não pediu ajuda? Podíamos ter nos juntado aos Davenport. Temos conexões políticas...

— Você teria ajudado o renegado?

— Pelos geradores seco? Sim, eu teria. Teria torcido os braços da minha família até que seus cotovelos estivessem virados para trás.

— Influenciar políticos teria levado tempo. Drewery era garantido.

— Como foi essa conversa? Vou forçar uma lei se você se casar com a minha filha?

— Basicamente. Eu sabia que ele era corrupto, embora não tivesse ideia do quanto. Isso descobri depois. Meu plano inicial era suborná-lo. Nos conhecemos. Ele deve ter visto algo que gostou, porque me ofereceu Cassida na hora.

Ela balançou a cabeça e, quando falou, pareceu amarga.

— Pelo menos eu tenho uma desculpa, Matias. Meu pai me obrigou a fazer isso. Já você fez isso com você mesmo.

— Não, tomei uma decisão estratégica. Não me pareceu um negócio ruim. Eu teria que casar mais cedo ou mais tarde. Cassida é linda, inteligente e encantadora.

Ramona levantou as mãos.

— Cassida te traiu!

— Eu não disse nada sobre a lealdade dela. Conversei com ela antes do noivado. Expliquei que a vida de um kins está cheia de perigo, que um dia eu poderia não voltar para casa, e se tivéssemos filhos, talvez dependesse dela criá-los sozinhos. Tentei deixar claro que trabalhava longas horas, mas prometi que arranjaría tempo para nós dois e se ela estivesse com algum tipo de problema, faria tudo ao meu alcance para consertá-lo. Eu disse que se ela não quisesse casar comigo, não precisava. Eu me certificaria de que o pai dela não a forçaria, embora cinco minutos assistindo Drewery e sua filha tornassem muito óbvio que ele nunca a forçou a fazer nada em toda a sua vida. Perguntei o que ela queria do casamento.

Ramona tinha um olhar estranho no rosto. Ele não sabia como interpretar.

— Acredite ou não, ela disse que me queria. Estava entusiasmada em ser minha esposa, no aspecto tradicional do termo. Nós nos dávamos bem.

Ramona soltou um grunhido.

— Bem, é claro que ela estava entusiasmada... Não importa. Por favor, continue.

— Parecia que todos alcançariam seus objetivos. Eu tinha conseguido uma esposa adorável e a lei que tanto precisava, Drewery tinha um genro kins, e Cassida teria um marido que a manteria no estilo de vida ao qual havia se acostumado. Foi só depois de nos casarmos que todos percebemos que ninguém tinha o que queria. Exceto os agitadores. Nós conseguimos isso.

Ele balançou a cabeça. Em retrospecto, tudo parecia idiota.

— Drewery provou ser uma enorme responsabilidade — continuou. — Tudo o que ele tocava estava contaminado.

— E Cassida? — perguntou Ramona.

Ele olhou para as estrelas, sentindo a familiar tensão desagradável inundar seus músculos.

— Sou uma decepção para ela.

— Como *você* poderia ser uma decepção? — Ela parecia insultada em nome dele.

— Pensei que tínhamos conversado das expectativas antes do casamento. Acontece que não fui levado a sério. Cassida e a mãe me viam como alguém que precisava de remodelação. Um homem que,

com orientação e direção adequadas, se tornaria tudo o que elas queriam.

As sobranceiras dela se juntaram.

— E o que elas queriam?

— Alguém completamente diferente.

Ramona esperou que ele esclarecesse.

Matias levou um segundo para encontrar as palavras certas. Nunca discutira aquilo com ninguém. Nem planejou, e colocar a confusão de pensamentos e emoções em frases completas exigia esforço. Doía.

— Não entendi qual era o problema no início, então quando Cassida começou a reclamar, tentei fazê-la feliz. Ela disse que queria fazer algo compensador. Ofereci um cargo na empresa, mas ela recusou. Cassida decidiu fazer caridade, então lhe dei um orçamento. Ela gastou um pouco, mas estava cada vez mais infeliz. Pensando bem, teve pistas, pequenas coisas que na época pareciam insignificantes. Ela reclamou que outra pessoa havia conseguido um lugar no conselho de caridade em vez dela. Eu me compadeci.

Ele percebeu que sua voz estava ficando mais alta. Havia engarrafado a frustração por tanto tempo que agora rompia. Forçou a voz para um tom uniforme.

— Ela queria que eu participasse de um jantar com um senador provincial, mas eu estava muito ocupado. Eu lhe disse para ir sozinha. Ela teve um ataque, o primeiro de muitos. Ela não podia ir sozinha, eu tinha que estar lá. Por que eu não conseguia entender uma coisa tão simples?

Ramona balançou a cabeça.

— Ela compreendia o conceito de administrar uma empresa familiar?

— Só quando se tratava dos negócios da família dela. — Suas palavras transbordavam amargura. Era óbvio que suas tentativas de alcançar o distanciamento estavam falhando.

— Política?

— Sim. Ela decidiu dormir em quartos separados. — Ele fez uma pausa. Ainda doía depois de todo esse tempo. Havia pensado que tinha superado. — Dei espaço a ela. Quanto mais tempo passava, mais eu sentia que havia algo que eu não estava entendendo. Por fim, ela perdeu a paciência e me explicou.

— Ah, mal posso esperar — resmungou Ramona.

— Ser a esposa de um kins, mesmo que próspero, não era prestigioso o suficiente. Cassida queria estar casada com um homem com “poder”.

Ramona começou a rir.

De repente, ele se sentiu mais leve, como se a risada dela tivesse de alguma forma cristalizado o absurdo da declaração e naquele momento era tudo o que podia ver.

Matias sorriu de volta.

— A percepção dela de poder foi moldada por sua educação. Apesar de toda a sofisticação exterior, Cassida é bastante protegida. Os esforços de caridade eram uma maneira de entrar nos escalões superiores da sociedade, mas ela não tinha o tipo de recepção que a mãe desfrutava. Os melhores lugares iam para os cônjuges de políticos. Para ser valorizada, para ser importante, ela tinha que oferecer acesso útil, e ninguém que importasse a ela queria ter acesso a mim. Eu precisava me tornar *alguém*, um homem que podia conceder favores e mexer pauzinhos. Ela queria entrar e ter cada cabeça virada na sua direção.

— Ela alguma vez perguntou o que você queria? Você comunicou que atender às exigências dela o faria infeliz?

— Sim. Estou chegando nisso. Cerca de seis meses atrás, Drewery nos convidou para um jantar em família, durante o qual me foi explicado que um cargo de senador júnior estava prestes a ser aberto e o lugar era garantido para mim. Falei que não estava interessado. A mãe de Cassida exigiu saber quando eu iria crescer e começar a fazer o que era melhor para todos. Eu lhe disse que se ela falasse assim comigo de novo, seria a última vez que nos encontraríamos cara a cara. E depois fui embora. Cassida se encontrou comigo na nossa casa. Você sabe o que é ter um ataque de fúria? Naquela noite, tive uma demonstração visual do que isso significava. Ela gritava, jogava coisas, chorava. Eu a envergonhei na frente dos pais. Eu era inútil, burro e ingrato por todos os pauzinhos que o pai dela tinha mexido. Ela odiava cada momento que tinha que ficar no quarto comigo porque eu era tão insuportavelmente denso que ela queria me bater até eu começar a sangrar.

— Ela é psicótica. — Ramona balançou a cabeça. — Se ela tivesse feito isso com Gabriel, ele teria dado a ela o que quisesse. Ele não foi feito para esse tipo de pressão implacável. Ele teria apenas desistido e feito o que ela queria.

Ele olhou para ela.

— Ah.

Eles compartilharam alguns minutos de silêncio.

— Então, o que aconteceu? — perguntou ela.

— Depois que ela terminou de gritar, eu disse que havia escolhido meu caminho. Eu tinha responsabilidades e metas. Trabalhei duro para tornar a minha família segura e próspera. Eu não era uma criança. Não precisava ser conduzido ou consertado. Não ia sacrificar o futuro da minha família e a minha própria paz de espírito para agradá-la ou à família dela. Se queria a pompa do poder que tanto desejava, cabia a ela alcançá-la por conta própria. Eu a apoiaria nessa busca. Cassida me disse que não era isso que ela queria e que eu era um ser humano horrível. Falei para esperar os papéis do divórcio pela manhã.

Ele se sentiu exausto só de se lembrar disso. Foi uma noite que ele nunca quis repetir.

— E, no entanto, você ainda está casado — disse Ramona, sua voz resignada.

— Ela se juntou a mim para o café da manhã na manhã seguinte. Estava desconsolada e arrependida. Disse que estava sob muita pressão dos pais. Que não queria o divórcio. Que me amava e queria fazer o casamento dar certo. Concordei em lhe dar seis meses.

— Por quê?

Ele se perguntou a mesma coisa inúmeras vezes nos últimos meses.

Matias soltou um suspiro profundo.

— Porque ela chorou e estava triste.

Ramona o encarou.

— Eu era o marido dela. Era minha responsabilidade cuidar dela, assim como era responsabilidade de Cassida cuidar de mim. O casamento é um compromisso. O mínimo que podia fazer era tentar encontrar algo em comum. Concordamos que eu daria maior importância às suas necessidades e, em troca, ela tentaria entender o que me fazia feliz. Chegámos a um estado de cessar-fogo. As coisas estavam calmas.

E, percebeu naquele momento, ele se contentou com aquela calma.

— De vez em quando jantávamos juntos, às vezes dormíamos juntos, me certifiquei de reservar tempo para os convites que ela queria que participássemos, e ela parou o ataque implacável da maneira como vivia minha vida. Éramos cordiais. Eu estava... ocupado. Muito, muito ocupado. Sabia que cedo ou tarde Drewery se tornaria um problema, então tomei as medidas necessárias, mas colocar o gerador seco em funcionamento importava mais na época. Pensei que tudo estava resolvido até a manhã em que você entrou no meu escritório.

Ramona sorriu para ele.

— Você é um bom homem, Matias Baena.

— Mas um marido terrível — disse ele, suas palavras uma mistura de autodepreciação e confissão.

Ela balançou a cabeça.

— Não. Tudo o que aprendi sobre os Drewery até agora me diz que eles são uma família que planeja a longo prazo. Os kinsmen impõem respeito, mas não costumamos nos envolver na política. A família de Drewery está no planeta há apenas quatro gerações. Acha que as raízes dele são superficiais. Ele nasceu e foi criado aqui, mas não entende que não é por quanto tempo você está na província: é seu comportamento que faz de você um Dahliano. Ele queria a autenticidade da antiga família Dahlia, e a única maneira de obtê-la era casar a filha com um kins.

— É verdade.

— Não tem muitos kinsmen solteiros que são chefes de família — disse ela. — A maioria está noivo quando atinge o final da adolescência em nome de alguma aliança familiar. Os meus avós foram até outro planeta para encontrar um secare para o meu pai se casar. E aqui estava você, com 28 anos, à frente da sua família, com uma sólida base financeira e muito poucos segredos sujos. Você foi um prêmio. Aposto qualquer coisa que foi tópico de discussão na mesa de jantar deles muito antes de Drewery decidir de repente se preocupar com as importações do setor de tecnologia. Você foi pesado, medido, dissecado e considerado digno, e então iscado e preso.

Ele já havia considerado a possibilidade antes, mas a descartou.

— Parece muito trabalho para me pegar.

As luas gêmeas haviam subido alto no céu, o grande disco de Ganimede brilhando com um tom verde e a menor e mais brilhante irmã Prateada transbordando uma luz clara na floresta.

Ramona se inclinou para a frente, os olhos arregalados.

Ao seu redor, flores de estrela floresceram, brilhando com um tom branco delicado. As pétalas se esticaram para fora, abrindo as grandes flores em forma de sino cada vez mais largas. Diante deles, a maior flor tremeu uma vez, e uma fonte de esporos dourados brilhantes se ergueu no ar, flutuando na suave brisa noturna.

Outra flor libertou os esporos, depois outra. O bosque brilhava com ouro. Uma única faísca brilhante pousou no cabelo de Ramona.

— Você disse que seria muito trabalho. — A voz de Ramona era suave e melancólica. — Eu teria tido muito mais trabalho para te pegar. Você não faz ideia de como é raro, Matias. Um homem que é competente, inteligente, atencioso, leal... Um homem que bloqueia uma explosão sônica para que você possa escapar e joga o braço para protegê-la durante uma colisão. Que mulher não iria querer você, Matias?

Todo este tempo ele disse a si mesmo que Ramona estava fora dos limites. A corrente em que se pôs partiu. Matias a queria mais do que qualquer coisa, e esperava desesperadamente não estragar tudo.

Matias se preparou e foi em frente.

— E você?

Ela ergueu a cabeça e olhou para ele, e Matias viu a resposta.

Matias diminuiu a distância entre os dois num piscar de olhos.

Ele a envolveu com os braços, esmagando-a nele. O corpo dela era incrível, forte, flexível, mas macio, da mesma forma que sentia quando dançavam. O mero toque da pele de Ramona o dominou, destruindo a lógica e a razão. Nada mais importava a não ser ela. Matias enterrou a mão direita no cabelo dela, respirou seu cheiro e a beijou.

A conexão entre os dois incendiou, arrebatando através dele como uma explosão. Seus sentidos entraram em sobrecarga. Matias sentiu Ramona derreter contra seu corpo, o calor dela, o sabor da língua, a fragrância do cabelo... Parecia que ele tinha esperado por ela toda a sua vida sem perceber, e agora que a encontrou, nunca mais a soltaria.

Ramona se afastou dele. Foi um movimento pequeno e gentil, mas o cortou como uma faca. Ele olhou para o rosto dela e viu lágrimas nos olhos.

— Eu não posso — sussurrou ela. — Não podemos. Ainda somos casados.

Ele não se importava.

— Me solta, Matias.

Isso quase o matou, mas ele abriu os braços e a viu se levantar e ir embora para a floresta cintilante.

Capítulo 9

A cidade de Adra reluzia como uma joia à beira de uma chama. O céu se tingia de um roxo profundo, sinalizando o fim da noite, enquanto as propriedades ao redor se entregavam ao crepúsculo. Entretanto, a própria cidade brilhava como se fosse dia. Inúmeras lâmpadas, tochas simuladas e lanternas mantinham a escuridão à distância. Multidões alegres fluíam pelas ruas, saboreando iguarias dos vendedores, soltando pipas reluzentes e pintando o ar com uma profusão de cores brilhantes, uma luminosidade efêmera destinada a desvanecer com a chegada da aurora.

Ramona deslizava entre a multidão, consciente da presença de Matias a seu lado. Sua saia translúcida brincava com as cores, imitando os reflexos de uma opala; clara na cintura, salpicada de tons de verde e vermelho que dançavam sob a luz, desvanecendo-se em um carmesim profundo na bainha. O top branco complementar revelava seus braços e barriga. Seu cabelo fluía livremente sobre os ombros, segurado por um delicado diadema adornado por um véu diáfano na cor carmesim, sutilmente afastando os fios do rosto. Em outras circunstâncias, ela teria optado por um traje mais prático, mas eles precisavam do elemento surpresa. A cidade demandava o kruga no Kamen Plaza, e o kruga exigia véus, saias em degradê e a exposição da cintura.

Valia a pena observar Matias no traje tradicional. Ele vestia uma camisa branca que delineava seu peito, uma calça justa branca enfiada em botas carmesins que alcançavam seus joelhos, e um colete longo, quase como um casaco sem mangas, com a bainha dividida em três partes até a metade da coxa. A luz das lâmpadas brincava com os músculos definidos de seus braços nus, atraindo olhares avaliativos de várias pessoas enquanto passavam. Não era surpresa, afinal. Ele parecia um herói saído de uma saga da Primeira Onda, exceto pelo cabelo curto que quebrava a ilusão. Se ao menos estivesse preso em um rabo de cavalo que alcançasse a cintura. Sim, o cabelo era sem dúvida um problema, assim como a expressão séria no rosto do homem.

— Você vai parar de fazer careta? — murmurou ela. — Devíamos estar nos divertindo.

— Me sinto um idiota.

— Você parece bem. Sorria, Matias. Talvez acabe gostando.

Ele rosnou baixinho.

Um alerta pulsou na mente dela. Karion estava chamando. Ela atendeu, murmurando as palavras.

— Alô?

— Eles estão aqui.

Uma imagem se desdobrou em sua mente: Gabriel e Cassida atravessando o Kamen Plaza, seguidos por oito guardas. Seu marido exibia um gibão azul-escuro, os fios loiros desalinhados. Ela permitiu-se um breve instante para observar seu rosto: bronzeado, sorriso radiante, nenhum sinal de preocupação em seus olhos azuis. Ao lado dele, Cassida irradiava tensão, os lábios comprimidos em uma linha fina, enquanto Gabriel parecia se divertir muito. Ela quase poderia recitar seus pensamentos, talvez até palavra por palavra: *Que festa encantadora, olhe todas essas pessoas bonitas como nós, em breve seremos recompensados e então partiremos para um lugar novo e emocionante...*

Ela rangeu os dentes.

Outra visão: Cassida puxando Gabriel para perto, a exasperação estampada em seu rosto.

É isso, querida. Ele é assim. Não se preocupe, estamos a caminho e logo tudo estará resolvido.

Eles aceleraram ao mesmo tempo. Matias devia ter recebido o mesmo relatório de sua equipe.

Consideraram brevemente armar uma emboscada na praça e resgatar seus cônjuges, mas com os guarda-costas, o risco de vítimas era alto demais. Os Vândalos não desistiriam. Eles cobiçavam a tecnologia seco e a única forma de detê-los era eliminá-los. Permitir que Gabriel e Cassida se juntassem a eles reuniria todos os alvos num local conveniente do qual não poderiam escapar com tanta facilidade.

A rua contornou de leve um platô estreito que se erguia como uma lâmina de pedra sobre a cidade. Eles avançaram pela multidão até chegarem ao Kamen Gap, um estreito desfiladeiro entre dois platôs. A multidão diminuiu. Todos sem reservas seriam barrados na entrada da praça e, por um momento, estavam sozinhos, avançando rápido pela passagem, lanternas âmbar esféricas brotando das paredes de pedra viva e iluminando seu caminho.

Todas as preocupações dela se dissiparam. Os últimos vestígios de tensão que se agarraram aos seus ombros desde que viu a gravação da traição do marido sumiram. A partir daquele momento, tudo se

simplicizou: viver ou morrer, vencer ou perder tudo. Tudo seria decidido naquela noite. Ela se sentiu leve, forte e preparada.

Matias segurou e apertou sua mão. Ramona agarrou seus dedos, buscando a mesma conexão que haviam sentido enquanto dançavam. Uma energia pulsava entre eles, unindo-os verdadeiramente, sem disfarces ou pretensões, e ela se inclinou para essa poderosa corrente, ansiosa por testá-la.

A entrada da praça se aproximava, suas paredes laterais projetando-se como as mandíbulas de uma fera imponente. Eles caminharam em direção a ela, ainda de mãos dadas.

Um casal se beijava à esquerda, uma mulher loira e um homem parcialmente oculto por uma capa longa e clara. Ao passarem, o homem ergueu a cabeça e ela encontrou os olhos de Karion. Continuaram seu trajeto.

— Meu irmão tem uma namorada — murmurou ela, perplexa.

— Ou alguém disposto a beijá-lo — disse Matias. Os imensos portões de pedra surgiram diante deles. Uma trupe de dança já estava lá, casais se unindo do lado de fora dos portões, trajando roupas semelhantes. Matias e Ramona se juntaram aos dançarinos. Uma mulher de cabelos escuros assentiu para Matias.

Um tambor começou a tocar, ritmado e suave, prenunciando o que estava por vir. O primeiro par de dançarinos entrelaçou as mãos e passou pelo portão ao som da batida.

Flautas se uniram, entrelaçando-se com o tambor. Um por um, os casais de dançarinos adentraram a praça.

Os instrumentos de corda juntaram-se à melodia. O ritmo acelerou.

O último dos dançarinos atravessou o portão. Era a vez deles. Matias ergueu a mão. Ramona colocou seus dedos entre os dele. A conexão fluiu entre os dois e eles deslizaram para dentro da praça.

Um quadrado de pedra de trinta metros se descortinou diante deles. Paredes texturizadas se erguiam dos lados, terminando em parapeitos adornados onde espectadores se assentavam em pequenos grupos em mesas baixas. Uma mulher mais velha, vestida com um deslumbrante amarelo, os observou. Nadira, a tia de Matias, estava sentada à mesa com o prefeito de Adra. Ramona virou-se para a direita e viu o tio Sabor sorrindo para ela da outra parede.

Bem à frente, a fachada do hotel emergia do penhasco, colunas e relevos esculpidos com tal precisão que pareciam revestidos de

veludo. Oito pessoas se sentavam na varanda: Varden, dois tenentes, um homem imponente atrás deles e, à direita, Gabriel e Cassida acompanhados por dois guarda-costas.

Na base das muralhas, os Vândalos estavam reunidos em pequenos grupos sobre as tradicionais mantas acolchoadas. Desarmados e sem armaduras, mas os cortes de cabelo idênticos e postura rígida os denunciavam.

Onde estava o secare de Varden?

O primeiro par de dançarinos girou para a praça, movendo-se em um grande círculo. O segundo se seguiu. Um a um, os casais pegaram o ritmo e se juntaram a um turbilhão humano coreografado. O par à frente deles entrou. Ramona contou até três na cabeça, e ela e Matias giraram no círculo de dançarinos, tomando o seu lugar.

A mão de Matias sob seus dedos estava firme como pedra. Ele pegou sua cintura e ambos se moveram, girando, girando, se separando e se juntando em perfeita sincronia. Ela contou os Vândalos pelas paredes enquanto percorria a praça com Mathias. Os convidados estavam todos ali.

Um círculo em volta da praça. Dois...

Ela respirou fundo e olhou para Matias. Seus olhares se encontraram. Um fogo ardente e selvagem dançou em seus olhos. Se ele tivesse presas, as teria exposto e uivado. A excitação a consumiu. Se esperassem muito, ela explodiria.

À medida que se preparavam para concluir o terceiro círculo, a música aumentou. O par à frente deles deslizou para o lado, saindo suavemente pela entrada.

O grupo de Vândalos estava bem na frente deles, quatro homens bebendo algo de copos altos de cristal.

Um grupo de quatro Vândalos estava bem à frente, bebendo em copos altos de cristal. Matias a puxou rapidamente, impulsionando-a na direção deles. Os dedos dele se soltaram e ela avançou em direção aos soldados, liberando o seco de seus braços em lâminas gêmeas. Ela cortou o homem à sua esquerda e, antes que a cabeça deslizasse do pescoço, cortou o crânio do outro soldado, atingindo-o com o seco bem abaixo da orelha. O topo da cabeça voou, lançando sangue no ar. Antes que os dois restantes percebessem o que havia acontecido, os esfaqueou no pescoço em um único impulso preciso e continuou se movendo.

Os outros dançarinos ainda estavam girando, fugindo da praça par a par, e suas saias esvoaçantes e coletes voadores lhe deram

alguns segundos de cobertura do outro lado da praça. Ninguém daquele lado viu a morte, e ela estava se movendo tão depressa.

Os três Vândalos na manta seguinte não tiveram tempo de reagir. Os olhos do mais próximo se arregalaram, e então Ramona estava em cima deles, cortando a pele e os ossos como manteiga.

Tiros ecoaram à esquerda, mas Matias apareceu, protegendo-a com o escudo seco. Ela pintou uma linha sangrenta na garganta do terceiro soldado. Matias a pegou, e juntos continuaram a atacar.

O grupo seguinte se levantou, três Vândalos, os olhos arregalados, puxando as armas de baixo das mantas.

Era a vez dela de proteger. Ramona liberou o escudo seco, enquanto Matias caiu sobre eles. Ficaram de costas um para o outro. Os campos de força dela engoliram o golpe de energia que chegava, o impacto reverberando nos braços. Matias atacou. Desviou, cortou e golpeou. Acabou em segundos.

Os Vândalos na outra parede cessaram fogo. Os soldados restantes ao seu lado se retiraram e formaram uma linha silenciosa, bloqueando as duas entradas para o Kamen. A música acabou.

Um aplauso lento ecoou pela praça. Na varanda, Varden se levantou. Gabriel olhou para ela, de boca aberta. O rosto de Cassida estava branco.

Durante todo o casamento, Gabriel nunca havia visto o seco em ação. Ele testemunhara treinamentos, mas nunca a brutalidade do combate real. Jamais vira a seção transversal de um corpo humano revelada quando o seco o cortava. Jamais havia sentido o cheiro do interior de uma pessoa exposta ao ar assim tão de repente. Ramona tinha certeza de que Cassida havia sido poupada dessa experiência. Matias não iria querer traumatizá-la.

Este era o lado que nem ela nem Matias haviam compartilhado com os cônjuges. O lado assassino, implacável, alimentado e treinado desde a infância. O rude despertar devia tê-los chocado.

— Nada mal — disse Varden.

Ele não era ingênuo. Devia ter percebido que nenhum rosto na parede demonstrava surpresa, mas permanecia inabalado.

Virou-se e dirigiu-se à porta que dava para a varanda.

Um homem atravessou a linha de Vândalos. Vestia um traje de combate preto, ajustado e fluido sobre seu corpo, como uma pintura. Os músculos delineavam sua estatura alta. Com pele pálida e cabelos castanhos curtos, quando Ramona o encarou, viu o mesmo fogo

predatório que lembrava da unidade secare original. Isso a envolveu e, por um momento, ela não conseguiu focar em mais nada.

Varden rompeu a linha dos soldados, posicionando-se ao lado de Lukas.

— Você me fez esperar uma semana por isso? — Lukas assentiu para eles.

— Valeu a pena.

— Vou cobrar o dobro.

— Traga os braços deles intactos e eu pago.

Seu cérebro atordoado finalmente processou a situação. Os dois pareciam idênticos: corpos magros e musculosos sem qualquer traço de suavidade, queixo quadrado, olhar impiedoso, altura semelhante... gêmeos.

Gêmeos.

Os dois irmãos se separaram, circulando-os de direções opostas. Seus instintos entraram em ação. Ela virou para a esquerda, encarando Lukas, enquanto ele se movia entre as pedras. Matias ficou às suas costas, seguindo Varden pela direita. Os gêmeos se moviam com habilidade, sem sinal de perturbação. Seus olhos não exibiam excitação.

— Você parece macia — comentou Lukas.

Ela permaneceu em silêncio.

— Macia e lenta — acrescentou Lukas.

Tudo bem. Ramona olhou para ele como se Lukas fosse um pedaço de lixo que ela precisava limpar.

— Você vendeu suas habilidades para um açougueiro, assim como Leland. Sua linhagem é podre. Vamos acabar com sua vergonha hoje.

Ele riu.

— Mostre.

Ela sentiu o movimento de Matias, o poder comprimido no corpo dele se transformando. A conexão entre eles a queimou, e Ramona se moveu junto sem nem pensar, sabendo onde ele colocaria os pés e em que direção atacaria.

Duas rapieiras seco carmesim dispararam dos braços de Lukas. Ele as ergueu quase rápido demais para acompanhar. Seu próprio seco

explodiu dos braços de Ramona em espadas retas curtas. Ramona se inclinou para fora do caminho, esmagou a lâmina direita no seco de Lukas, forçando os braços para baixo e cortou a garganta dele com a espada esquerda. Ele dispensou o seco e saltou para trás. Ela tinha errado por milímetros.

Varden martelou em Matias com golpes pesados e poderosos. Matias bloqueou, afastando o braço direito de Varden e saiu do caminho.

Lukas convocou dois sabres curvos finos, convidando-a a persegui-lo. Em vez disso, ela deslizou para o espaço que Matias havia desocupado, erguendo uma rapieira seco no braço direito e atacando o lado exposto de Varden.

Varden saltou para trás, evitando a lâmina por um triz.

Matias atacou Lukas e se retirou.

Ramona roçou contra Matias, a ligação entre os dois atravessando-a como uma corrente de fogo. Eles ainda estavam de costas. Apenas trocaram de adversários. Toda a movimentação durou uma fração de segundos.

Lukas a examinou e foi para a esquerda. Ramona se virou para seguir os movimentos dele. Matias se mexeu com ela.

— Um par sincronizado— disse Lukas com uma voz entrecortada.

— Você finalmente notou — comentou Varden.

— Nunca matei um par sincronizado.

— Eu disse que valeria a pena.

Matias atacou.

Ramona sentiu a intenção dele e ergueu dois escudos redondos. Varden a atacou com um turbilhão de golpes e cortes, mudando o tamanho e a forma de suas lâminas com velocidade. Ela o bloqueou num frenesi controlado. Ele bateu como um cargueiro espacial. Os braços dela estremeceram sob a pressão. Um pequeno erro e ambos morreriam.

Atrás dela, Matias lutava, rápido, preciso. Ela se moveu junto, às cegas, colocando toda a sua confiança na conexão que compartilhavam. Ramona sentiu Lukas atacar e conhecia o contra-ataque de Matias. Enquanto Lukas açoitava e esfaqueava com crueldade calculada, procurando uma abertura, Varden a atacava, tentando dominá-la com pura força e ferocidade.

Eles pensam que eu sou o elo fraco.

Se Varden pudesse destruí-la com aquele bombardeamento, Matias seria pego entre os gêmeos. Pensavam que ela não duraria. Eram forasteiros. Nenhum dos irmãos jamais subiu quinze quilômetros por uma montanha carregando uma mochila pesada e foi instruído logo em seguida a voltar se quisesse água.

Bem-vindos a Dahlia. Nenhum de vocês sairá daqui vivo.

Matias atacou com o seu seco esquerdo, curvando-o no meio do ataque.

Lukas esmagou a curta lâmina seca na espada de Matias e empurrou com a outra, formando um espigão estreito. Matias se inclinou para a direita, ela foi junto, e o seco errou por cinco centímetros, tão perto que viu o vermelho profundo e furioso pelo canto do olho.

Uma agonia ardente atingiu seu ombro. O cheiro de sangue disparou pelo ar e, por um momento, não sabia qual deles havia se ferido.

Matias. Lukas havia acertado o braço dele de raspão. Ele estava ferido, mas ela não sabia dizer o quanto. Podia ser um arranhão, ou o braço podia estar pendurado por um fio.

Lukas rosnou como um animal e lançou uma enxurrada de ataques, lançando-se contra o lado ferido de Matias. Varden a atacou, cada golpe com a intenção de fazê-la titubear. O mundo derreteu em combate.

Atacar, cortar, desviar, proteger, golpear, atacar...

Ela não tinha ideia de quanto tempo havia passado, mas todos estavam ficando cansados. Sua respiração estava difícil. O suor apareceu na testa de Varden. A pressão de combinar os movimentos estava minando sua força. Aquilo era diferente de qualquer luta que já havia vivenciado.

Ele avançou nela, mirando seu peito. Ela formou dois escudos redondos e os empurrou na sua frente.

Varden ergueu o seco, as lâminas pesadas se transformando em rapieiras. Elas deslizaram entre seus escudos, curvaram-se e Varden puxou, travando o próprio seco com o dela e tentando desequilibrá-la. Ramona abandonou o escudo esquerdo e se libertou, depois o transformou em uma lâmina larga e chicoteou. Ele atacou com o outro seco, jogando todo o peso no golpe. O braço dela tombou. Ela viu a outra lâmina chegando, mas não havia tempo para evitá-la. Em uma

tentativa de bloqueá-lo com o escudo, ela torceu o braço.

Não rápido o suficiente. A lâmina vermelha de Varden desviou do seco dela e cortou seu antebraço direito.

Ramona recuou; Matias se mexeu com ela. Sangue quente encharcou seu braço, escorrendo para as pedras. Ela colocou o seco direito num escudo, e o campo de força vermelho obedeceu. O braço ainda se mexia. Ele não tinha atingido nada vital.

Varden sorriu para ela.

A raiva a inundou, quente. Fervente. Não a sua, mas a de Matias fluindo através da conexão. Precisava acabar com aquilo.

Varden saltou. O mundo desacelerou, cada segundo se prolongando, cada linha de seu corpo bem nítido. Ele transformou o seco em lâminas curvas estreitas que percorriam todo o comprimento dos antebraços como duas cabeças de machado grandes. Ela o viu acima deles, sabia que Varden colidiria, mas não tinha para onde ir. Ela ergueu os escudos, pronta para o impacto. Ele a derrubaria. Não havia dúvida.

Abaixe.

Não era uma voz ou um pensamento. Era um impulso, e não veio dela.

O seco gêmeo bateu em seus escudos, o peso total de Varden atrás deles.

Em vez de se preparar, ela se abaixou e deixou que ele a empurrasse de joelhos. O rosto de Varden pairava sobre ela, vermelho por causa dos escudos seco. Os dentes dele estavam à mostra, os olhos ardendo com um fogo louco e faminto. Parecia demoníaco.

Matias contorceu o corpo. Um raio vermelho que se projetou dele formou uma longa lâmina delgada e tocou a garganta de Varden. Ela deixou cair o seco, girou em torno das pernas de Matias em um agachamento e empurrou o seco direito para cima, cortando a virilha e o estômago de Lukas em uma única facada devastadora.

Lukas entrou em colapso num jorro de sangue e entranhas, atrás do corpo caído de Varden, que segurava o pescoço em uma tentativa fútil de conter o sangue derramado de uma segunda boca que Matias abria em sua garganta.

Acabou. Ela estava tão cansada.

O silêncio era ensurdecedor.

Um segundo se passou. Outro...

A multidão rugiu.

Matias lhe ofereceu a mão. Ela a agarrou e se levantou.

Matias deu um passo em direção a Varden. O secare caído ainda estava vivo, apertando a garganta.

— Comboio Nicola. Oito anos atrás.

Os olhos de Varden se arregalaram.

— Kurt Sommers e a sua tripulação estão te esperando do outro lado. Avise que eu mandei um oi.

Ele cortou a garganta de Varden. A cabeça e os dedos decepados rolaram para longe.

À quinze metros, a linha de Vândalos olhava para o comandante decapitado.

— Matem! — rugiu uma voz da varanda.

Ramona ergueu os escudos numa fração de segundo antes que a carga de energia dos Vândalos os atingisse.

— Ramona? — perguntou Matias, bloqueando o bombardeio ao lado dela.

— Como você está?

— Bem. E você?

Ela apertou os dentes contra a dor que vibrava no braço.

— Nunca estive melhor.

— Ótimo. Vamos acabar com isso.

Eles se moveram em conjunto, atacando a linha de Vândalos diante deles, protegidos do fogo cruzado pela massa dos corpos dos soldados. Avançaram, se viraram, atacaram o grupo na outra parede, voltaram e passaram pelas portas da frente. Depois subiram as escadas e entraram na varanda.

Os dois oficiais de Varden e um terceiro soldado estavam à esquerda; Gabriel e Cassida no fundo, à direita.

O enorme soldado Vândalo puxou um imenso canhão contra o peito. O lançador de plasma disparou com um toque revelador. Ela correu para a direita, Matias para a esquerda. A carga de plasma pousou entre eles numa brilhante explosão de branco.

Ela correu para a frente, virando-se em ziguezague. À direita, Matias passou pelo grupo e voltou. Eles caíram sobre os três Vândalos restantes como lâminas de tesouras se fechando. Os três tinham

implantes de combate. Nenhum lutou direito, e quando ela cortou o último ao meio, vê-lo cair foi quase uma reflexão tardia.



Matias dispensou o seco e se endireitou. A dor no ombro era lancinante. O seco tinha apenas tocado sua pele, mas deixou um corte de dez centímetros que ardia como fogo. Alguns milímetros para o lado e ele já teria sangrado até a morte.

Ramona espetou a seringa de primeiros socorros no seu braço. Ele não se opôs. Uma corrente fria fluiu através das veias, acalmando a dor.

— Ai — disse ele.

Ela revirou os olhos. O sangue encharcava o antebraço direito e enrugava as costas da mão dela. A raiva o atingiu da mesma maneira que durante a luta, quando percebeu que a haviam machucado. Jamais deixaria que alguém a machucasse de novo.

Ela o viu olhando para o braço e deu de ombros.

— Acontece.

— Deixa eu ver.

Ela levantou o braço. Não parecia nada bem.

— Você precisa de um paramédico.

Ela fechou o punho.

— Está tudo bem. Estou cheia de coagulante e analgésicos. A mesma coisa que te dei. Pare de olhar para o meu braço, Matias. Temos assuntos inacabados.

O quê?

Ah.

Ele se virou para a esposa. O guarda-costas ao lado dela segurava a arma de fogo pelo cano com dois dedos, abaixando-a para o chão.

— Vou dar o fora.

Matias olhou para o guarda restante.

— E você?

— Também. — O guarda-costas decolou quase correndo, contornando os corpos ensanguentados. O amigo o seguiu.

Cassida olhou para ele, o rosto branco como papel.

— Olá, querida.

O olhar dela foi para os corpos.

— Você... matou todos eles. Você é um assassino.

— Sim.

— Não pode me matar, Matias. Meu pai...

— Já saiu do sistema, imagino. Em desgraça. Ou você não vê as notícias?

— Foi você — sussurrou ela. — Você arruinou tudo.

— Foi. — Ele sentiu uma tremenda satisfação ao proferir aquela única palavra.

Ela o encarou.

— Como ainda está vivo? Tantas pessoas tentaram matá-lo.

O tom de Cassida era perplexo, como se realmente não conseguisse entender por que Matias estava parado na frente dela. Não havia frustração, nem raiva, apenas surpresa. Percebeu que ela estava em choque.

Sua mulher o queria morto. Uma semana atrás ele teria sentido algo, algum respingo de emoção amargurada, mas já não importava mais.

— Você devia morrer. Por que não está morto?

Ele gesticulou para a praça abaixo pintada de vermelho com sangue.

— Porque matei todos.

Aos poucos, ela se virou para a praça, depois se encolheu.

— Olhe com bastante atenção — disse ele.

— Não quero — sussurrou ela.

— Isso é o que é um secare. É o que fazemos. Você e a sua família nunca entenderam.

Ela deu um passo para trás. O horror contorceu seu rosto. Comparado com as pessoas com quem ela tinha dormido por esse acordo, ele era um santo. Porém, não era o momento de explicar isso a Cassida.

— Os arquivos. — Ele estendeu a mão.

Ela não ofereceu resistência.

— Eu os dei a Varden.

Ele pisou no corrimão da varanda. Abaixo, o povo dele e o de Ramona se moviam pelos corpos espalhados pela praça. Ele ligou para o implante de Solei.

— *Nossos bancos de dados estão no corpo de Varden.*

Solei saiu da multidão e dirigiu-se para o cadáver de Varden. Do outro lado, Karion fez o mesmo.

Matias se voltou para a esposa. Um pouco de cor voltou ao rosto de Cassida.

— É só com isso que se importa, não é? Sua empresa idiota, sua pesquisa maluca. Eu fugi com outro homem e você nem se importa.

— Pelo contrário, eu me importo muito.

— Você...

— Quieta — interrompeu ele.

Ela estremeceu e fechou a boca.

Solei emergiu da escada para a varanda, carregando um tablet. Assentiu.

— Dados recuperados.

Karion havia realizado a mesma manobra, oferecendo o próprio tablet à irmã. Ramona o pegou. A expressão dela tinha se fechado. O olhar era monótono.

Matias queria caminhar até ela, abraçá-la e sussurrar em seu ouvido que estavam vivos e que tudo ficaria bem. Em vez disso, abriu o acordo de divórcio no tablet e colocou na mesa, na frente de Cassida.

— Assine.

Ela ergueu o queixo. As mãos tremiam.

— E se eu não assinar? Vai me matar?

— Quer mesmo continuar casada com um assassino que arruinou o seu pai?

Ela fechou os olhos, cerrou os punhos e o encarou.

— Quero um acordo. Está no nosso contrato. Eu tenho o direito...

— Não. — Seu corpo foi tomado pela fúria, mas ele manteve o controle.

— Matias...

— Você roubou da minha família. Me traiu. Não vai conseguir nada de mim.

Ela recuou.

— Não se preocupe — disse Gabriel. — O pagamento de Varden deve ser suficiente.

Cassida se virou para ele.

— A transferência nunca foi feita.

Gabriel franziu a testa.

— O que quer dizer?

— Não tem nada na conta — disse ela. — Eu tenho olhado, e não tem nada. Não houve transferência.

Aquilo doeu.

— Não teria transferência — explicou Matias. — Eles poderiam ter honrado a palavra se seu pai tivesse permanecido útil, mas, sem ele, você não tem influência.

— Esses homens matam crianças para diversão pessoal — retrucou Ramona. — Eles massacram civis. Por que deveriam pagar quando atirar na sua cabeça é bem mais barato e provavelmente mais satisfatório? Você não fez nenhum dever de casa básico para pesquisar com quem estava lidando?

Cassida abriu a boca, olhou para Matias e engoliu em seco.

— O que devo fazer agora?

— Eu não sei, e não me importo — disse ele. — Minha paciência está acabando. Assine, Cassida. Antes que eu perca a paciência.

Ela pegou o tablet, assinou o nome e selou com a impressão digital. O tablet piscou em verde. O divórcio foi arquivado.

Ramona se virou para o marido.

Gabriel deu à esposa um sorriso tímido. Matias precisou de todo o seu autocontrole para não socar a cara do homem.

— Acho que é hora de ir para casa — falou Gabriel.

— Não.

A voz de Ramona cortou como uma lâmina seco. Ela empurrou o tablet para Gabriel.

Ele pegou e estudou a tela. Sua expressão entristeceu.

— Minha família não vai gostar disso.

— Sua família pode se foder. — Ramona soou impiedosa. — Vou enviar para eles a gravação do seu roubo, seu adultério e tudo isso. São bem-vindos para vir ao planeta e falar comigo.

Gabriel olhou para ela.

— Você está tão zangada.

— Assine — ordenou ela, entredentes.

— Vamos conversar — pediu ele. — Eu não quero voltar. Podemos fazer com que isso dê certo.

— Nunca deu certo. Você nunca tentou.

— Nós nos divertimos.

— Você me traiu!

— Foi uma coisa bem pequena. Sei que não deveria ter ido embora, mas ela era bonita e persuasiva.

— Seu covarde filho da mãe — rosnou Cassida.

— Foi uma aventura interessante. Agora estou pronto para voltar para casa. Já não é divertido.

Ramona fez um barulho sufocante.

Gabriel sorriu outra vez, o sorriso fraco de uma criança mimada que levaria sua bronca sabendo que nenhuma consequência real se seguiria se ele esperasse.

— Nunca quis fazer mal. Eu não teria deixado o planeta.

Ramona o encarou. Era um olhar severo e predatório, e irradiava tanta ameaça que penetrou até o crânio grosso de Gabriel.

Ele deu um passo curto e hesitante para trás, a expressão mais confusa do que assustada. Era óbvio que não tinha medo de Ramona. Devia ter se convencido de que não importava o que fizesse, ela não o machucaria porque ele era mais fraco que ela e Ramona consideraria indigno feri-lo. Foi como se safou de tudo, Matias percebeu. Apenas evitou se apresentar como uma ameaça, e tentava fazê-lo outra vez bem ali.

— Assine a anulação, Gabriel. Você é uma corrente no meu pescoço, e estou cansada de carregar seu peso morto. Eu me apressaria

se fosse você, antes de decidir me libertar.

A expressão de Gabriel ficou mais triste e um pouco irritante.

— Eu não quero — disse ele. — Ficarei sozinho.

Foi mais do que Matias poderia suportar. Ele agarrou o homem pela garganta, arrastou-o pela mesa e o segurou no nível dos olhos.

O alarme disparou nos olhos de Gabriel.

Matias abriu a boca e pronunciou cada palavra com clareza.

— Eu vou te quebrar.

O alarme explodiu em medo. Gabriel se virou para Ramona, os olhos arregalados. Ela o observou, sem fazer qualquer movimento para ajudar.

Matias agarrou a garganta com mais força e apertou até ver o momento exato em que Gabriel percebeu que nenhuma ajuda viria. Ele agarrou a mão de Matias. Matias o segurou por mais um segundo e depois jogou Gabriel no chão aos pés de Ramona. Ela estendeu o tablet.

— Assine.

Gabriel assinou a anulação e a selou.

Ramona encarou o tablet como se estivesse mergulhado no esgoto. O irmão dela deu um passo à frente, pegou o aparelho e o enfiou no gibão. Depois socou a mandíbula de Gabriel. Os olhos rolaram para trás e ele caiu como um tronco. Karion sorriu.

— Satisfez a sua vontade? — perguntou Ramona.

— Em grande parte. Esperei anos por isso. — Karion inclinou a cabeça de leve para a irmã. — Só lamento não ter conseguido fazer antes. Nossa aeronave está pronta.

Não. Matias deu um passo à frente. Seus instintos lhe disseram que se a deixasse ir embora, a perderia.

— Me deixa te levar para casa.

Ramona hesitou.

— Ele é um Baena — disse Karion com calma, um aviso vibrando na voz.

Ramona deu a ele um longo olhar. Matias prendeu a respiração.

— Eu sei — respondeu ela. — Temos algumas coisas para discutir. Te vejo em casa.

Karion suspirou e olhou para Matias.

— Ela é a chefe da família, mas também é minha irmãzinha. Você vai levá-la para casa antes do nascer do sol, caso contrário começarei uma guerra amanhã.

Ele se virou e foi embora.

Ramona olhou para Matias.

— Estou pronta.

Eles caminharam juntos pela varanda em direção às escadas. À esquerda, no alto de uma cordilheira distante, uma estrela explodiu como um fogo de artifício.

A voz de Solei ecoou pela praça.

— O navio de guerra Vândalo se recusou a se render. Em vez de confrontar a nossa esquadra, eles detonaram a unidade. Não há sobreviventes.

Os espectadores nas paredes se levantaram e aplaudiram.



Ramona fechou os olhos, sentindo a leve vibração do veículo aéreo cortando o ar.

Depois de deixar o Kamen Plaza, eles pararam em um pequeno hotel reservado pelo pessoal de Matias. Ela conseguiu tomar banho e trocar de roupa, e um médico remendou seu braço. Com um curativo, a agonia ardente da lâmina seco era só uma memória distante.

Enquanto ela tomava banho, Karion enviou a imagem de um grande naufrágio brilhante que costumava ser o navio de guerra Vândalo. Caberia aos diplomatas e aos políticos resolver as consequências. Ela e Matias tinham feito a parte deles.

Ramona olhou pela janela. Estavam voando sobre a floresta, o céu noturno infinito e profundo acima dos dois.

Matias não disse uma palavra desde que embarcaram no transporte. Um leve cheiro de bálsamo dos cabelos úmidos se espalhou pela cabine.

— O templo — disse ele.

Ela viu os fios prateados luminosos da cúpula lá embaixo. Mais

cedo ou mais tarde aquele voo terminaria, e tudo estaria acabado. Nunca mais se sentaria ao lado dele. Nunca o ouviria chamar seu nome ou sentir seus braços fortes a envolvendo.

— Matias?

— Sim?

— Não estou mais casada.

Ele virou o veículo aéreo em uma curva eletrizante.

— Nem eu.

Eles pousaram no terraço. Ramona abriu o cinto e ele estava ali, inclinado sobre ela. Ela tocou sua bochecha, a barba por fazer escura afiada sob os dedos. Olhou nos olhos dele e o beijou. Ela se dedicou ao beijo com todo o seu ser – seu desejo, seu desespero, sua necessidade esmagadora de amar, mesmo que apenas uma vez, um homem que era digno disso.

Ela sentiu o momento exato em que ele perdeu o controle. Matias a espremeu contra seu corpo, levantando-a pela metade do assento. Segurou o cabelo dela com a mão direita e a beijou como se fosse morrer se não o fizesse.

Ramona arrancou as roupas dele. Eles giraram na cabine, esbarrando nos assentos e nas paredes, incapazes de se soltarem. Suas costas bateram na porta do porão de carga. Ele a prendeu bem perto, a mão esquerda tateando às cegas em busca do sensor na parede. Ela lhe passou as mãos pelo maxilar, pelos cabelos e braços. Queria mais, e quase chorou com a necessidade e o desespero. Matias beijou seu pescoço, mordiscando sua pele. O calor elétrico explodiu por todo o seu corpo, até a ponta dos dedos. Ramona gemeu.

Ele a ergueu sobre os quadris, o pau duro se enterrando no lugar certo do seu corpo. Ramona lambeu a garganta dele, bem acima da carótida, o lugar onde um pequeno corte acabaria com uma vida. Ele a agarrou com mais força e a apertou. Ela o lambeu de novo, sabendo que era a única em todo o planeta que ele permitiria tocá-lo ali.

A porta se abriu. Matias tropeçou no porão de carga e a colocou no chão. As mãos dele agarraram sua túnica. Ele a ergueu por cima da cabeça, prendeu seus pulsos com a roupa e lambeu o seio esquerdo. O calor repentino no mamilo franzido enviou outra sacudida por seu corpo, e a conexão entre eles explodiu, uma torrente de sensação que queimou cada pelo num instante. Ela o acolheu, abrindo-se sem reservas, e sentiu Matias fazer o mesmo.

Eles sincronizaram, e a conexão entre os dois ganhou vida.

O prazer inundou Ramona. Ela gemeu e arqueou as costas. Ele prendeu seus braços, deslizando uma coxa firme entre suas pernas e a beijou outra vez, chupando o botão enrugado, o polegar roçando o outro. Sua respiração saiu em suspiros excitados.

Um calor insistente começou a crescer entre suas pernas. O poder da conexão dos dois estalava nela, enviando pequenos choques por seu corpo sempre que se tocavam.

Ele a acariciou como se a amasse, como se cada vez que a provasse fosse um presente.

Incapaz de aguentar mais, Ramona empurrou a mão dele. Matias a soltou. Ela puxou a roupa dos braços e gesticulou para as dele. Ele arrancou a camisa. Seu corpo era perfeito, rígido e forte, cada músculo moldado pela luta e pela prática. As calças dele se foram, e então ele estava nu e enorme – e todo dela. Matias a puxou para mais perto, tirou as calças dela e as jogou de lado. Por um momento, ele estava acima dela, de joelhos, com os olhos em chamas.

Ramona sentiu a respiração presa na garganta. Olhou para ele; não tinha como desviar o olhar. Adorava tudo nele. Cada linha do corpo áspero, cada cicatriz. Tudo. O desejo nos olhos de Matias a deixava tonta. Nenhum homem jamais tinha olhado para ela daquela forma. Não imaginava que aquilo era possível.

— Ramona... — A voz dele era um rosnado irregular.

Ela o puxou, passando as mãos nos músculos fortes de suas costas, e sussurrou em seu ouvido:

— Por favor.

Ele a penetrou. Era o paraíso, e ela ofegou. O comprimento duro a preencheu, e ele deu outra estocada, metendo num ritmo selvagem e rápido. Ramona o acompanhou, se deliciando com cada impulso. A conexão entre eles vibrou com poder e ela se derreteu, saboreando-o com pura felicidade.

Ele alternou o peso do corpo, arrastou seus quadris para mais perto, dobrou as pernas e penetrou. Nada mais importava. Ele fazia amor do jeito que lutava, dando tudo de si, e ela o encontrou no meio do caminho naquele lugar febril onde só os dois existiam.

A pressão dentro dela aumentou. Ramona estremeceu e atingiu o clímax, afogando-se em êxtase. O corpo de Matias tremia acima do seu, rígido de tensão, e ele gozou.

Eles ficaram juntos, o veículo aéreo silencioso exceto pelo som

da respiração. Aos poucos, ele se moveu e foi para o seu lado. Ela se agarrou nele, apoiando a cabeça nos bíceps esculpidos, e fechou os olhos.

Chuva tamborilava o teto do transporte.

Acabou.

Precisavam voltar para as suas vidas. Pensar nisso doía. Ela tentou imaginar deixá-lo ir e não conseguiu.

— Case comigo — disse ele.

O quê?

Ramona ergueu a cabeça para o rosto dele. Matias não poderia ter dito o que pensou.

— Case comigo — repetiu.

Ramona se sentou e abriu a boca. Todos os sentimentos conflitantes tentaram sair de uma vez e, muda, ela o encarou.

Os olhos dele estavam claros e resolutos.

— Não me importo com o que meu antepassado fez há trezentos anos. Não fui eu. Eu não fazia parte disso. Você não fazia parte disso. Ninguém que estava lá naquela época continua vivo hoje. É uma história antiga. Estou apaixonado por você. Não me deixe.

Ela por fim conseguiu fazer a boca funcionar.

— Você está falando sério?

— Nunca falei tão sério, e como sou eu, isso não é pouca coisa.

Sim, sim, sim... Ramona pisou nos próprios freios. Não se tratava apenas dela. Se tratava também dele, da vida dele, da família dele.

— E se não for real? — perguntou ela. — O que acontece quando a adrenalina passar e você se arrepender?

— Nunca vou me arrepender. — Ele jurou como se fosse um voto.

Se ele acabasse se arrependendo, se decepçõessem um ao outro, doeria tanto que ela não tinha certeza de que sobreviveria.

— Matias...

Ele parecia desesperado, como um homem cuja vida estava por um fio.

— Sei disso mais do que qualquer coisa. Nunca vou me cansar.

Nunca vai passar. Não sou dado a decisões precipitadas. Isto é real, eu sei. Eu sinto. Sei que você sente o mesmo. Fique comigo. Diga sim, Ramona, e prometo que nunca se arrependerá.

Ela precisava dizer não. Eles se conheciam há menos de uma semana. *Não* era a resposta mais prudente, a mais cuidadosa, a que manteria a paz em ambas as famílias, que daria a ambos a chance de conseguirem ser felizes...

Não haveria felicidade para ela sem Matias.

— Sim — disse ela. — Eu me caso com você.

Ele sorriu e Ramona riu. De repente, ela se sentiu tão leve e livre, como se asas tivessem crescido em seu corpo. Matias era tudo o que ela queria, e ele a amava. Ele era dela, aquele homem que a fez perder a cabeça. E ela era dele.

— Você é louco.

— Talvez. Você se importa?

— Não.

Ele a beijou. Foi um beijo carinhoso que prometeu amor e cuidado, e ela acreditou.

Eles se deitaram. Ramona se aconchegou ao lado dele.

— As famílias ficarão furiosas.

— Confia em mim? — perguntou ele.

— Confio.

— Então a única pergunta é: o quanto seu tio favorito te ama?

Epílogo

Um mês depois

As duas famílias se entreolharam furiosas do outro lado da mesa de conferências, os Baena à esquerda e os Adler à direita.

Matias examinou o encontro, parando em Ramona sentada à sua frente. Ela manteve o olhar perfeitamente neutro.

Aquele mês tinha sido pura tortura. O plano dependia deles ficarem longe um do outro. Ele não sabia que um mês poderia parecer mais longo que um ano. Se não fosse o frenesi dos preparativos, teria enlouquecido.

À cabeceira da mesa, Haider Davenport pigarreou.

— Queridos amigos...

Todos na mesa se assustaram.

Damien Davenport deu ao marido um longo olhar.

— Me perdoem. Ele tem um estranho senso de humor. Como todos sabem, estamos aqui para discutir a aquisição hostil da Incorporação Adler pela Corporação Baena. Devo lembrá-los de que todos concordaram com um encontro pacífico neste terreno neutro no nosso escritório.

— Além disso, essa mesa é cara — acrescentou Haider. — Por favor, não quebrem.

Matias se inclinou para a frente.

— A partir de hoje, possuo cinquenta e um por cento da Incorporação Adler. Isso me dá o controle acionário da empresa.

Karion e Santiago Adler o encararam com ódio explícito, ambos por um triz da violência.

— E como obteve essas ações? — perguntou Karion entredentes.

— Vendi minha participação para ele — disse Ramona. — Por um crédito.

Toda a linha de batalha Adler se voltou para ela. Silêncio reivindicou o local.

— Por quê? — gaguejou Santiago.

Ela não respondeu.

— Espere um minuto — disse uma das tias. — Você é dona de quarenta e nove por cento. De onde vieram os outros dois por cento?

— De mim — disse Sabor Adler.

Os Adler fizeram outro pivô. O lado Baena parecia bastante presunçoso, incluindo a tia de Matias, que sorria como um tubarão-serpente prata.

O tio favorito de Ramona deu de ombros.

— Ele foi muito convincente.

— Vocês dois enlouqueceram? — exigiu o outro tio. — Agora aquele filho da puta do Baena vai controlar as duas empresas, a dele e a nossa.

Ramona pigarreou.

— Na verdade, isso não é bem verdade. Ele só controla uma empresa. Eu possuo cinquenta e um por cento da Corporação Baena. Comprei de Matias por um crédito.

Seria possível ter ouvido um alfinete cair.

— Matias! — disse Nadira no silêncio que se seguiu. — Por que você vendeu nossa empresa para Ramona Adler?

— Porque é costume trocar presentes de noivado antes do casamento — disse ele.

Todos gritaram ao mesmo tempo.

Matias se levantou, contornou a mesa e ofereceu a mão a Ramona. Ela pousou a mão na dele e sorriu para as duas famílias. A conexão entre eles acendeu, tão forte quanto ele se lembrava. Foi como voltar para casa após uma longa e terrível viagem, e ele sorriu para ela como bobo.

— Os contratos de casamento estão nas suas caixas de entrada — disse Ramona. — Assinamos e arquivamos essa manhã. Divirtam-se aceitando isso. Temos um encontro agora no almoço.

Os dois se dirigiram para a saída.

— Ele é um renegado! — rosnou Santiago.

— Seus filhos terão o nome Baena! — Karion gritou.

— Matias Baena! — A voz de Nadira cortou os gritos. — Volte aqui! Quando é o casamento? Você não pode fugir! Vai envergonhar

O...

A porta se fechou, cortando a palavra seguinte.

— Quando perceberem que não estão mais competindo pelos geradores seco, haverá bem menos gritos — disse Matias.

— Teremos que dar a eles o casamento. — Ramona suspirou. — Um pequeno preço a pagar. Sofreremos por isso, e então escaparemos numa longa lua de mel.

Ela olhou para ele.

— Para as províncias?

— Sim. O acordo com os Davenport foi finalizado, e o plano para a fusão das duas equipes de pesquisa está em vigor. Ainda temos três semanas de verão. Herdei uma casa de veraneio incrível. É perto do lago, e tem um pomar de cerejas.

Ela riu.

— Aonde vamos?

— Almoçar. Encontrei este pequeno lugar no Terraço Bronze. Eles fazem as melhores casquinhas de amor.

Matias Baena abraçou a mulher que amava. A conexão entre eles zumbiu, silenciada por enquanto, mas inquebravelmente forte. Caminharam até o elevador de mãos dadas. Pela primeira vez na sua vida adulta, ele sabia que tanto ele quanto sua esposa estavam perfeitamente felizes.

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de agradecer à maravilhosa equipe da Montlake por ter transformado a nossa história num livro. Agradecemos a Alison Dasho por sua orientação editorial e paciência; a Cheryl Weisman pela gestão da produção, aperfeiçoamento e dedicação para garantir que tudo fosse feito a tempo; a Susan Stokes por sua edição minuciosa; a Sylvia McCluskey por sua revisão; a Kris Beecroft por sua direção de arte; a Lindy Martin do Faceout Studio pelo design da capa; e a Luisa J. Preißler pela linda ilustração da capa original.

Como sempre, nada disso seria possível sem Nancy Yost, nossa agente, e as pessoas incríveis da NYLA.

Por fim, gostaríamos de agradecer aos leitores beta que sofreram com as versões desajeitadas deste manuscrito com toda a paciência do mundo e ofereceram suas sugestões: Louise McCoy, Katie Heasley, Francesca Virgili, Loredana Carini, Harriet Chu e Wendi Adams. Agradecimentos especiais a Jeaniene Frost – a gente “enfiou uns sentimentos nele” –, Jill Smith e Mod R pela incrível sugestão que melhorou drasticamente a luta final.

Sobre a Autora

“Ilona Andrews” é o pseudônimo de um casal de escritores. Ilona nasceu na Rússia e Gordon é um ex-sargento de comunicações do exército norte-americano. Ao contrário do que muitos pensam, Gordon nunca foi um agente secreto com licença para matar, e Ilona nunca foi a espiã russa misteriosa que o seduziu. Eles se conheceram na faculdade, na aula de Introdução à Escrita, na qual Ilona tirou notas melhores (e Gordon ainda está chateado com isso).

Gordon e Ilona moram atualmente no Texas com os dois filhos e muitos cachorros e gatos. Os dois escreveram quatro séries best-sellers do *New York Times* e *USA Today* de fantasia e romance paranormal.